

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo

Estudos sobre a mulher emergente da nova classe média brasileira:
gênero, família, escolarização, trabalho e profissão

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo

Estudos sobre a mulher emergente da nova classe média brasileira:
gênero, família, escolarização, trabalho e profissão

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada a Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

SÃO PAULO

2014

Banca Examinadora

À minha querida irmã, Mara,

Que não por acaso se chama Maria Auxiliadora.
Que auxilia a todos, em todos os momentos,
Que, vindo antes de mim, me auxiliou, desde pequena,
E continua a me auxiliar, agora,
Em hora tão significativa de minha vida adulta,
Com ações concretas e com seu companheirismo e apoio,

Dedico o resultado de meus esforços:
Minha Tese de Doutorado

À meus queridos filhos Thaís e Thales:

Reitero o meu amor incondicional

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que possibilitou por meio de Sua imensa bondade, a graça de concluir meus estudos de Graduação e dar continuidade a eles até o momento, culminando neste Doutorado;

À valiosa contribuição de minha orientadora e amiga Ceneide Maria de Oliveira Cerveny, por sua competência e por sua generosidade em me apoiar sempre que foi preciso;

À Rosa Maria Stefanini de Macedo por seus invejáveis conhecimentos e por saber tão bem transmiti-los;

À valiosa contribuição de minha banca examinadora, que apontou os exatos caminhos que deveria seguir.

Ao Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela oportunidade de receber uma bolsa de estudos, que me permitiu realizar esta pesquisa com mais conforto e segurança.

Às participantes deste estudo, que me mostraram a face “guerreira” das mulheres emergentes da nova classe média brasileira.

À minha família (irmãos, sobrinhos, cunhadas) pelo sempre respeito que tiveram por minha dedicação aos estudos.

A meu grande amigo João Gabriel Rodrigues de Assunção: a amplidão do oceano não foi suficiente para reduzir o estreitamento de nossos laços.

À amiga Verônica Aparecida da Mota César Ferreira que com sua habilidade transformou o meu sentimento em poema.

Às minhas queridas colegas de Doutorado: Wanda Rogéria, Divina dos Santos, Sonia Fuentes, e Jucileide Maciel.

À Renata Lazzer pela generosidade em saber esperar por meus prazos e disponibilidades.

À Danielle Rafael Moraes pelo eficiente trabalho nas transcrições das entrevistas.

A Desirée Fogo, Maria Luíza Costa Rocha e Bruna Sousa que por sua habilidade no trato em línguas também contribuíram para a realização deste meu sonho acadêmico.

Quem Te Viu Quem Te Vê

Chico Buarque de Holanda

*Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala
Você era a favorita onde eu era mestre-sala
Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua
Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua*

*Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecê*

Estudos sobre a mulher emergente da nova classe média brasileira:
gênero, família, escolarização, trabalho e profissão

RESUMO

Ao procedermos aos estudos sobre a mulher emergente da nova classe média brasileira, constatamos que, independente de sua identidade fazer-se a partir da imitação dos modelos da classe para qual ascendeu, esta cópia se faz a seu jeito. O fato de ter carregado para esta classe os valores de seu antigo *status* social, permitiu-lhe conferir às suas experiências o sentido de realização pessoal, fortalecendo sua identidade. Mesmo entre as mulheres/mães mais jovens, as mesmas relatam que se responsabilizam pela maior parte das tarefas domésticas e dos filhos. Apesar de evidentes conquistas, em alguns aspectos, esta mulher ainda não conseguiu desconstruir a antiga imagem dos discursos machistas. Em busca por autonomia, a mulher emergente assume novos comportamentos, contudo convivendo com valores tradicionais e modernos, sendo que a seu novo comportamento agregam-se atributos relacionados à necessária flexibilidade, exigida para quem precisa conciliar várias esferas do cotidiano e lidar com visões antagônicas quanto a seu comportamento. Considerando-se como estas mulheres captam as influências do meio e as integram ou não às suas próprias subjetividades, e o Construcionismo Social, segundo o qual a construção que a pessoa faz do mundo deriva de outras construções sociais que se somam a partir do que é trocado entre elas, entende-se que não haverá um retrocesso no processo de empoderamento da mulher emergente, porque mudanças estruturais, de segunda ordem, ocorreram tanto nela quanto no ambiente, as quais implicaram em profundas modificações. A questão do empoderamento feminino, mais especificamente da mulher emergente da nova classe média brasileira, ocorre independente de fatores econômicos, ecossistêmicos e contextuais.

Palavras-chave: Mulher emergente, nova classe média brasileira, identidade de gênero, trabalho, estudo, empoderamento.

Study about the Brazilian emerging middle class women:
gender, family, education, work and profession

ABSTRACT

As we conduct the research on the Brazilian emerging woman on the new middle class, we have verified that no matter her identity being set through the imitation of role models from the class which she was ascended to, this imitation is made on her own way. As she carried the values of her former status to this new class, it allowed her to have experienced the idea of self-achievement, strengthening her identity. Even between younger women/mothers, they reported that they feel responsible for most household chores and their kids. Despite the visible achievements, in some aspects, these women still couldn't deconstruct the old sexiest speech image. Searching for autonomy, the emerging woman takes on new behaviors, having both traditional and modern values cohabiting, and attributes related to the necessary flexibility are joined in her new behavior, demanded by who needs to conciliate several spheres of the daily life and handle antagonistic views about her behavior. Considering that these women capture the influences of the environment and whether or not they integrate these influences to their own subjectivities, and the Social Constructionism, according to it, the construction the person does of the world is based on other social constructions that are added from what is exchanged among them, it is understood that there will not be a setback in the process of empowerment of the emerging woman, because structural changes, systemically, of second order, have occurred in herself as well as in the environment, which resulted in profound changes. The issue of women's empowerment, more specifically the woman of the emerging Brazilian new middle class, occurs independently of economic, ecosystem and contextual factors.

Keywords: Emerging women, new Brazilian middle class, gender identity, work, structural changes; empowerment.

Études sur les femmes émergentes de la nouvelle classe moyenne brésilienne: le genre, la famille, l'éducation, le travail et la profession.

RÉSUMÉ

Les études sur les femmes émergentes de la nouvelle classe moyenne brésilienne ont été faites et nous pouvons constater que, indépendamment de son identité, l'imitation des modèles de la classe à laquelle est monté, cette copie se fait à sa manière. Pour le fait qu'elles ont porté à ces valeurs de classe de son ancien statut social lui a permis de donner leurs expériences un sentiment de réalisation personnelle qui renforce leur identité. Même parmi les femmes /mères plus jeunes, elles déclarent qu'elles sont responsables de la plupart des travaux ménagers et des enfants. Malgré les progrès évidents, à certains égards, elles ne peuvent toujours pas déconstruire l'ancienne image des discours machistes. À la recherche d'autonomie, les femmes émergentes assument de nouveaux comportements, par contre en conveillance avec des valeurs traditionnelles et modernes en plus à votre nouveau comportement, est lié à la flexibilité nécessaire puisqu'elles ont besoin de concilier les différentes sphères de la vie quotidienne et côtoyer avec le plusieurs points de vue opposés par rapport à leur comportement. Si on considère la manière dont ces femmes captent les influences de place, elles habitent et l'intégrer ou non à leurs propres subjectivités et le Constructivisme Social, qui présente comme idéal la construction que la personne faite du monde comme résultat d'autres constructions sociales qui s'ajoutent de ce qui est échangé entre elles, on comprend qu'il n'y aura pas un retocessedu processus d'autonomisation de les femmes émergentes, parce que les changements structureaux systémiques, de second ordre, se trouve comme il s'est produit à la fois dans l'environnement, ce qui a entraîné de profonds changements. La question de l'autonomisation des femmes, particulièrement la femme de la nouvelle classe moyenne brésilienne émergente, se révèlent indépendamment de facteurs économiques, écosystémiques et contextuels.

Mot clés: Femme émergente, nouvelle classe moyenne brésilienne, l'identité, le genre, le travail, les changements structurels, l'autonomisation.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
RÉSUMÉ	
INTRODUÇÃO GERAL	13
OBJETIVOS	18
APRESENTAÇÃO DA TESE.....	19
CAPÍTULO 1 – (ARTIGO) AS RELAÇÕES DA MULHER EMERGENTE FRENTE À QUESTÃO DE GÊNERO	21
CAPÍTULO 2 – (ARTIGO) “O CIO DA TERRA”: A PERCEPÇÃO DA MULHER EMERGENTE SOB A ÓTICA AUTOPOIÉTICA	42
CAPÍTULO 3 – (ARTIGO) ENTENDENDO O COMPORTAMENTO DA MULHER EMERGENTE DA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA	60
CAPÍTULO 4 – (ARTIGO) AS RELAÇÕES DA MULHER EMERGENTE E O TRABALHO A FAMÍLIA E A ESCOLARIZAÇÃO.....	84
CAPÍTULO 5 – (ARTIGO) O VALOR DO TRABALHO E ESTUDO PARA A FAMÍLIA DA MULHER EMERGENTE.....	105
CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS	133
REFERÊNCIAS DA TESE.....	138
APENDICE	140

INTRODUÇÃO GERAL

A Clínica Psicológica da PUC/SP é uma clínica-escola que alia ensino e serviços, ao mesmo tempo em que dá suporte à formação acadêmica de graduandos, transformando-se, assim, em um campo privilegiado de pesquisa e prestação de serviço ao oferecer atendimento às famílias provenientes das diversas regiões da cidade.

Entre as modalidades de atendimento desta clínica existia o Serviço de Grupo Interdisciplinar Temático de Serviço Social e Psicologia, que tinha como um de seus principais objetivos o acolhimento a pais e/ou familiares de crianças, pré-adolescentes e adolescentes enquanto aguardavam a inclusão dos filhos nos núcleos de atendimento.

O tema “Estudos sobre a mulher emergente da nova classe média brasileira: gênero, família, escolarização, trabalho e profissão” escolhido para minha pesquisa de Doutorado, teve como base a participação que tive no Serviço de Grupo Interdisciplinar de Pais, por aproximadamente dez anos.

Muito do que observei na época em que atuava neste serviço auxiliou-me a definir o estudo que gostaria de desenvolver agora. Para melhor compreensão deste processo, creio que seja necessário resgatar um pouco o histórico de minha passagem nesta clínica.

Após a inscrição, numa fase anterior ao início do Grupo Temático, os pais eram chamados para uma participação em um grupo de recepção, no qual todas as dúvidas a respeito dos atendimentos realizados na Clínica Psicológica eram esclarecidas. Nesta mesma ocasião, também eram convidados a participar do Grupo Temático ao qual me referi.

Os pais que aceitavam o convite eram encaminhados para grupos, de acordo com a idade dos filhos, nos quais eram discutidos assuntos pertinentes a esta faixa etária.

A equipe era composta por estagiários e profissionais do Serviço Social e de Psicologia, que se alternavam nas atividades específicas do Grupo desde a triagem até seu acompanhamento propriamente dito.

Já na triagem observava-se que os encaminhamentos eram de várias naturezas, e em seu maior número feitos por escolas, no sentido de auxiliar as

famílias a lidarem com dificuldades de aprendizagem, de comportamento, problemas neurológicos ou psiquiátricos, entre outros.

Durante o tempo em que permaneci contribuindo com a equipe e participando dos grupos, percebi com clareza que as mães eram as que mais compareciam à clínica solicitando ajuda para os filhos.

Pelos relatos, observei que recebiam forte pressão da escola para a procura de atendimento e, por isso, não mediam esforços para que seus filhos conseguissem o tratamento solicitado, e com isto levar a uma mudança da situação escolar dos filhos.

Fui me dando conta que a posição da mulher na organização da casa e como detentora da educação dos filhos era, de fato, uma verdade, e que sua posição de querer arcar com todas as atividades do lar, independente de ter tempo ou não para tanto era muito presente e real.

Os pais (homens) quase nunca compareciam aos grupos e quando compareciam, atribuíam essa atividade à esposa. “Cuidar dos filhos é trabalho da mulher”, por isso, não admitiam que essa tarefa pudesse ser também de sua responsabilidade. Geralmente, eram homens que trabalhavam à noite, que estavam de folga ou desempregados, mas era muito difícil contabilizar aqueles que deixavam seu trabalho, ou que pediam saída para participar do grupo.

Em contrapartida, a mãe reconhecia a importância de sua participação e mesmo arriscando-se a perder o emprego, ausentava-se por algumas horas. Para evitar este extremo, em algumas vezes fazia acordos para repor as horas “perdidas”, trabalhando extra-horário todos os dias.

Sem poder ausentar-se do emprego para frequentar a todos os encontros do grupo de pais, e sem poder contar com a colaboração do companheiro para levar o filho à Clínica Psicológica, quando era possível esta atarefada mãe recorria à sua própria rede de apoio. Ora contava com a avó da criança, ora com uma amiga, com uma vizinha, ou até mesmo com a atual companheira do pai da criança, para levá-la ao atendimento. Quando não conseguia alternativa, muitas vezes, era obrigada a abandonar o tratamento.

Ao refletir sobre esta situação de impedimento das mães em conduzir os filhos para a Clínica Psicológica, porque possuíam um emprego em tempo integral, formulei algumas hipóteses sobre o assunto que poderiam ter fundamento em questões como:

1) Com as mudanças ocorridas na família contemporânea a mulher reconhecida como pessoa de referência¹ à custa de trabalho em período integral ou dupla jornada visa ao sustento dos filhos e a manutenção da família.

2) Quando o marido ou companheiro não possuem uma qualificação que lhe renda um salário suficiente para o sustento da família, isto também pode incidir na necessidade do trabalho da mulher para aumento da receita familiar, acarretando igualmente numa sobrecarga de afazeres.

3) Independente de trabalhar para o sustento integral ou parcial da casa, existe ainda o fato de aspirar a uma mudança em sua condição no trabalho. Para tanto busca na escolarização e no aperfeiçoamento profissional, ascensão econômica. Com um emprego mais rentável aumentam as possibilidades de melhoria de sua qualidade de vida.

Em continuidade ao trabalho desenvolvido no Mestrado, cuja dissertação intitulou-se: Avaliação Participativa com grupos de pais: uma contribuição ao campo das práticas avaliativas (2008), e pelo que foi observado nos grupos de atendimento aos pais na Clínica Psicológica da PUC/SP, comecei a refletir sobre as relações da mulher brasileira na contemporaneidade e formulei o seguinte problema de pesquisa:

Ao pensar nas mulheres (mães) que passaram pelo Serviço de Grupo Interdisciplinar Temático e que hoje, possivelmente, integram as fileiras da nova classe média brasileira, fiquei intrigada sobre como se desenvolvem as relações desta mulher que ascendeu a uma nova classe social.

Considerando-se que a ascensão social e a conseqüente mudança no padrão econômico levam a mulher (mãe) da nova classe média brasileira a uma sobrecarga

¹ Segundo o IBGE (2012, p.86) o conceito de chefe de família foi substituído pelos termos “pessoa de referência” ou “pessoa responsável” para designar a pessoa que mantém a autoridade, ou mesmo, aquela que provê a família economicamente, sendo reconhecida por seus próprios integrantes. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira – 2012. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2012/SIS_2012.pdf. Acesso o em: 07 abr. 2013.

de tarefas na busca de realização de aspirações e desejos de difícil concretização em seu antigo *status* por falta de oportunidades, e tendo-se em vista que o entendimento de alguns aspectos de seu cotidiano ainda carece de estudo, resolvi aceitar o desafio de me aprofundar no tema, o que acabou por se transformar na razão que me motivou a desenvolver estes estudos.

Supus que investigar gênero e trabalho seria um dos caminhos para chegar a este entendimento. Porém, no processo de análise de dados e discussão de resultados, observei a marcante referência tanto à família quanto à busca por escolarização por parte das participantes, o que fez com que me desse conta que estes temas perpassam qualquer análise que se refira particularmente à mulher. Portanto, embora não previstos acabaram integrar estes estudos de maneira transversal.

Inicialmente, comecei por indagar como esta mulher insere-se na nova classe média brasileira, considerando que a divisão sexual do trabalho, a notória precarização do trabalho feminino, entre outros aspectos referentes ao desempenho de um trabalho fora do lar, têm um peso muito grande quando se pensa numa abertura de caminhos rumo a uma condição mais igualitária entre gêneros.

Assim pensando, questões como tem sido a construção da identidade da mulher emergente, e sobre como ela dimensiona em sua vida, a família, a profissão, a carreira, inevitavelmente apareceram.

Ao aprofundar minhas reflexões sobre como tem sido a transição desta mulher de uma para outra classe social, também considerei que, independente de todas as influências que recebe do meio, há que se considerar também sua subjetividade, a maneira como percebe tudo o que se passa a seu entorno. Creio que a assimilação pessoal da mulher emergente das influências do meio transformou-se em outro dos caminhos para melhor compreendê-la. Se cada uma destas mulheres tem uma maneira particular de captar as influências do meio, em contrapartida, creio também que temos que levar em conta como tais influências são exercidas, e se existem limites para seu nível de penetração a depender da capacidade desta mulher de captar o ambiente e reorganizar-se.

Enfim, acredito até que exista outra questão mais abrangente que perpassa a todas estas indagações iniciais, ou seja: Quais as implicações de todas as mudanças que vêm ocorrendo na vida da mulher emergente?

Em síntese, estas e outras questões foram emergindo, mostrando-me que não era mais possível explorar somente uma vertente do tema, daí a ampliação do título inicialmente previsto de “As relações da mulher emergente da nova classe média brasileira com as questões do trabalho” para “Estudos sobre a mulher da nova classe média brasileira: gênero, escolarização, família trabalho e profissão”.

OBJETIVOS

Os objetivos desta tese são:

OBJETIVO GERAL:

- Compreender as relações da mulher emergente da nova classe média brasileira quanto às questões de gênero, família, escolaridade e trabalho/profissão, considerando aspectos que a aproximam e a distanciam desta realidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Cada objetivo específico nesta tese foi representado por um artigo.

- compreender a questão de gênero no processo de construção da identidade da mulher emergente da nova classe média brasileira;
- compreender as mulheres emergentes da nova classe média brasileira sob a perspectiva autopoietica;
- identificar os novos traços do comportamento da mulher emergente, confrontado com o comportamento feminino de outrora.
- compreender as relações da mulher emergente da nova classe média brasileira com as questões do trabalho, família e escolarização;
- identificar os valores do trabalho e estudo transmitidos pela família para a mulher emergente da nova classe média brasileira;

APRESENTAÇÃO DA TESE

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa sobre o tema da “mulher emergente da nova classe média brasileira” e tendo em vista seus objetivos específicos, transformei os usuais capítulos de uma tese em artigos, para não fugir às especificidades de estudos desta natureza. Estes artigos contemplaram os seguintes aspectos: gênero, família, escolarização, trabalho e profissão.

Para tanto elaborei 02 artigos de revisão e 03 artigos científicos, que serão apresentados nesta tese com alguns aspectos específicos, de acordo com o veículo de publicação que pretendo encaminhar.

Também para que este estudo fique uniforme, optei por respeitar somente o número de laudas, os resumos em língua estrangeira, e as referências nas normas da American Psychological Association (APA) – 6a edição – 2010. Quanto à fonte, o espaçamento entre linhas e outras especificidades serão devidamente ajustadas por ocasião do encaminhamento, de acordo com as normas de cada revista.

A organização propriamente dita da tese configurou-se da seguinte forma:

- Introdução (geral)

- Apresentação da tese

- Capítulos (Artigos)

Capítulo 1 (Artigo de Revisão) “As relações da mulher emergente da nova classe média brasileira frente à questão de gênero”.

Capítulo 2 (Artigo de Revisão) “O cio da terra”: a percepção da mulher emergente sob a ótica autopoietica.

Capítulo 3 (Artigo Científico) “Entendendo o comportamento da mulher emergente da nova classe média brasileira”.

Capítulo 4 (Artigo Científico) “As relações da mulher emergente frente às questões: família, escolarização e trabalho”.

Capítulo 5 (Artigo Científico) “O valor do trabalho e educação para a família da mulher emergente”.

Vale ressaltar que para a elaboração das pesquisas descritas nos artigos científicos, quanto a seu delineamento, optei por estudos de caso coletivos para uma melhor compreensão do fenômeno em sua forma geral, pois se acredita que esta compreensão, poderá acarretar uma melhor teorização, sobre uma coleção ainda mais ampla dos casos. (YIN, 2010).

- Considerações Finalizadoras

- Referências da tese

- Apêndices

As transcrições das entrevistas encontram-se gravadas em CD e anexadas na contra capa da tese.

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) / Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) ligado ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) criada pela Resolução do CNS 196/96 do Ministério da Saúde.

Esta pesquisa foi aprovada em 25/06/2013 sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 10827413.4.0000.5482, tendo como Instituição Proponente a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP e como pesquisador responsável Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo.

CAPÍTULO 1 – (ARTIGO) AS RELAÇÕES DA MULHER EMERGENTE FRENTE À QUESTÃO DE GÊNERO

Cor de Rosa Choque
Rita Lee

Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer...
Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher...

Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque...

Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão
Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção...

Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque

Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque
Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Não provoque!
É Cor de Rosa Choque
Por isso não provoque
É Cor de Rosa Choque...

AS RELAÇÕES DA MULHER EMERGENTE DA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA FRENTE À QUESTÃO DE GÊNERO

Teresinha Elisete Coiahy Rocha
Ceneide Maria de Oliveira Cerveny
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

A literatura existente acerca da mulher contemporânea foi o recurso utilizado para compreensão da questão de gênero no processo de construção da identidade da mulher da nova classe média brasileira, considerando-se aspectos que a aproximam e a distanciam desta realidade. À luz da perspectiva de outras áreas de estudo (Sociologia, Antropologia, Linguística), propôs-se a ampliar a visão psicológica do entendimento desta construção. A construção social de gênero foi abordada sob a perspectiva do Construcionismo Social. Foram revistos os fatores que influenciam a construção da identidade desta mulher como: família, trabalho e publicidade. Tendo como respaldo a literatura consultada, entendeu-se que argumentos como a ausência de escolaridade ou de vantagens sociais, pecuniárias ou não recebidas como herança familiar, não têm sido significativas o suficiente para desestruturá-la a ponto de se sentir uma “estranha no ninho”. Independente da identidade da mulher emergente fazer-se a partir da imitação dos modelos da classe para qual ascendeu, esta cópia se faz a seu jeito. Para além dos eletroeletrônicos, outras aspirações são incorporadas a seu mundo como a busca por maior escolaridade. Muito embora seu modo de vida, muitas vezes, seja alvo de críticas, o fato de ter carregado para a classe que ascendeu os valores de seu antigo *status* social, isto lhe permite conferir às suas experiências o sentido de realização pessoal, fortalecendo sua identidade.

Palavras-chave: Mulher emergente; identidade; gênero.

ABSTRACT

The emerging women of the new brazilian middle class towards the gender issue

The existing literature on the contemporary woman was the resource used for understanding the gender issue in the construction process of the new middle class Brazilian woman's identity, considering aspects that close and distance from this reality. Based on the perspective of other areas of study (Sociology, Anthropology, Linguistics), it was proposed to expand the understanding of the psychological view on this construction. The social gender construction was approached from the perspective of Social Constructionism; Factors that influence the construction of this woman's identity as family, work and advertising were also reviewed. Having the observed literature as an endorsement, it was understood that factors such as lack of education or social advantages, pecuniary or not received as family inheritance, have not been significant enough to disrupt these women and make them feel like a "strange in the nest". Despite the fact the emerging woman's identity imitates models from the ascended class; this copy is made its own way. In addition to electronics, other aspirations are incorporated into their world as the quest for higher education. Although the fact of bringing values of their former social class is often criticized, it assigns to their experience the sense of personal achievement and strengthens their identity.

Keywords: emerging woman, identity, gender.

RESUMEN

Relaciones de la mujer emergente de la nueva clase media brasileña delante de la cuestión de género

La literatura existente acerca de la mujer contemporánea fue el recurso utilizado para la comprensión de la cuestión de género en el proceso de construcción de la identidad de la mujer de la nueva clase media brasileña, considerándose los

aspectos que la acercan y la distancian de esta realidad. A la luz de la perspectiva de otras áreas de estudio (Sociología, Antropología, Lingüística), se propone ampliar la visión psicológica del entendimiento de esta construcción. La construcción social del género se ha abordado bajo la perspectiva del Construcionismo Social, teniendo como objetivo contextualizar a la mujer emergente en los cuadros de la nueva clase media brasileña. También fueron repasados los factores que influyen la construcción de la identidad de esta mujer como: familia, trabajo y publicidad. Teniendo como respaldo la literatura consultada, entendemos que los argumentos como la ausencia de escolaridad o de ventajas sociales, pecuniarias o no, recibida como herencia familiar, no han sido significativos o suficientes para desestructurarla al punto de sentirse como una “extraña en el nido”. Independientemente de que la identidad de la mujer emergente se hace a partir de la imitación de los modelos de la clase para la cual ascendió, esta copia se hace a su manera. Más allá de los electrónicos, otras aspiraciones son incorporadas a su mundo en la búsqueda por mayor escolaridad. A pesar de que su manera de vida muchas veces ha sido criticada por el hecho de haber cargado los valores de su antiguo status social hacia la clase que ascendió, esto permite conferirle a sus experiencias el sentido de realización personal, fortaleciendo su identidad.

Palabras-claves: Mujer emergente, identidad, género.

INTRODUÇÃO

Em 2001 o economista Jim O’Neill, em Londres, criou a sigla “BRIC” utilizando a primeira letra do nome de 4 países que despontavam no cenário mundial em notável crescimento econômico: Brasil, Rússia, Índia e China. Segundo ele, naquela época, esses países teriam papel preponderante na economia mundial em 2040, por meio da elevação de seu Produto Interno Bruto (PIB) superando a economia de nações desenvolvidas. A África do Sul foi incluída no bloco pelos “BRIC” em 2011, constituindo-se hoje uma entidade política denominada “BRICS”. (Costas, 2013).

Mediante o expressivo crescimento econômico das duas últimas décadas, no Brasil ocorreu uma diminuição da pobreza com o decréscimo da desigualdade de

renda, o que promoveu o acesso de muitos brasileiros das Classes D e E à nova classe média brasileira ou Classe C.

No Brasil contemporâneo, atualmente a sétima economia do mundo, a desigualdade foi reduzida por meio do aumento da renda média familiar, segundo Meirelles (2010) de três a dez salários mínimos mensais, o que proporcionou maior acesso das famílias ao consumo. No entanto, a falta de infraestrutura decorrente da ausência de políticas públicas para atender a demanda de serviços exigidos pela ascensão econômica da Classe C, deixa visível que o país ainda tem um longo caminho a percorrer até que seja realmente considerado em desenvolvimento, não só pelo crescimento econômico e aumento do Produto Interno Bruto (PIB), mas em termos de adequação social.

Singer, 2011 destaca que o Brasil não está se tornando um país de classe média. A pobreza ainda é a característica predominante, embora lentamente aconteça a ascensão social de muito brasileiros, por meio do Bolsa Família e o combate à pobreza pelos programas sociais do Governo Federal.

De outra forma, a população brasileira de menor renda que ascendeu para a Classe C, seria composta, em boa parte, pelos assalariados, trabalhadores que, com o crescimento econômico tiveram a oportunidade de manter empregos formais, isto é, carteira assinada, e conseqüentemente acesso ao crédito e ao maior consumo de bens e serviços, o que não acontecia anteriormente quando muitos mantinham atividades informais.

Conforme Singer (2011) citado por Evelin (2013), os novos assalariados, “novo proletariado” seriam os trabalhadores da nova classe média brasileira ou Classe C, que em grande parte, tem como uma de suas características, a mão de obra feminina com empregos formais.

A Nova Classe Média Brasileira e alguns de seus contornos

Em 2011, a Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE) divulgou um estudo que destacou “45 Curiosidades sobre a Nova Classe Média”. Entre elas pode-se destacar:

Características: Houve uma mudança no perfil socioeconômico do brasileiro com o crescimento da Classe C, que comporta famílias cuja renda familiar oscila entre R\$ 1064,00 e R\$ 4561,00, considerando-se todas as fontes de renda familiar.

Ascensão econômica: Os dados indicam que houve uma intensa mobilidade social entre os anos de 2004 e 2010, nos quais 32 milhões de pessoas passaram a integrar a categoria de classes médias, em suas diferentes camadas.

Estabilidade da economia: As mudanças não ocorreram inesperadamente, resultaram de fatores que passaram por mudanças demográficas à estabilização de preços, da educação ao mercado de trabalho.

O valor do trabalho: De acordo com pesquisas de Souza (2010), a transmissão familiar da importância do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais muito adversas é o valor primordial da nova classe média, respaldando a ética do trabalho. Por essa valorização da ética do trabalho, crê-se que a nova classe média advém de família estruturada, na qual há a preponderância de papéis familiares tradicionais.

Escolaridade: A migração de muitos brasileiros para a Classe C tem provocado inúmeras mudanças no perfil de seus trabalhadores. Usualmente desempenham funções diversas que a de seus pais, galgam a níveis de escolaridade superior a deles e ganham melhores salários. Conforme Meirelles (2010), cada ano de estudo até o ensino superior equivale a um acréscimo de 15% aos rendimentos.

Famílias: As profissões exercidas pela maioria das famílias da classe média brasileira ainda se encontram em categorias que exigem menor escolaridade: mecânicos, pedreiros, empregadas domésticas, cozinheiras. Já os filhos da nova classe média brasileira atuam mais como vendedores de lojas, operadores de telemarketing, recepcionistas. Nesse sentido, observa-se uma diferenciação entre pais e filhos quanto ao nível de escolaridade. Tomando-se como referência Meirelles 2010, 68% dos integrantes da Classe C estudaram mais que seus pais. Os dados obtidos nesta pesquisa revelam ainda a importância que o estudo tem para os integrantes desta classe.

A construção social de gênero sob a perspectiva do Construcionismo Social

Historicamente é sabido que as relações estabelecidas no processo produtivo em nosso país mantém estreita dependência com o sexo dos trabalhadores. Nestas

relações ainda se observam, sob alguns aspectos, desigualdade, opressão e discriminação da força de trabalho feminina. Contemporaneamente, acredita-se que estejamos transitando num processo que busca dar visibilidade ao trabalho das mulheres, bem como para o rompimento do caráter assexuado das relações sociais de trabalho. Neste contexto, tendências importantes vão se concretizando, contribuindo, talvez, para a desconstrução do modelo até então hegemônico e para que a identidade de gênero da mulher adquira novos contornos.

Na perspectiva do Construcionismo Social, a linguagem e as relações sociais tornam-se centrais tanto para a produção do conhecimento quanto para a representação da experiência. De acordo com Flax (1991), este conhecimento é reconhecido por seu caráter pragmático e parcial, tendo-se em vista o papel do conhecedor, que é inerentemente social e político.

Em outras palavras, no entender de Grandesso (2000), a ênfase do Construcionismo Social recai sobre as práticas sociais de intercâmbio entre as pessoas. Neste sentido, as ideias, as lembranças e os conceitos, enfim a construção que a pessoa faz do mundo deriva de outras construções que se somam, alteram ou mantêm determinadas informações a partir do que é trocado entre as pessoas por meio da linguagem.

Assim, ao admitir a pressuposta existência de um mundo real passível de ser conhecido objetivamente, o Construcionismo Social supõe que a pessoa experimente o mundo como construção. Packman (1997) amplia esta reflexão ao afirmar que antes de dizer como o mundo é, também é preciso pensar sobre como o mundo pode parecer pelo fato de interagirmos linguisticamente trocando informações sobre ele. Sob esta perspectiva, faz muito sentido entender que o mundo das experiências é construído nas práticas discursivas decorrentes dos processos microssociais, e que “os processos psicológicos são histórica e culturalmente contingentes e não possessões do indivíduo”. (Grandesso, 2000, p. 109).

Conforme visto anteriormente, estando a linguagem a serviço das interações sociais e em decorrência a própria construção de significados, é pertinente ressaltar a importância de uma das modalidades da comunicação falada: provérbios e ditos populares. Muito embora a diferença entre ambos seja tênue, referem-se a expressões populares que constituem parte do léxico da língua e estão presentes nas diversas esferas discursivas.

A existência de ditos populares como: “À mulher casada o marido lhe basta” ou “Mulher honrada não tem ouvidos” reforça a construção social da identidade de gênero feminino que legitima a lealdade incondicional e a tolerância à infidelidade.

Em contrapartida, se uma mulher der à luz a uma menina os comentários serão outros, girando provavelmente em torno de sua fragilidade, sobre a necessidade de ser protegida. Desde pequena, a menina é ensinada tanto pela família quanto por outras pessoas, que ela deve comportar-se bem, sentar-se de perninha fechada, ser discreta e andar sempre vestida. Inacreditavelmente, mesmo as roupas de praia para meninas pequenas são compostas por 2 peças, numa alusão a que a mulher deve sempre ocultar os seios.

É preciso considerar, no entanto, que o Construcionismo Social descarta a visão simplista da linguagem apenas como uma representação de imagens do mundo, a linguagem vai, além disso, assumindo uma postura pragmática (Flax, 1991). Tanto é verdade que os ditos populares apresentam-se como aspecto de uma construção social de gênero que determina, inclusive, o espaço socialmente legitimado para o trânsito de mulheres: “A casa é das mulheres e a rua é dos homens”, em outra versão “Do homem a praça, da mulher a casa”, ou ainda, “À mulher, roca e ao marido, espada”.

À luz do Construcionismo Social e das dimensões socialmente construídas pela linguagem, entende-se o papel de outros ditos populares que alimentam o caráter pejorativo sobre a sexualidade feminina. “Mulher é como estrada, quanto mais curva, mais perigosa”, “Mulher bonita nunca é pobre” ou “Mulher é como relógio, deu o primeiro defeito nunca mais anda direito” são ditos que reportam à ideia de que uma sexualidade que sempre foi vigiada desde seu nascimento possa também ser explorada. Seja em espaços públicos ou privados, ambos oferecem à mulher os mesmos riscos de violação de seu corpo e sua mente. A diferença destes riscos pode ser pontuada pela amplitude do machismo que permeia estes ambientes, especialmente para mulheres das camadas sociais mais baixas..

Em conformidade com as reflexões de Grandesso (2000), na medida em que o Construcionismo Social tem suas raízes no pensamento crítico (social, cultural, político ou linguístico) ressalta a necessidade de uma revisão de viéses, pré-concepções, determinantes e pressupostos. Neste sentido, a reflexão dá-se em um contexto social de aprendizagem e observação mútuas, e não no isolamento.

Salvo exceções, também na contemporaneidade, estas identidades são impostas de maneira violenta, obrigando a mulher a se enquadrar nas categorias definidas pelo machismo, independente da identidade que acredita se adequar. Não raras vezes, ocorre dela acreditar que a identidade imposta é realmente aquela que lhe é apropriada..

Ainda no que concerne à construção social de gênero, de acordo com dois estudos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em 2009¹, a televisão desempenha um papel crucial na circulação de ideias, em particular em nações em desenvolvimento com uma forte tradição oral, como o Brasil. Programas sociais muito importantes, como também banalizar ou vulgarizar assuntos que mereçam melhor tratamento.

Outro dos aspectos da construção social da identidade de gênero refere-se à moradia. É sabido que trabalhadoras domésticas, quando não vivem na casa dos patrões, em quartos de empregada, às vezes de duvidosas condições de acomodação, moram com suas famílias em bairros populares e/ou favelas com grandes carências de serviços públicos. No entanto, abundam anúncios como “Procura-se empregada que durma no emprego” ou “Procura-se empregada para o que der e vier” imprimindo notória ambiguidade ao que é procurado.

Sobre outro aspecto, os resquícios de uma estrutura familiar patriarcal, ainda exigem da mulher a realização das tarefas domésticas, antes de ir ao trabalho, significando uma jornada de trabalho bastante extensa. Por outro lado, ainda sob a égide do mesmo sistema patriarcal, mulheres de outras classes sociais, que trabalham fora ou não, ao contratar os serviços de empregadas domésticas garantem o ciclo vicioso da exploração e dominação masculina.

Pautados na visão construcionista social torna-se possível questionar se mulheres e homens sejam tão diferentes no que se refere a gênero. No cotidiano, observa-se que há mais similaridades do que discrepâncias na maioria dos traços e competências, com a percepção comum de que parecem se comportar de forma diferente. Muito embora, homens e mulheres possam ter as mesmas habilidades e

¹ “Novelas e fertilidade: Evidência do Brasil” e “Televisão e Divórcio: Evidências das novelas brasileiras”. Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (2009). Disponível em: <http://www.iadb.org/pt/noticias/artigos/2009-01-29/novelas-brasileiras-tem-impacto-sobre-os-comportamentos-sociais,5104.html>.

desenvolver as mesmas competências, o fato de sofrerem as influências da construção social de gênero, faz com que em circunstâncias semelhantes ajam de maneira diferente, ou passem por constrangimentos e expectativas que o outro não passaria. Isto os leva, frequentemente, a tomarem decisões distintas relativamente a seu repertório de opções. A auspiciosa novidade, a nosso ver, é que mediante a visão construcionista social, ainda que lentamente, é possível vislumbrar uma desconstrução, via linguagem, de conceitos tão ultrajantes como os que foram tomados como exemplo.

Quem é esta mulher emergente da nova classe média brasileira?

A letra de "Cor de rosa choque" de Rita Lee e Roberto de Carvalho (1982) foi tomada neste artigo como representante da temática de gênero que tem sido recorrente na produção musical brasileira. Nesta canção Eva reveste-se tanto da forma da bela, quanto da fera, encontra-se aí a indicação de um sexo, que por ser frágil, deveria fugir à luta, mas não foge, pois é muito mais forte do que se supõe.

O ponto alto desta letra encontra-se no refrão quando aponta que, se é rosa (cor tradicionalmente associada às mulheres), justamente por representar certa candura, também é choque. Choque no sentido de desafio, de confronto mesmo, entre a ideologia simplista que reduz a mulher à visão que os homens têm dela, legitimada por seus interesses, e que transita na contramão das inúmeras possibilidades da mulher. "Cor de rosa choque" contribui desnudando algumas das faces das relações entre os gêneros em nosso país, relações estas que atingem a própria mulher emergente.

Muito embora os índices referentes ao trabalho na nova classe média brasileira comecem a alterar a progressão ascendente que vinham indicando até o momento, estudos sobre esta classe ainda continuam a buscar compreendê-la. No último dia 07 de outubro de 2013, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) divulgou uma informação sobre o mercado de trabalho a partir dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrando que, atualmente, está havendo uma queda na taxa de participação da população em idade produtiva. Este problema atinge, sobretudo, mulheres e jovens entre 15 e 24 anos.

Para Gabriel Ulyssea (2013), coordenador de pesquisas em trabalho e renda do IPEA, esta queda chama atenção por sua intensidade em curto intervalo de tempo e é preocupante em função de incidir sobre o aumento na oferta de mão de obra. No caso das mulheres, a razão apontada por ele, e que nos pareceu bastante inconsistente, é uma saída do mercado de trabalho pela decisão de ter e cuidar de filhos, como se outrora tanto as mulheres quanto seus empregadores não tivessem que lidar com esta questão. Independente desta hipótese ser ou não verdadeira, não só a provisão de creches terá papel importante no futuro da mulher brasileira, especialmente para as emergentes, como também serão indispensáveis estudos sobre outros temas que se referem a esta mulher.

Talvez, em função da lacuna de um entendimento mais aprofundado sobre as relações desta nova classe social, estudos começam a despontar provindos das mais diferentes áreas. Recentemente, foi lançado um livro patrocinado pela Fundação Heinrich Böll no Brasil sobre “A nova classe média no Brasil – conceitos e projetos políticos”, sob organização de Bartelt (2013). Muito embora esta obra não faça parte das publicações oficiais, provém de uma instituição idônea atuante em diversos países, que enfatiza a democracia de gênero e, portanto, incentiva a emancipação social e a conquista de direitos iguais tanto para homens quanto para mulheres. Esta publicação apresenta uma coletânea de 18 artigos, e deixa transparecer sua preocupação no sentido de analisar com mais profundidade alguns aspectos referentes a esta nova classe social. Tendo em vista tal preocupação traz à luz uma diversidade de visões sobre o tema, como a de economistas, cientistas políticos, sociólogos, advogados, antropólogos, médicos, educadores, o que sem dúvida enriquece o debate, e em especial nos traz interessantes análises sobre a mulher emergente e sua identidade.

Dentre os fatores que exercem influência sobre a construção da identidade de gênero da mulher emergente, torna-se relevante evidenciar dois deles: a família e o trabalho que são aqueles que parece exercer maior influência neste processo de construção.

A família como agente formador da identidade de gênero da mulher emergente

Por maiores que tenham sido as transformações neste mundo globalizado, ainda é a família que exerce grande parte da influência sobre aquilo que vem a

definir uma pessoa. Neste ponto, é possível observar a atualidade e a veracidade de um pensamento buscado para adensar nossas reflexões “não se nasce uma mulher”. Este pensamento não é de ninguém menos que Simone de Beauvoir (1984). De fato, a identidade feminina, antes de tudo, é construída. Construída na medida em que se constitui, inicialmente, como reflexo do olhar de alguém que lhe está próximo, importando como e de que modo o outro a vê e não apenas como a mulher vê a si mesma.

Sem dúvida, é na família que a identidade da mulher recebe as primeiras influências, pois é nela que se constroem diversos tipos de relações, de comportamentos e de condicionamentos culturais e sociais. Assim, sob as regras e valores próprios das classes sociais D e E, nasce a mulher que se tornou emergente, carregando consigo tais ensinamentos para a classe social a que ascendeu. Este fato evidencia que a inclusão em determinada classe social não se faz apenas com uma simples elevação de renda.

Obviamente, cada família tem regras e valores próprios e, com certeza assume uma maneira para criar e educar seus filhos. Sobre esta temática, Giddens oferece sua contribuição ao afirmar que as famílias desenvolvem um currículo oculto de ensinamentos. Uma prática comum entre os ocidentais, inclusive entre brasileiros, é fazer com que já na maternidade a menina entre em contato com os primeiros indícios que evidenciam a construção social e cultural que perpassa o aspecto de gênero. Nas portas de maternidade não faltam lacinhos e enfeitinhos na cor rosa, indicando que ali se encontra uma menina. Assim, daquele momento em diante, instala-se na vida daquele pequenino ser o início de um longo aprendizado tanto de rituais de beleza e dietas que deverão fazer parte de sua identidade feminina, quanto de outros atributos como delicadeza, obediência, paciência, tolerância. Neste sentido, observa-se o quanto a identidade de gênero é produto de comportamentos sociais aprendidos em primeiro lugar com a família e, posteriormente, com outras instâncias sociais com as quais venha a se relacionar.

Outro dado importante, de acordo com Vieira (2005) é que, contemporaneamente, na família, as mudanças identitárias têm sido estimuladas pela troca, redução ou expansão de papéis. A família tradicional, com pais, irmãos, avós, tios e primos, entre outros, tende a alterar cada vez mais seus contornos. Em consequência, as novas relações parentais começam a redesenhar uma nova

identidade para a mulher e também para os membros das novas famílias, inclusive para a mulher da nova classe média brasileira.

É preciso levar em consideração que a construção da identidade dessa mulher emergente passa por dupla vulnerabilidade, em primeiro lugar pelo fato de haver nascido mulher e, em segundo por ter ascendido a uma classe social que além de questionar sua ascensão, muitas vezes percebe sua presença como um acinte para seus antigos integrantes.

Ao se retomar as reflexões de Vieira (2005), observaremos que em qualquer sociedade, a identidade é construída socialmente pelas práticas discursivas, que surgem como produto da cultura que as construiu. Assim, a identidade feminina é definida pelo discurso de seu interlocutor, conceito que leva a refletir sobre como tem se constituído a identidade da mulher emergente. Sob esta perspectiva a contribuição de Giddens (2000) é bastante importante ao afirmar que as condições sociais modernas tanto modificam e modelam o *self* e a identidade pessoal, quanto ajudam na criação de um novo discurso para a expressão dessa realidade, principalmente, quando se reputa o papel da família como primordial na manutenção de tais discursos.

Quanto aos discursos sobre o gênero feminino, e em particular os depreciativos, Vieira (2005) aponta que se percebe que o sexo masculino é o responsável direto pela formação discursiva da identidade da mulher, sendo que se ela quiser que haja qualquer mudança, deverá começar pela quebra dos padrões discursivos e pela desnaturalização das crenças e dos comportamentos presentes neste discurso, ainda que seja no interior de sua própria família, tendo em vista que tais discursos só têm uma função: enfraquecer os valores identitários femininos.

O trabalho no processo de construção da identidade de gênero da mulher emergente

Naquilo que se refere a trabalho, não é novidade que profissionais que lidam com sujeira, ou com limpeza, como faxineiras, copeiras, arrumadeiras, e tantas outras ocupações similares, são consideradas subalternas devido a uma conotação de servidão. Neste quadro enquadram-se as empregadas domésticas, que até bem pouco tempo, quando abundava a mão de obra nesta categoria, lidavam com a falta de valorização profissional. Ainda hoje, apesar dos salários mais altos que são

pagos para empregadas domésticas, mesmo assim não são todas as mulheres menos qualificadas que se sujeitam a tal ocupação, dado a desprestígio que acarreta para a pessoa, haja vista os dados oficiais sobre as principais ocupações femininas das integrantes da nova classe média.

O que se observa no cotidiano, independente destas mulheres terem mudado de classe social, é a prática de consumo. Finalmente, a mulher emergente começou a experimentar, de fato e graças ao trabalho, o prazer de usufruir do conforto comprado, aquele que sempre almejou, mas que não lhe era permitido pelas circunstâncias de seu antigo *status* social.

Sob uma ótica antropológica quanto à questão do consumo dir-se-ia que:

Os objetos, dessa maneira, excederam a condição de simples artefatos para ganhar simbologia de status social, expressividade de classe e conquista de conforto. Até que ponto eles realmente concedem conforto é questionável, [...] O que se pode perceber para os indivíduos desse grupo específico é que passaram a ganhar visibilidade, atenção e respeito a partir da melhora do poder aquisitivo, e isso não significa um aumento de renda, mas de poder de compra, o que é completamente diferente. (Yaccoub, 2011, p.32).

Seguindo este raciocínio, pode-se afirmar, portanto, que a identidade da mulher emergente esteja estreitamente associada à sua condição de poder adquirir bens. Em acordo com Yaccoub, (2011), assim como o consumo tem sido um dos indicadores de sua inserção nesta nova classe social, o trabalho é outra forma do gênero feminino consolidar sua identidade, pois o prestígio, sem dúvida, encontra-se com quem detém a hegemonia econômica. De qualquer maneira, o fato das mulheres trabalharem em maior ou igual número de horas que os homens e, às vezes, nas mesmas funções não implica necessariamente em sua emancipação. Pode significar, inclusive, mais uma forma de escravidão no sentido de que, além de responder por uma ocupação profissional, ter que lidar com uma segunda jornada de trabalho ao chegarem ao lar, haja vista inúmeros depoimentos de mulheres emergentes que evidenciam esta realidade.

Ainda quanto ao trabalho, conforme as reflexões de Yaccoub (2011) está havendo certa ampliação de perspectiva profissional em função da globalização, do uso de tecnologias e da automação no trabalho. Paradoxalmente, embora muito se fale que os homens estejam sendo substituídos pelas máquinas, está surgindo um espaço de trabalho diferenciado cuja essência é o contato humano. Boa parte dos postos de trabalho deste novo espaço é ocupada por mulheres. Mais do que

simplesmente fazer companhia às pessoas, usualmente as mulheres se dispõem a ouvi-las, cuidar delas, tornando-se um bom exemplo dessas novas tarefas contemporâneas, muito bem aproveitadas, entre outras mulheres, pela própria mulher emergente quando se ocupa de cuidados diários com uma pessoa. À parte dos avanços tecnológicos, muitas tarefas de nossa sociedade requerem atributos mais femininos para sua execução como a paciência, a atenção e a intuição.

Embora um dos valores da nova classe média seja justamente o trabalho, surpreendentemente quanto ao trabalho doméstico, Meirelles (2013) aponta que o aumento da idade média das trabalhadoras domésticas na última década deu-se, em grande parte, pela recusa das jovens em entrar nessa atividade, conforme exposto anteriormente, em função da subserviência embutida na condição. No intuito de exercer uma ocupação diferente de sua mãe ou avó, a mulher emergente dedica-se a atividades como vendedoras de loja, atendentes de telemarketing, ou assistentes gerais. Enfim, busca por um emprego que lhe garanta o sustento, e ao mesmo tempo assegure a mudança completa da área de atuação. Neste sentido, o trabalho é um valor a ser cultivado desde que não as reporte a situações de servilismo.

Vale ressaltar que, salvo raras exceções, o trabalho doméstico associa-se ao a atividades profissionais menos reconhecidas socialmente. No entanto, as mulheres da nova classe média brasileira são fiéis à ideia de que devem se dedicar ao “trabalho duro”, ética esta amplamente difundida entre os trabalhadores brasileiros, especialmente para os trabalhadores das classes média e baixa, que lidam com uma maior restrição econômica familiar. Para esta classe, concretizar sonhos materiais depende única e exclusivamente do trabalho árduo, muitas vezes executado em detrimento das próprias necessidades pessoais.

Sob outra perspectiva, porém também relacionada ao trabalho, a grande procura por cursos de graduação nos últimos anos, principalmente por mulheres mais jovens, pode estar parcialmente associada à busca por uma profissão. A valorização da educação formal obtida pelo acesso a um curso profissionalizante ou de nível superior está fundamentada na lógica da busca de um trabalho diferenciado das mulheres de gerações anteriores, e que, se possível, lhe assegure uma carteira assinada.

Para a mulher emergente é fundamental ressaltar que a carteira assinada carrega uma forte carga simbólica, especialmente para as mais pobres. Para a

classe média, o registro em carteira de trabalho representa mais estabilidade e segurança para pensar no futuro, principalmente, se estas reflexões forem pautadas na enorme instabilidade que marca o mercado brasileiro de trabalho, seja informal ou de atividades autônomas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos nós se tivermos oportunidade de conversar com alguma integrante desta nova classe média, ou se a tivermos entre as pessoas de nossa relação, ouviremos relatos que deixam bem claro sua origem, suas crenças e seus valores. Em primeiro lugar dirá que venceu na vida graças a um trabalho duro. Poderá dizer também que mantém um pequeno negócio. Que entre suas preferências estão roupas de marca. Se ainda não tem, planeja comprar um carro, aumentar a casa, matricular o(s) filho(s) em escolas particulares, programar pequenas viagens...

O grande volume de compradoras no interior das mais diversas lojas ou shoppings mostra que o consumo tem um papel central para a nova classe média, papel este que se traduz principalmente por meio da aquisição de determinados objetos. Possivelmente, a mulher recém ingressa nesta nova classe sinta-se incluída justamente pelo fato de poder comprar, pois é mediante o consumo que conquista *status* e prestígio. Enfim, com muita propriedade domina um aspecto que contribui, inclusive, para a construção de sua própria identidade.

Se observarmos também tanto a oferta quanto a procura de produtos eletroeletrônicos, perceberemos que, especialmente a mulher desta nova classe social, ao trazer para si a função de ofertar conforto e sensação de bem-estar para sua família, “dar de um tudo” para seus filhos, oferecer-lhes as oportunidades que não teve, parece ajustar as contas com um passado histórico que a crivou de privações e injustiças. Interessante que proporcionar conforto à família especialmente mediante a aquisição de eletroeletrônicos pode ser traduzido como demonstração de amor. Em última instância, esta mulher depara-se com a dimensão do afeto estreitamente ligada à essência da própria identidade.

Nesse momento uma dúvida pode surgir em nossas cabeças: Como alguém que nasceu entre os quadros das Classes D e E, possui referências para almejar aquilo que sempre esteve fora de seu alcance? Entre as possíveis respostas encontra-se a influência que a publicidade exerce sobre esta nova classe,

mostrando-lhe hábitos, costumes e até mesmo valores da classe imediatamente superior, fazendo com que todos estes itens de consumo se transformem em sinais de que aprendeu a valorizar objetos e situações, baseando-se na imitação da antiga classe média. Ao ter acesso a bens de consumo típicos de outra classe, seja pagando à vista, parcelando ou pagando em “suaves prestações mensais”, tal e qual o jargão publicitário, sua identidade também vai adquirindo novos contornos.

Embora o consumo esteja associado aos hábitos da mulher emergente, isso não significa que para além da noção de pertencimento não existam outros motivos que o justifiquem. Quem nos garante que a compra de carro não vá além da simples questão de *status*, e esteja também relacionada à falta de transportes adequados e com a necessidade de locomoção com segurança, aspectos tão corriqueiros em qualquer cidade? Matricular filhos em escolas particulares também pode estar ligado à precariedade do ensino público, tanto em relação ao número de vagas disponíveis quanto ao próprio conteúdo. Quem nos garante que a aquisição de bens não seja a correção de injustiças sociais históricas? Enfim, estes são apenas poucos exemplos de um contexto que carece de maiores investigações.

É preciso lembrar ainda que, apesar das discussões e dos avanços políticos do gênero feminino na contemporaneidade, na disputa da igualdade de oportunidades e de tratamento, perdura uma influência do discurso masculino na construção da identidade de gênero da mulher. No cotidiano observa-se que este discurso é ainda extremamente forte, pois a hegemonia masculina sobre questões de gênero encontra-se há muito tempo estabilizada, e naturalmente isto implica numa enorme dificuldade para sua desconstrução. Enfim, espera-se que as práticas discursivas masculinas a respeito da mulher sejam revistas e alteradas, para que sua identidade, pelo menos socialmente, possa adquirir conotações mais positivas.

Muito embora, a identidade da mulher emergente esteja ligada à imitação de modelos da antiga classe média, esta cópia se faz a seu jeito, justamente por sua insistência em buscar por melhores níveis de escolaridade, que irão lhe trazer bagagem cultural e melhores condições profissionais. Para além dos eletroeletrônicos, consumidos pela maioria das mulheres emergentes, outros objetos de desejo são incorporados a seu mundo, independente de serem alvo de críticas ou não, mas nem por isso deixam-lhes de conferir o sentido de realização pessoal, fortalecendo sua identidade.

Percebe-se a mulher emergente da nova classe média brasileira como alguém que protegida pelas crenças e valores que carrega de seu antigo *status*, “mergulha de cabeça” em sua nova classe social e vai abrindo caminhos, lutando bravamente contra preconceitos que se impõem tanto em sua vida pessoal quanto profissional, vai criando pontes e modelos, imprimindo significado às suas novas experiências. Mais que isto, percebe-se o esforço destas mulheres para se integrar a este novo mundo, sua capacidade de resistir a um discurso masculino depreciativo, e inclusive, assegurar-se com seu trabalho de consistentes argumentos para desconstruí-lo.

REFERÊNCIAS

- Bartelt, D.D. (2013). *A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político*. Bartelt DD (Org). (184 p). Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- Beauvoir, S. (1984). *The Second Sex*. Trans. H.M. Parshley. New York: Knoff.
- Costas, R. (2013). *Novo banco e fundo de reserva fortalecem articulação dos Brics, 2013*. Recuperado de http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/03/130326_brics_dilma_rc.shtml.
- Evelin, G. (2013). *André Singer: “A energia social não voltará atrás”*. Recuperado de <http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2013/06/andre-singer-energia-social-nao-voltara-atras.html>. 2013.
- Flax J (1991) Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In Buarque de Hollanda, H. (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Grandesso M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. (p.109). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Giddens A. (2000). *Política da Sociedade de Risco*. In: Anthony Giddens and Christopher Pierson (Eds). *Conversas com Anthony Giddens: O Sentido da Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2013, 7 out.). *Um retrato de duas décadas do mercado de trabalho brasileiro utilizando a Pnad – Comunicado n. 160*. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/131007_comunicadoipea160.pdf.

Meirelles, R. (2013). *O trabalho para a classe média brasileira.– Vozes da Nova Classe Média 4º. Caderno – Classe Média e Emprego Assalariado*. Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) Ago/ 2013.

Meirelles, R. (2010). *Brasil de verdade – números, histórias, oportunidades e provocações sobre um mercado de 834 bilhões de reais*. Recuperado de <http://pt.slideshare.net/SiqMarketing/apresentacao-renato-meirelles-do-data-popular->

Neri, M.C. (Coord.). (2010). *A nova classe média brasileira: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/CPS.

Packman, M. (1997). *La psicoterapia em contextos de pobreza y disonancia étnica: el constructivismo y el Construccinismo social como metodologias para La acción*. In: Packman (Comp.), *Construcciones de La experiência humana* (pp. 245-262). Vol. II. Barcelona: Gedisa.

Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). (2012, junho). *Definição da classe média no Brasil*. São Paulo. Recuperado de: <http://cmicro.fgv.br/sites/cmicro.fgv.br/files/file/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20SAE.pdf>.

Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). (2011) “45 curiosidades sobre a classe média”. Recuperado de <http://www.sae.gov.br/vozesdaclassemedia/>.

Singer A. (2011). *Setor ascendente será objeto de disputa política*. Edição 95 de 30 nov 2011. Recuperado de <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/setor-ascendente-sera-objeto-de-disputa-politica>.

Souza, J. (2010) *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Vieira JA. (2005). *A identidade da mulher na modernidade*. DELTA, São Paulo, v. 21 (n. spe). Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502005000300012&lng=en&nrm=iso.

Yaccoub H. (2011). *A chamada “nova classe média”: cultura material, inclusão e distinção social – Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 197-231, jul./dez. 2011, p.32.

CAPÍTULO 2 – (ARTIGO) “O CÍO DA TERRA”: A PERCEPÇÃO DA MULHER EMERGENTE SOB A ÓTICA AUTOPOIÉTICA

O Cíio da Terra

Chico Buarque de Holanda

*Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo
Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão*

*Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel*

*Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cíio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão*

“O CIO DA TERRA”: A PERCEÇÃO DA MULHER EMERGENTE SOB A ÓTICA AUTOPOIÉTICA

Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo
Ceneide Maria de Oliveira Cerveny
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

A concepção de autopoiese, de Maturana e Varela (1986), explica a reorganização subjetiva que ocorre no sujeito em seu viver/conviver mediante um processo de captação e seleção dos estímulos do ambiente. Ao se considerar a complexidade das interrelações dos sistemas sociais humanos e de todo o contexto sócio-histórico poderiam as mulheres emergentes ser vistas como criadoras de si próprias e de seu trajeto existencial? Este estudo desenvolveu-se a partir de uma revisão teórica, e posterior aplicação dos postulados da Teoria Autopoietica à vida destas mulheres. Após aprofundamento nas formulações teóricas desta epistemologia, entende-se que não haverá um retrocesso no processo de consolidação do sistema autopoietico da mulher emergente, porque mudanças estruturais ocorreram tanto nela quanto no ambiente, as quais implicaram em profundas modificações no contexto social.

Palavras-chave: Teoria Autopoietica, mulher emergente; mudanças estruturais.

ABSTRACT

“The land’s heat”: the perception of the emerging women under an autopoietic view

The autopoiesis conception of Maturana and Varela (1986), explains the subjective reorganization that occurs in the subject in his/her living/cohabiting through a collection and selection process of the environment stimulus. Considering the complexity of the human social systems interrelationships and the entire socio-historical context, could the emerging women be seen as creators of themselves and their existential path? This study was developed from a theoretical review, and

subsequent application of Autopoietic Theory postulates to these women's lives. After deepening the theoretical formulations of this epistemology, it is understood that there will not be retrogression in the consolidation of the emerging woman autopoietic process because structural changes occurred in both the woman and the environment, which resulted in profound changes in the social context.

Keywords: Autopoietic theory; emerging women; contextual changes.

INTRODUÇÃO

Escrever tudo o que pensamos, para que o outro entenda, sempre é uma tarefa difícil, parece que sempre restam coisas a serem ditas. Há mais: escrever sobre os pressupostos teóricos da autopoiese relacionada às mulheres emergentes da nova classe média brasileira, pelo menos para mim, transforma-se em uma tarefa desafiadora, porém instigante.

De acordo com o pensamento de Vasconcelos (1995), Teoria Geral dos Sistemas, Cibernética de Primeira Ordem, Primeira Cibernética, Segunda Cibernética, Cibernética de Segunda Ordem, Construtivismo, Construcionismo Social são formulações teóricas que parecem tratar sobre um mesmo objeto, porém sob nomenclaturas diferentes, incluindo-se neste rol a formulação conceitual autopoietica.

Quais os limites de cada uma destas proposições? Onde começam e terminam suas diferenças e suas semelhanças? Qual a contribuição de cada uma enquanto epistemologia para conhecer o homem? Não há dúvidas que para qualquer tentativa de compreensão de sistemas sociais humanos temos que utilizar de uma destas ferramentas. Apesar de que as próprias formulações de algumas destas concepções já nos convidam para o novo paradigma da ciência, para um pensamento mais integrador e que não reduza as diferenças, e sim que as some.

Ao se considerar a complexidade das interrelações dos sistemas sociais humanos e de todo o contexto sócio-histórico que envolvem as mulheres emergentes da nova classe média brasileira, poderiam as mesmas serem vistas como criadoras de si próprias e de seu trajeto existencial?

Em busca de respostas a estas e a tantas outras indagações, relacionadas à compreensão da mulher emergente, encontra-se campo fértil nas reflexões sobre sistemas sociais autopoieticos. Sendo assim, este artigo trata da busca de

entendimento do processamento pessoal das informações recebidas do ambiente e sobre como o indivíduo incorpora ou descarta-as de sua própria subjetividade.

Este estudo ateve-se mais no individual, no subjetivo, na crença de que toda mudança só pode se dar a partir da própria pessoa e de sua organização (concepção autopoietica).

Uma vez estabelecida tal fronteira, partiu-se para a revisão teórica deste foco: sistemas sociais autopoieticos. “Autopoiese” foi o termo criado para nomear a complementaridade fundamental entre estrutura e função. A denominação “autopoiese” é a fusão de dois termos: “auto” que se refere ao próprio objeto e “poiese” que diz respeito à reprodução/criação. De acordo com Grandesso (2000) “Autopoiese” foi, portanto, a terminologia inicialmente empregada pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (1986) para designar os elementos característicos de um sistema vivo e sua estrutura.

Por serem biólogos, obviamente as formulações epistemológicas destes estudiosos não poderiam se afastar de seu próprio referencial. Para Maturana e Varela (2001) (as células seriam sistemas autopoieticos de 1ª ordem; os organismos vivos de 2ª ordem e o agregado de organismos vivos constituiria um sistema de 3ª ordem. Para ele, colmeias, colônias de formigas e, inclusive, famílias humanas, configurar-se-iam como sistemas autopoieticos de 3ª ordem.

As pesquisas destes estudiosos sobre sistemas de 3ª ordem implicam na concepção de “sistema vivo” como sendo aquele que apresenta autonomia e constância na organização das relações entre seus elementos constitutivos (a própria pessoa e o meio), sendo que esta organização configura-se como autorreferencial no sentido de que sua ordem interna é gerada a partir da interação de seus próprios elementos e autorreprodutiva no sentido de que seus elementos são produzidos a partir desta mesma rede, cuja interação caracteriza-se como circular e recursivos.

Respaldados pelo que foi exposto, pode-se dizer que a proposta epistemológica autopoietica, partindo, inicialmente, da observação biológica de determinado sistema vivo pela interação de seus elementos, possibilitou, a construção de um arcabouço científico embasado nas relações entre os elementos e as funções exercidas no todo comunicativo de determinado sistema.

Compartilha-se com o pensamento de outros estudiosos no sentido de entender que a criação da autopoietica com sua aplicação aos sistemas sociais

representou uma revolução epistemológica. Pensa-se também que ao enfatizar as interações de um sistema, configurou-se uma proposta de mutação no foco epistemológico dos sistemas, propiciando melhor observação do meio e suas características. Anteriormente, as relações entre os elementos de um sistema eram vistas de outra forma, apenas sua condição e/ou colocação no todo era considerada. Neste sentido, é plenamente compreensível a dificuldade de se aplicar este pensamento a realidades complexas.

Esta compreensão mobilizou a elaboração deste artigo de revisão, no sentido de procurar compreender a mulher emergente da nova classe média sob a perspectiva de suas interações. Deste modo, sua originalidade refere-se ao enquadramento das mulheres emergentes sob os moldes de um sistema autopoietico de 3ª ordem.

Quanto aos objetivos, os mesmos podem ser descritos da seguinte forma:

1 Objetivo Geral

- compreender as mulheres emergentes da nova classe média brasileira sob a perspectiva autopoietica.

1.1 Objetivo Específico

- trazer à luz processos de naturalização da identidade da mulher emergente sob a perspectiva do observador de sistemas, da autorreferência e das interações sociais.

2. Da visão biológica para a antropossocial: uma revisão teórica

Conforme exposto anteriormente, para Maturana (1997), sistemas sociais humanos, configuraram-se como sistemas autopoieticos de 3ª ordem, embora o que o defina como sistema auto-organizador não seja propriamente esta característica, que ocorre na organização viva de cada sujeito componente do sistema, e sim, nas relações entre os organismos que o constitui, transformando o sistema em autopoietico.

Pode-se aprofundar um pouco mais esta reflexão ao entender que os sistemas sociais reproduzem sentido e os sistemas psíquicos, por sua vez,

experimentam ou percebem sentido, sendo que também se diferenciam por suas operações básicas. Enquanto para os sistemas psíquicos a operação constitutiva é o pensamento (consciência, enquanto constituição psicológica do indivíduo), nos sistemas sociais a operação principal é a comunicação, que é a única operação genuinamente social, constituindo-se pelas ações de várias pessoas que se interrelacionam por meio do sentido.

Desta forma, existe interatividade estrutural entre os dois sistemas, embora as organizações sejam diferentes. No caso dos sistemas sociais humanos existe um domínio físico-biológico com o qual os indivíduos interagem e também um domínio social-simbólico que surge com o pensamento, a consciência e a linguagem humana (MATURANA, 1997).

Sucintamente, pode-se dizer que Maturana (1999) define sistema social como sendo constituído por um conjunto de seres vivos que possui uma conduta articulada mediante uma rede de interações, segundo a qual os indivíduos se realizam como seres vivos. E mais, é a partir da rede comunicacional de interação que eles conservam sua organização e adaptação. Isto ocorre em processos de *co-deriva* contingente, o que significa que a cada instante, em função das circunstâncias presentes, que o caminho é definido. Tal especificidade transforma-se na tradução perfeita para a máxima que “o caminho se faz ao caminhar”. Em meio a estas indefinições, os sistemas sociais usam as conversações ou os processos comunicacionais que se estabelecem para a sua construção autopoética, ou seja, para que os processos de auto-organização se estabeleçam.

Assim, se os seres humanos que compõem um determinado sistema social, como por exemplo, o das mulheres emergentes, a identidade conservada durante sua dinâmica estrutural, invariavelmente será a de mulher emergente. Isto, para Maturana, faz com que nossa individualidade como seres humanos envolva a conservação de nossas vidas na conservação de tantas identidades quantas forem as sociedades às quais pertencemos.

Cada sociedade distingue-se a partir da rede de interações que realiza, em função, portanto, da conduta de seus membros. E como cada membro é estruturalmente determinado, pode-se também inferir, baseando-se nas colocações de Maturana, que ocorrendo mudanças na estrutura de um ser vivo integrante de um sistema social, ocorrerão também mudanças no sistema social, a partir da mudança de conduta gerada em função das transformações estruturais de cada componente.

Ao mesmo tempo em que reconhece que o social é conservador, Maturana (1998) alerta para o fato de que ele também é um veículo de contínua mudança estrutural a partir da perda de seus membros, da incorporação de novos membros, lembrando que estes possuem propriedades adicionais diferentes. O sistema também pode transformar-se a partir de mudanças internas em cada um de seus componentes provocadas pelas relações com outros ambientes.

2.1 A observação do ambiente em sistemas autopoieticos

A Psicologia, entre outros temas, tem buscado explicitar as relações sociais. Neste artigo busca-se compreender as relações das mulheres emergentes da nova classe média brasileira. Tendo em vista esta busca, e com base na observação de sistemas de 3ª ordem, indaga-se: “Como é feita esta observação da realidade?” “Quem é que constrói esta observação?”. Ainda uma vez me pergunta-se: “O que não é observado nesta observação?” e “Como se pode aceitar que esta observação refira-se à realidade, se não se pode observar o observador em seu ato de observar?” Como os sistemas observam os outros sistemas? Como é o processo de construção da identidade da mulher emergente e seus limites com base na observação e na diferenciação, que se pautam na autorreferência do que lhe é próprio e do que é o outro?

Inicia-se estas reflexões, pautando-se nos estudos de Oliveira (2009), partindo do pressuposto de que tudo o que se passa com um observador, está sujeito ao princípio do “aprender é viver”. De outra maneira pode-se dizer que a existência precede e autorregula o pensamento, em organismos saudáveis. Isso não significa que aquilo que o pensamento produz é inimigo da vivência emotiva, afetiva, sensorial, pelo contrário, significa que lhes está subordinado. Por isso é que aquilo que lemos, que pensamos, que criamos mentalmente pode nos marcar para sempre, do ponto de vista existencial, se for enquadrado na significação organizacional que construímos até então, e que constitui nosso padrão.

Da capacidade observacional das pessoas pode resultar aprendizagem, quando o que acontece no nível observacional inscreve-se em nosso padrão auto-organizacional, reforçando-o, ou flexibilizando-o. Sob esta perspectiva, a maior parte dos atos das mulheres emergentes é do tipo observável, mas pode produzir muito pouca informação dado que sua organização é que especifica o que é pertinente

para sua organização, abrindo-se então estruturalmente para esses tipos de fenômenos, de modo a que seu organismo (onde se inclui a sua mente) possa aprender. O modo mais fácil de isso ocorrer é quando esta mulher (formal, não formal, ou informalmente) acopla-se estruturalmente com outra, passando ambas a existirem como unidades compostas, por isso é que aprendemos muito mais com os amigos do que com professores, por exemplo.

Convém também não esquecer que muito daquilo que observacionalmente se pode considerar como desordem, para a mulher emergente, pode ser fonte de aprendizagem, dado que algo avaliado como estranho e perturbador pode revelar-se fecundo para o mundo de sentido construído até então por ela.

2.2 A autopoiese constituindo-se via autorreferência

Um dos pressupostos da epistemologia autopoietica de Maturana e Varela (2001) é que os indivíduos reagem a um mundo não tal como ele é em sua objetividade, mas ao mundo conforme ele é observado, percebido. Neste sentido, todo conhecimento é autorreferente. É impossível referir-nos a uma situação da qual participamos sem que nossas descrições sejam influenciadas por nossas qualidades pessoais. A constituição de sistemas autorreferenciais, cuja operação principal esteja ligada à comunicação nos permite vislumbrar ganhos em termos de capacidade de explicar o real.

A construção desta perspectiva leva em consideração que o mundo experiencial é o mais próximo de nossa experiência sendo esta validada por nossa estrutura. É possível acreditar, então, no raciocínio “de que não se pode perceber o que não se pode ver”. Assim é difícil afirmar o que é realmente um objeto, uma vez que é nossa estrutura física e psicológica a responsável por aquilo que captamos, ou melhor, selecionamos do meio ambiente. O observador, neste caso, se integra ao meio ambiente atuando ambos como seletores de suas mudanças estruturais. (MATURANA E VARELA, 2001).

De acordo com o pensamento destes dois autores, pode-se dizer, então, que os sistemas autopoieticos não criam um mundo. Eles pressupõem níveis de realidade com base em suas capacidades cognitivas e nas identidades e diferenciações criadas por eles mesmos por meio de sua autorreferencialidade. Até mesmo para criar sua própria identidade, o sistema deve ser capaz de identificar o

que não é ele mesmo e também de estabelecer seus próximos estados em sua evolução. O próprio conceito de autopoiese nos leva a considerar os diversos estados identificados na evolução do sistema social para que se possa identificar como se dão as comunicações e como descrever sua autorreferencialidade e os mecanismos que a ativam.

Portanto, a questão da autorreferencialidade é relacionada ao modo como um sistema social constrói sua realidade com base em suas próprias estruturas e percepções.

Todas estas questões levam a pensar numa alternativa que melhor satisfaça o desejo de enxergar o que não é visto numa observação de outras ordens, fica evidente nessa afirmação a questão da autorreferência de qualquer observação. Quando se fala em autorreferência está sendo assumido que qualquer observador inclui a si mesmo nas observações que faz, inclusive eu no presente artigo.

É aqui que se estabelece a interrelação e interdependência do observador com o observado. Ao se observar algo é claro que o observador agregará conteúdos seus em sua observação, os critérios para identificar eventos no mundo não são objetivos, mas circunscritos por uma cultura, história ou contexto social. Assim sendo, não se postula uma base objetiva para o conhecimento convencional. Pois, o mundo é compreendido em termos da combinação da cultura e da linguagem, historicamente situados, e produtos do intercâmbio entre pessoas.

Neste sentido, a comunicação, a negociação são fundamentais, pois a manutenção ou mudança de uma interpretação não depende da sua validação por meio da observação, dos procedimentos ou da metodologia, mas do questionamento de sua comunidade linguística.

3 Autocriadora de si mesma e de seu trajeto existencial: um retrato da mulher emergente da nova classe média brasileira

Ao iniciar este segundo momento do artigo, recorre-se a uma inspiração para o desafio proposto. Os versos de “O Cio da terra” de Milton Nascimento e Chico Buarque de Holanda parecem que retratam poeticamente a condição de qualquer mulher, incluindo-se a da mulher emergente. Os versos de Chico e Milton ajudam, por analogia, a refletir sobre as fecundas relações da mulher com o meio, numa ininterrupta atividade autocriadora e recriadora tanto de sua subjetividade quanto de

sua vida social. A sensibilidade destes versos que associa o ciclo reprodutor da mulher ao ciclo reprodutor da terra nos remete a processos de produção da própria existência, processo de constituição de uma realidade humana-social permeada por um fluir perene de interações.

Debulhar o trigo. Recolher cada bago do trigo...

Para melhor compreendermos as mulheres emergentes da nova classe média brasileira como um sistema autopoietico é preciso que sejam retomadas algumas das formulações teóricas de Maturana quanto a sistemas sociais de 3ª ordem, nos quais se incluem o destas mulheres. Para tanto, este autor desenvolveu um conjunto de argumentos importantes sobre as condições para que determinado sistema social seja “vivo”, uma vez que é condição *sine qua non* para que seja considerado autopoietico

Num primeiro argumento, ele parte da constatação de que todo ser vivo é determinado estruturalmente. Se transportarmos este raciocínio para seres humanos, pode-se dizer que tudo que ocorre com qualquer um de nós é determinado por nossa estrutura, como resultado de nossa dinâmica estrutural interna (nossa condição biológica) associada às trocas estruturais que ocorrem entre nós e o ambiente onde estamos inseridos. Isto indica que um ser vivo, continuamente, produz a si mesmo mediante autopoiese.

Em uma organização autopoietica, o vivo não está ligado à existência ou não de estrutura formais (o ser vivo em si), mas sim à existência de processos relacionais que emergem das relações informais, de conversações que propiciam sua auto-organização, sua autocriação e sua autoconservação. Vida implica, portanto, na existência de metabolismo constante de fluxos energéticos, materiais e informacionais, pressupondo a presença de mecanismos em rede para que os processos se realizem e se perpetuem. Implica em dinâmica autogeradora, ou seja, em dinâmica autopoietica.

Neste momento, pergunta-se a que se refere esta dinâmica ou autoprodução. A resposta que me parece mais plausível reporta a pensamentos criativos, a novos conhecimentos, a novas ideias, a novas regras de conduta, a novas conversações enriquecedoras dos processos e que podem ou não materializar-se na construção e renovação das estruturas sociais formais.

Tudo isto leva a refletir sobre a trajetória histórica da mulher brasileira forjada a partir das novas ideias, das novas regras de conduta, em suas ousadias, em sua capacidade de suportar e sobreviver aos reveses, que se sucederam no tempo e que contribuíram para que ela lutasse por um novo lugar na sociedade brasileira, o que vemos se repetir, agora, com a mulher emergente.

Forjar no trigo o milagre do pão. E se fartar de pão...

Baseando-se ainda nas ideias de Maturana quanto à contínua mudança estrutural dos sistemas, vê-se que sua auto-organização realiza-se tanto como resultado de sua dinâmica interna, como também em função das interações desencadeadas pelas circunstâncias ambientais que se encontram em contínua transformação.

No sistema social das mulheres emergentes, sabe-se que é preciso levar em consideração tanto a estrutura interna desta mulher, quanto os estímulos que provêm do meio. Sua estrutura interna pode determinar o planejamento, a distribuição de tarefas, a alocação de recursos e de responsabilidades em seu dia a dia. Porém, não se pode deixar de considerar as interações importantes que acontecem entre estas mulheres e o ambiente em que vivem. É a partir do que acontece em sua rede de relações que se pode compreender o surgimento de um contexto comum de significados entre os indivíduos, que cooperativamente, contribuem para que possam alcançar os objetivos vivenciais que almejam, e que criam condições para que as mudanças necessárias aconteçam.

Incluem-se neste pensamento, as redes informais de apoio de que se utilizam estas mulheres emergentes para auxiliá-la nos cuidados para com seus filhos, mobilizadas pelas demandas do meio.

Um olhar mais atento a estas redes de apoio pode desvelar um conjunto de ideias presente na cultura das mulheres emergentes, de regras de condutas, bem como um corpo comum de significados a partir do qual se pode construir uma identidade coletiva. É o reconhecimento de aspectos comuns, de significados coletivos, que determinados compromissos mútuos podem ser gerados, esforços podem ser potencializados na consecução dos objetivos comuns. Nas conversações desta rede informal de apoio estão presentes não apenas seus limites operacionais, como também o sentido de sua existência ou da existência de quem a constitui. A

descoberta dessa potencialidade e o seu direcionamento é o que poderá fazer com que cada mulher emergente possa sentir-se apoiada e confortável no sistema a qual pertence.

Assim, acredita-se que a vida de um sistema autopoietico, incluindo-se nele o das mulheres emergentes, esteja, em parte, definida por sua capacidade de auto-organização ou de autorregulação destas redes, nas possibilidades de assimilar perturbações e de acomodá-las ou reorganizá-las em suas estruturas, e ainda na capacidade de se re-auto-organizar, de se readaptar aos novos tempos a partir das mudanças estruturais internas que permitem a conservação e melhoria de sua organização.

A existência da vida em determinado sistema está muito mais ligada às possibilidades de reação às perturbações provocadas pelo meio e à capacidade de negociação constante com as estruturas presentes no entorno. A receptividade do sistema ao que provém do meio facilita o fluxo de ideias, de informações, a construção e reconstrução de novos conceitos, bem como a renovação de energia e matéria por meio da presença de novos artefatos culturais, de novas tecnologias existentes nos ambientes sociais.

Decepar a cana. Roubar da cana a doçura do mel. Se lambuzar de mel...

Pensa-se também que estar aberto ao novo não implica em copiar modelos e transplantar estruturas formais de um lado para outro, de uma organização social para outra. Auto-organização pressupõe reorganização do todo, pois o que funciona em determinado contexto social pode não funcionar em outro.

Assim, o modelo do sistema social das mulheres emergentes somente é válido dentro do contexto onde emergiu, pois sua validade surge da relação sujeito e contexto, a partir dos quais o significado emerge dos conceitos, ideias, valores, crenças que circulam e das circunstâncias criadas.

Para que novas estruturas sociais emirjam e funcionem adequadamente, é preciso criar circunstâncias adequadas para que os fluxos nutrientes se façam presentes. Nós somos o que são os nossos fluxos, da mesma forma que cada organização se apresenta como tal em função de seus fluxos nutrientes. Em organizações sociais como a das mulheres emergentes, a otimização dos processos de comunicação pode ser facilitada pela manutenção de um diálogo constante entre

as estruturas formais e informais, ou em outras palavras, entre as mulheres emergentes e o ambiente.

Ao se pensar, no comportamento das mulheres emergentes observa-se que o mesmo expressa o contexto em que vivem, na forma em que suas ações se apresentam e que, na verdade, traduzem um “dois prá, dois prá lá” altamente sincronizados e ininterrupto. Sua conduta é adequada somente se as mudanças estruturais internas ocorrerem de acordo com as mudanças estruturais do meio, e isto somente acontece enquanto sua estrutura permanece alinhada com a estrutura do meio, onde ambos estão em contínua mudança.

Um estratagema muito comum em muitas espécies é o da imitação. Se deu certo para uma mulher emergente recorrer à aquisição de um mais especializado e maior número de eletrodomésticos numa espécie de selo de seu novo *status*, rapidamente outras destas mulheres também aderirão a esta prática.

Afagar a terra. Conhecer os desejos da terra...

Para Maturana (1997), um segundo argumento indica que os seres vivos produzem ininterruptamente seus novos componentes, o que decorre em mudanças estruturais. Eles estão continuamente produzindo seus componentes, auto-organizando-se até morrerem. É por esta razão que se diz que os sistemas vivos são sistemas autopoieticos e continuam vivos desde que conservem sua organização e adaptação em relação ao meio em que vive.

Na tentativa de clarificar este segundo argumento pode-se tomar o fato não só da mulher emergente, como também a grande maioria das demais mulheres brasileiras, imprimirem praticidade ao cotidiano em face à sua necessidade de otimização de tempo frente à sua dupla, ou às vezes, até tripla jornada de trabalho.

A mulher de outrora talvez dispusesse de tempo para preparar um pão para o lanche de sua família. Hoje em dia é muito mais prático comprar uma massa pré-pronta para se dar ao trabalho apenas de finalizar sua preparação. Acrescem-se a este rol de praticidade lavanderias, restaurantes por quilo, empresas que atendem por 24 horas, não só bancárias, como também academias, farmácias, supermercados e até feiras-livres que acontecem no período noturno. Tudo isto se configura como mudanças estruturais tanto internas quanto externas, uma influenciando a outra.

Sobre mudança estrutural, Maturana (2001) esclarece que os seres vivos continuam sendo como são, somente porque a organização que o define como ser vivo permanece invariável. É a organização que revela sua identidade, independente das mudanças estruturais internas que ocorrem. Desta maneira, a organização confere ao ser vivo sua identidade de classe. Embora as estruturas possam mudar, a organização permanece invariável, indicando, assim, que um sistema vivo é estruturalmente aberto e organizacionalmente fechado.

Cio da terra, a propícia estação. E fecundar o chão...

Maturana também apresenta um terceiro argumento em que afirma que o organismo vai adaptando-se ao meio e enquanto conserva sua adaptação, conserva a sua organização. Isto resulta em outra afirmação de caráter universal *“todo sistema existe somente na conservação de sua adaptação e de sua organização, em circunstâncias que a conservação de uma envolve a conservação da outra”*. (Maturana 1998, p.68). Se as mudanças estruturais não conservam a organização, todo o sistema se desintegra.

Assim, o ser vivo conserva sua organização somente se sua estrutura estiver congruente com a estrutura do meio e esta congruência se conserve no tempo e no espaço desfrutados em comum. O autor chama esta congruência de adaptação, que ajuda manter a organização viva.

Uma prática muito interessante que começa a surgir entre nós é a de “maridos postiços”, ou “maridos de aluguel”. Trata-se, geralmente de aposentados que precisam reforçar o orçamento familiar, e que vão à casa de mulheres chefes de família, para realizar pequenos consertos. Nesta nova modalidade de trabalho encontra-se o perfeito exemplo de acoplamento estrutural no qual as necessidades individuais vão ao encontro das necessidades do meio. Trata-se, portanto, de um caso de congruência adaptativa.

Para Maturana (2001), ser vivo e meio constituem sempre uma unidade espontaneamente congruente, cujos componentes estão sempre em processos de co-deriva. Conseqüentemente, a estrutura presente de um ser vivo resulta sempre de uma história na qual as suas mudanças estruturais são congruentes com as do meio. Da mesma forma, todo ser vivo “está onde está” em função de sua história vivida em contínua transformação em cada momento presente. Portanto, nada se

encontra onde está por simples acaso. Existe sempre uma história de interações recorrentes, uma certa razão para se estar em um determinado lugar.

É importante também compreender que o vivo de um sistema vivo está determinado dentro dele e não fora dele. Isto indica que os processos de autorregulação do sistema vivo são determinados por regras internas ao sistema e não externas. Estas podem apenas catalisar os processos internos, mas não determiná-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo no início do artigo expôs-se a questão de que as epistemologias sobre sistemas não se sobrepõem, e sim, complementam-se, crescem-se. Acredita-se nisto porque se observa que com o passar do tempo a Cibernética ampliou seu olhar e começou a se deslocar para o entendimento de sistemas que não são, e que não podem ser organizados de fora, colocando em cheque a possibilidade de se falar em uma observação objetiva de uma realidade independente, livres das influências do observador.

E por falar em observador, a noção de autorreferência tornou-se fundamental, surgindo a ideia de que o observador esteja inserido na observação que realiza, pois aquele que descreve suas observações descreve a respeito de si mesmo, como pressupõe a epistemologia autopoietica.

Uma pergunta recorrente ao elaborar este artigo não pode deixar de ser mencionada nestas considerações: Qual a vantagem de se trabalhar o caráter autopoietico das sociedades?

No decorrer destas reflexões, percebeu-se que esta concepção das organizações sociais como sistemas vivos, talvez, possa ajudar a melhor compreender a natureza complexa dos seres humanos, inclusive, as mulheres emergentes. Assim, este enfoque autopoietico da vida possibilita uma melhor compreensão das mudanças nas organizações sociais, facilita uma melhor compreensão das razões que prevalecem na resistência às mudanças e à necessidade do envolvimento das pessoas desde o início de qualquer processo de mudança organizacional. Esclarece também que uma das razões da possível resistência a processos de mudança esteja muito mais relacionada ao fato destes

não serem significativos à pessoa envolvida, do que propriamente uma resistência pura e simples do ser humano com sua natureza conservadora.

A partir de Maturana, é possível perceber que a fluidez, o metabolismo do vivo, está no fluxo das relações entre as pessoas e não na estrutura formal materializada e impressa no papel e que pode demorar anos para ser alterada, podendo ou não facilitar a potencialidade e emergência desses fluxos. O que se percebe é que as mudanças estruturais que acontecem, ligadas ao padrão autopoietico em uma organização social, ocorrem primeiro, no nível das pessoas e depois é que se refletem nas estruturas organizacionais dos sistemas sociais.

A mudança da mulher brasileira é vista a olhos nus, inclusive em suas relações de poder. Talvez, este fenômeno seja mais compreensível, partindo da noção de autopoiese e de seu pressuposto da auto-organização, entendendo a pessoa como criadora de si própria, das realidades e de seu trajeto existencial. Sob esta perspectiva, as pessoas são vistas como um sistema complexo dotado de capacidade de mudança, de adaptação às exigências do meio, dos ruídos ou desorganizações, com a capacidade de transformar e evoluir para construir de forma significativa uma posição existencial e um projeto de vida dotado de sentido próprio. Uma construção que se joga na confluência de determinações e indeterminações internas e externas que afetam o sujeito, sua evolução e experiência, mas que são também por ele (re)construídas, (auto)organizadas, resultando num maior ou menor grau de autodeterminação de si e de suas ações.

No que se refere à mudança em sistemas sociais, Parsons (1968, p.84) a define como um processo de crescimento, que pode implicar tanto em aumento quantitativo da magnitude do sistema, quanto em *"mudança qualitativa"* ou *"diferenciação estrutural e desenvolvimento simultâneo de modelos e mecanismos que integram ou unificam as partes diferenciadas"*.

Desta concepção de mudança decorre que qualquer sistema pode ser descrito, por um lado, *"como uma estrutura e um conjunto de unidades ou componentes que (...) têm propriedades estáveis"* (p.84) e, por outro, *"como acontecimentos ou processos no curso dos quais 'acontece algo' que muda algumas propriedades e algumas relações entre elas"*. (p.84) Em outras palavras, processos de mudanças são processos que transformam o estado inicial de equilíbrio e, depois, estabelecem um novo estado de equilíbrio.

Ao refletir sobre mudança qualitativa, pergunta-se se este não é o exato retrato da mulher emergente, analisada em sua perspectiva histórica. Quanto de avanço não houve desde os tempos em que a mulher era totalmente subserviente e submissa ao homem?

Assim, ampliando este raciocínio, particularmente sobre o sistema autopoiético da mulher emergente, agora após haver aprofundado nas formulações teóricas desta epistemologia, entende-se que não haverá um retrocesso no processo de fluência do sistema autopoiético da mulher emergente, isto porque mudanças estruturais ocorreram tanto nela quanto no ambiente, as quais implicaram em profundas modificações no contexto social. Trata-se, portanto, segundo Morin (1995) de mudanças de um sistema auto-eco-organizador, em que indivíduo e ambiente amálgam-se ainda mais pelo crescimento da abertura e da troca que os acompanham, conferindo-lhe complexidade, o que acaba por se tornar um fator a mais em sua consolidação.

Entre outras mudanças, inegavelmente, encontra-se a questão do empoderamento feminino, uma vez que isto independe de fatores econômicos, ecossistêmicos e contextuais, pois segundo Macedo (2013)¹ “*A experiência de uma fortalece a outra*”. E eu acrescentaria que tal fortalecimento ocorre no seio das interações ocorridas entre ela e o ambiente.

Mediante o convívio com mulheres emergentes, um de seus maiores anseios é o controle de sua própria vida, que em busca de autorrealização, na última década, voltou-se ainda mais para o valor das relações. As mulheres de hoje buscam sentido, seja no trabalho ou nos relacionamentos, imprimindo-lhes significado.

REFERÊNCIAS

Grandesso M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Maturana, H. (2001) *Cognição Ciência e Vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

¹ Informação Verbal – Exame de Qualificação. 17 dez 2013.

Maturana, H. (1999). *A ontologia da realidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Maturana, H. (1998). *Da biologia à psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas. p.68

Maturana, H. (1997). *La realidad: objetiva o construída?: fundamentos biológicos da realidade*. Barcelona: Antropos.

Maturana H. R e Varela F.J. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento Humano*. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athenas.

Maturana, H. R e Varela, F. J. (1997). *De máquinas e seres vivos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Maturana, H. R e Varela, F. J (1986). *El árbol de conocimiento*. Santiago: Universitária, 1986.

Morin (1995) *Introdução ao pensamento complexo*. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget.

Oliveira, C.C. (2009, jul./dez). *Da Cibernética à Autopoiesis: continuidades e descontinuidades*. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 12, n. 2. (p. 23-34),

Parsons, T. (1968). *Una teoría funcional del cambio*. In: Etzioni, A.; Etzioni, E. *Los cambios sociales: fuentes, tipos y consecuencias*. (p.84-96). México: Fondo de Cultura Económica,

Vasconcellos, M.J. (2002) *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.

CAPÍTULO 3 – (ARTIGO) ENTENDENDO O COMPORTAMENTO DA MULHER EMERGENTE DA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

Aí Que Saudades da Amélia (1942)

Ataulfo Alves e Mário Lago

*Nunca vi fazer tanta exigência
Nem fazer o que você me faz
Você não sabe o que é consciência
Não vê que eu sou um pobre rapaz
Você só pensa em luxo e riqueza
Tudo o que você vê, você quer
Aí meu Deus que saudade da Amélia
Aquilo sim que era mulher
As vezes passava fome ao meu lado
E achava bonito não ter o que comer
E quando me via contrariado dizia
Meu filho o que se há de fazer*

*Amélia não tinha a menor vaidade
Amélia que era a mulher de verdade*

ENTENDENDO O COMPORTAMENTO DA MULHER EMERGENTE DA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

*Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo
Ceneide Maria de Oliveira Cerveny
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*

RESUMO

Outrora, ao se falar em gênero feminino, a imagem imediatamente associada era a da mulher submissa. Neste estudo, sob a perspectiva da Análise do Discurso, verificou-se a questão do comportamento feminino. Seis mulheres emergentes da nova classe média brasileira, de 24 a 31 anos, deixaram transparecer por sua fala o que pensam sobre sua condição de mulher, mãe e profissional e até que ponto estão alinhadas ao discurso que predomina na sociedade. Os resultados apontam que a mulher emergente, apesar de suas evidentes conquistas, em alguns aspectos, ainda não conseguiu apagar a velha imagem dos discursos machistas. Verificou-se que esta mulher evoluiu, todavia, ainda perduram entre elas, mulheres com essa imagem de submissão. No geral, a mulher emergente assume novos comportamentos colocando sua identidade de gênero sob um novo foco. A seu comportamento agregam-se atributos relacionados a uma necessária flexibilidade, exigida para alguém que precisa conciliar várias esferas do cotidiano. Embora seja observável o quanto de espaço as mulheres já conquistaram no cenário brasileiro, em quase todos os setores, ao incorporar determinados aspectos em seu comportamento, que vão além daqueles da mulher “tanque e fogão”, acaba por recriá-lo, fortalecendo a mulher que busca por valorização e definição de sua identidade, mediante um empoderamento, ainda que suas metas não sejam única e exclusivamente o cuidado do lar e filhos.

Palavras-chave: Mulher emergente; permanência e aquisição de comportamentos; gênero, flexibilidade, empoderamento

ABSTRACT

Understanding the behavior of emerging woman of the Brazilian new middle class

Once, when talking about women, the image was immediately linked to the submissive woman. Over the years, this image has been changing according to historical, social and cultural changes, decreasing the influence of outdated concepts. The woman began the search for a new identity. In this study, from the perspective of discourse analysis, it was examined the issue of female behavior. Six emerging women of the Brazilian new middle class, 24-31 years old gave the impression, through their speeches, on what they think about their status as wife, mother and professional, and how far these thoughts are aligned to the society's prevalent discourse. The emerging woman, despite her obvious achievements in some aspects, still cannot delete the old image of the sexist speeches. It was found that this woman has evolved, yet there still are some images of submissive women within. Overall, the emerging women assume new behaviors putting their gender identity under a new focus. This behavior aggregates to attributes related to a necessary flexibility, required for someone who needs to reconcile various spheres of everyday life. Although it is observable how much space women have won in the Brazilian scenario, in almost all sectors, incorporating certain aspects of their behavior, which go beyond those of "washing machine and stove" women, eventually recreating it, strengthening women to search for valorization and definition of their own identity through an empowerment, even though their targets are not exclusively taking care of home and children.

Keywords: Emerging woman; permanence and acquisition of behaviors, flexibility, empowerment

INTRODUÇÃO

Propõe-se neste artigo refletir sobre a questão das mudanças sofridas no comportamento da mulher brasileira, e em especial, da mulher emergente da nova classe média brasileira. O presente estudo ocupa-se com as influências do meio exercida sobre os indivíduos. Incluída entre os elementos do meio que exercem

influência sobre o indivíduo encontra-se a música popular, a qual se constituirá em pano de fundo deste estudo.

A ótica de influências exercidas instiga reflexões sobre a aquisição de um novo comportamento por parte desta mulher, considerando-se que existe toda uma construção preexistente sobre sua identidade de gênero, historicamente mantida, entre outros aspectos, por preconceitos provindos de estereótipos criados pela sociedade patriarcal, que acabam, por comparação, atingindo-a, como se pode observar na letra da música “Amélia” de Mario Lago e Ataulfo Alves de 1942.

Ainda hoje no discurso masculino, embora os jargões sejam outros, não deixam de ser menos pejorativos: “Com minha mãe não era assim”, “Não se fazem mais mulheres como antigamente”. Inegavelmente, o advento de um novo século trouxe inúmeras mudanças sociais, porém no sentido da imagem da mulher, será que os tempos realmente mudaram? Sobre o comportamento da mulher, os homens mudaram, de fato, sua visão desde a “Amélia, a mulher de verdade”? Em contrapartida, sob a perspectiva das mulheres, será que têm conseguido “lutar por” e “manter” um comportamento mais adequado às suas novas atribuições? Em que medida alguns destes comportamentos são, por ela, priorizados em detrimento de outros? O que, de fato, é importante para esta mulher que ascendeu a uma nova classe social?

Nem é preciso ressaltar que os dias contemporâneos, além de mudanças, também trouxeram dilemas sobre a identidade de gênero da mulher brasileira, que é construída, entre outros aspectos, por atributos pessoais, vestimenta, linguagem, e principalmente por seu jeito de ser e pensar. Tendo em vista toda essa transformação que tem havido no mundo feminino, é possível que a mulher emergente encontre dificuldades em discernir entre quais traços deva incorporar a seu comportamento, ou melhor, quais os que lhe seriam mais adequados? Deveria pautar-se por aqueles que lhe são mais convenientes, ou por aqueles que lhe são consentidos pela sociedade? Também é bem provável que, eventualmente, esta mesma mulher desnorteie-se diante da pressão social que ainda sofre por não cuidar de seu marido e filhos como seria de se esperar, como a mulher de outrora.

Diante de tantas incertezas sobre como descrever a mulher da nova classe média brasileira, investigar sobre as novas características de seu comportamento transformou-se, num belo motivo para reflexão.

Tomando-se por base a argumentação exposta inicialmente, entende-se que se posso descrever meus objetivos como sendo:

1 Objetivo Geral

identificar os novos traços do comportamento assumido pela mulher emergente da nova classe média brasileira, confrontado com comportamento feminino de outrora.

1.1 Objetivos específicos

- entender o comportamento da mulher emergente da nova classe média brasileira, sob a perspectiva de suas integrantes,
- contribuir para a desconstrução de identidades femininas pautada em uma visão de mundo anacrônica,
- contribuir para o entendimento de um processo de empoderamento que se efetiva mediante a emergência das identidades que se constroem dentro de molduras contemporâneas.

2 Da “Amélia” à mulher contemporânea

Após o lançamento da música “Amélia” já são idos setenta e dois anos. Por mais distante que esteja da realidade, pelo menos, de nossas brasileiras urbanas, Amélia existiu de fato. Tratava-se de uma lavadeira que trabalhava na casa da cantora Aracy de Almeida e seu irmão, o baterista Almeidinha. Era ótima pessoa, de uma dedicação sem limites, capaz de fazer qualquer sacrifício por sua família ou por qualquer pessoa que a ela recorresse. Tinha bom humor e não se aborrecia com as adversidades da vida. Todas as vezes que Almeidinha ficava sabendo de uma desavença amorosa entre seus amigos, costumava dizer: *“Ai, a Amélia! Aquilo sim é que era mulher! Lavava, engomava, cozinhava, apanhava e não reclamava”*

Mesma para aquele tempo, esta música foi considerada machista, porém dada sua inquestionável veracidade, os linguistas não poderiam ter encontrado melhor termo para compor o verbete que descreve o perfil de muitas mulheres da época. No Dicionário *On Line* Caldas Aulete de Língua Portuguesa, a definição de “Amélia” é tida como: *s.f. mulher dedicada e submissa, que se sacrifica pelo bem de*

seu companheiro (F.: Do antropônimo “Amélia” do samba “Ai, que saudades da Amélia”, de autoria de Ataulfo Alves e Mário Lago).

2.1 A música popular: retratando e influenciando sobre o meio ambiente

A escolha pela letra de “Amélia” teve justamente o propósito de delinear a imagem da mulher brasileira do século passado, o que, por comparação, poderá levar à compreensão sobre como determinados comportamentos são assumidos.

De acordo com Lima; Sanches (2009), outrora, as mulheres que surgiram por meio das imagens construídas pelas letras de músicas, no geral, representavam o ponto de vista masculino sobre elas. Paradoxalmente, os próprios compositores projetavam, construía e interpretavam tanto os pensamentos quanto as atitudes femininas. O que nos era apresentado como realidade, mesmo que idealizada, nada mais era do que a produção de subjetividades almeçadas, para efetivar e manter o controle sobre as mulheres. O mais interessante é que muitas ainda lutam para se libertar até hoje.

Na realidade, é irrelevante sobre como estas imagens foram construídas pela observação ou pela criação do que os homens pensavam ser as mulheres. O que cabe neste momento é olhar para a letra de “Amélia”, por exemplo, e vê-la como uma construção que reflete uma fala que é a representação direta do ponto de vista masculino, portanto, usada em benefício de seus próprios ideais e de acordo com sua visão de mundo, e como contribuiu para a construção da identidade de gênero da mulher brasileira contemporânea, e por extensão, da mulher emergente.

2.2 Sobre a produção de significados e identidade de gênero

Segundo os estudos de Hall (1997), além da mídia musical, os significados podem ser produzidos por diversas outras instâncias sociais como família, escola, igreja, que por sua vez apoiam-se nos diferentes campos do saber, e circulam na sociedade por meio de diferentes processos ou práticas culturais, sendo que não são constantes e fixos, e sim fluídos, múltiplos, transitórios, incertos.

Tanto antiga quanto contemporaneamente, a mídia de forma geral (jornais, revistas, televisão, rádio, redes sociais) volta-se diretamente para os sujeitos e sobre seus significados, produzindo uns e desestimulando outros. Enfim, estes veículos de

comunicação acabam por atuar sobre os sujeitos, influenciando suas percepções, seus gestos, sentimentos, valores, crenças, hábitos, maneiras de se perceber, ser e de agir como mulher ou homem de um grupo específico, em uma dada sociedade, em um determinado contexto histórico.

Em relação ao contexto sócio-histórico da mulher emergente, tais veículos têm o poder de auferir significados, em outras palavras, definir o que seja uma mulher, estabelecendo, por exemplo, o que é uma mulher educada, o que é uma mulher jovem, ativa, submissa, responsável, moderna, entre outras formas de ser.

Sob a ótica de Hall (2005), é a produção de significados por meio dos diversos marcadores sociais, como gênero, classe, sexualidade, aparência física, etnia, geração, veiculados pelas diversas mídias, que irão contribuir para a construção da identidade feminina. Isto pode ser observado pela grande influência exercida pela música “Amélia”.

Algumas das crenças que circulam até hoje sobre a mulher brasileira, nas múltiplas instâncias, por meio dos variados veículos de comunicação são os responsáveis sobre como são apresentados determinados atributos, como se os mesmos fizessem parte da natureza feminina. Neste sentido, os atributos e valores que estes marcadores sociais estabelecem incorporam-se ao senso comum, como por exemplo, o antigo pressuposto de que as mulheres estariam destinadas à maternidade, ao cuidado dos filhos, ao mundo doméstico, à sensibilidade e às emoções.

Concorda-se com Silva; Ribeiro, (2007) quando apontam que sob esta perspectiva, práticas, produtos e espaços tratados como inocentes e inócuos, carregados de características como prazer e diversão (ouvir música, assistir televisão, ler revistas, só para citar alguns) podem ser pensados como uma forma de servir a interesses, produzindo conceitos referentes a diversos aspectos sociais, formas de ser, agir e pensar.

Não há dúvidas sobre o muito que já se ouviu falar sobre a “Amélia, a mulher de verdade”. Ainda hoje, muitas mulheres se indignam e expressam repúdio ao ouvir esta música, porém durante anos, ela foi entoada com alegria e naturalidade, reforçando um ideário de que já perdurava desde os primórdios de nossa colonização.

Talvez o que mais impressione nesta letra seja a construção de uma imagem da mulher passiva e servil, legitimada pela sociedade, que não ousava incomodar

seu homem e senhor, conformando-se com seu silêncio para questões mais importantes, como toda mulher de respeito o faria.

De lá para cá, muita coisa mudou no que se refere às relações de gênero de grande parte das mulheres brasileiras. “Muita água passou por debaixo da ponte” até que a imagem de nossa mulher deixasse de representar o ponto de vista masculino sobre como deveriam ser e se portar. O que era apresentado como realidade, tanto na literatura quanto na música, mesmo que idealizado, nada mais era do que a produção de subjetividades projetadas por homens, para efetivar e manter o controle sobre as mulheres. No entanto, “não há mal que nunca acabe, e nem bem que sempre dure”.

2.3 O que mudou no comportamento da mulher emergente desde a época da Amélia

Para efeito deste artigo, as imagens que se apresentam a seguir são resultado de uma prática clínica, e em especial dos últimos dez anos. Tais imagens foram construídas por observações sobre inúmeros casos atendidos, os quais, no momento, são úteis a este propósito.

O que se observado, na prática, é que as mulheres, especialmente as mais jovens apresentam um comportamento diverso daquele que era visto no passado. Se no passado, muitas das letras de nossas músicas refletiam o que os homens pensavam sobre como ser e sobre como deveriam ser as mulheres, hoje em dia já não se observa o mesmo fenômeno.

No exercício cotidiano de dar conta de todas as exigências de sua dupla ou, às vezes, até tripla jornada de trabalho a mulher emergente tornou-se cada vez mais produtiva.

Muitas das mulheres emergentes trabalham muitas horas ao longo do dia, tanto dentro, quanto fora do lar. No mais das vezes, não se ocupam como antigamente, apenas com as atividades domésticas, que mesmo que fossem exercidas por um grande número de horas, não acarretavam no mesmo nível de desgaste tanto físico, quanto mental.

À parte de trabalharem muito, coordenam afazeres e horários de entrada e saída de suas auxiliares domésticas (quando podem mantê-las). A administração do lar, neste sentido, vai além do simples cuidar, necessitando de supervisão, uma vez

que diaristas ou mensalistas não dão conta de manter a casa, provisioná-la, acompanhar as necessidades pessoais tanto do companheiro, quanto dos filhos.

Ao se deparar com as demandas de sua vida cotidiana, a mulher emergente usa de sua criatividade para a resolução de suas necessidades. Reconhece a importância de manter uma rede de apoio, que a auxilie a contornar aspectos como o cuidado para com os filhos e para com a casa. Lança mão de recursos externos como recorrer a parentes próximos, vizinhos. Em última instância, recorre aos serviços de baby-sitters, hoteizinhos que aceitam a permanência eventual de seus filhos, quando não obtêm esta ajuda com parentes próximos e amigos, demonstrando, com isso, possuir visão estratégica.

No exercício de uma parceria conjugal que se estabelece cada vez mais em bases igualitárias, a mulher emergente prioriza e valoriza mais seu lado colaborativo. Não mais se sente a única responsável pelos cuidados para com o lar e com os filhos como era no passado. Ao mostrar ao companheiro a necessidade de dividir tarefas, como a divisão do orçamento doméstico, está abrindo caminho para que ele, por reciprocidade, também divida tarefas em outros setores, como o cuidado com filhos pequenos ou com a educação de modo geral, por exemplo.

Surpreendentemente, mais que o homem contemporâneo, a mulher emergente mostra-se mais sensível às questões de poder, não se impondo pelo fato de, muitas vezes, ganhar mais que os homens e se responsabilizar por grande parte do orçamento doméstico. Algumas vezes, mesmo em situação de superioridade econômica não se valem deste traço instrumental para se sentirem valorizadas.

Sobre outra perspectiva, a mulher emergente mostra-se perspicaz ao selecionar as influências do ambiente, pois sabe observar as tendências e as mudanças que estão ocorrendo em seu meio e se vale delas como respaldo para uma reorganização interna, o que justifica os novos comportamentos assumidos por ela.

Também em função de suas demandas, a mulher emergente torna-se prática. Utiliza-se em seu dia-a-dia de alimentos pré-cozidos, congelados, dos serviços de transportadores escolares, administrando de outra maneira o tempo que ocuparia levando filhos à escola. Utiliza-se também de mecanismos de compras via Internet, usa de horários alternativos em academias, salões de beleza, supermercados e feiras-livre.

A mulher emergente, em especial, demonstra possuir visão de futuro. Tem consciência da necessidade de maior formação profissional para se colocar no mercado de trabalho e ascender na própria carreira. Veem no trabalho, oportunidade de autocrescimento e autoafirmação de sua identidade, e o mais interessante é que possuem a mesma visão em relação ao preparo dos filhos para o futuro. Transmitem pelo exemplo sua crença nos resultados do trabalho, que é um dos maiores e melhores legados que lhes poderiam deixar, assumindo um comportamento ético em relação ao ele. Acredita que o trabalho árduo é o responsável por grande parte das conquistas pessoais e profissionais, cujo ingresso exige formação profissional, responsabilidade, assiduidade, entre outros aspectos.

Em decorrência de sua crença na importância de ter um trabalho, ou de exercer uma profissão, enfim, de sua maior inserção no mercado de trabalho, a mulher emergente tornou-se mais autoconfiante.

3 Amostra e coleta de dados

Para o desenvolvimento deste estudo, fez-se uso de entrevistas por pautas, com seis mulheres de 24 a 31 anos, todas residentes em São Bernardo do Campo, pertencentes à nova classe média brasileira e com pelo menos um filho. Apesar de todas serem casadas ou constituírem união estável, este dado não foi considerado relevante para a escolha destas mulheres, pois se acredita que é a existência de filhos que mais põe em evidência “a dupla jornada de trabalho” da mulher e o conflito decorrente da conciliação de casa e trabalho.

Para facilitar a compreensão de alguns dados sobre as participantes deste estudo, os mesmos são apresentados numa breve caracterização socioprofissional:

Quadro 1 – Configuração familiar / Horas despendidas ao estudo e trabalho / Carreira

Part.	Idade	Est. Civil	Q// filhos	Idade/ filhos	Profissão ou função	Horas ativas ao dia distribuídas entre trabalho e estudo	Pretensão para o futuro / Carreira
P1	24	Casada	01	04	Auxiliar de Sala	10 horas	Pretende fazer Educação Física.
P2	30	União estável	01	04	Trabalha com Corretagem de Fundos de Investimento	3 ^a . e 5 ^a . f = 12 h. Nos demais dias, trabalha e estuda por mais ou menos 9,5 horas diárias.	Pretende tornar-se Gestora de Fundos de Investimento.
P3	22	União estável	01	1,9	Transportadora Escolar	7 horas com trabalho e 4 horas com estudo	Cursa Engenharia, e pretende obter estágio em sua área.
P4	32	Casada	01	04	Professora de Educação Infantil	4 horas e meia com trabalho e 6 horas com estudo	Pretende habilitar-se em Supervisão escolar
P5	27	União estável	02	3,1 1, 2	Professora de Educação Infantil	8 horas com trabalho e 4 horas com estudo	Pretende especializar-se Neuropsicopedagogia
P6	26	União estável	01	04	Auxiliar Técnica em Recreação	2 ^a . feira= 12 h da 3 ^a . à 6 ^a .f = 1,5 h (estudo) + 9,5 horas (trabalho),perfazendo uma média de 10 horas diárias.	Quer adquirir mais conhecimentos para usá-los tanto em sua vida pessoal quanto profissional.

3.1 Técnicas de pesquisa e análise de dados

Embora tenham sido por pautas, as entrevistas inevitavelmente abordaram outros temas como família atual, filhos, profissão, carreira, cursos de faculdade, ou profissionalizantes, aspirações profissionais, entre outros que também giram em torno da vida da mulher emergente.

As entrevistas por pautas caracterizaram-se por perguntas abertas com pautas (relação), interrelacionadas entre si e apontadas gradativamente pelo pesquisador (BERTHOUD, 2003).

Respalhada nas reflexões de Rocha-Coutinho e Losada (2007) e pelo Construcionismo Social, teve-se sempre em mente o fato de que a proximidade da pesquisadora ao grupo (mesma classe social, sexo, exercício de dupla jornada de trabalho, existência de filhos, embora mais velhos), poderia de alguma forma, interferir tanto positiva quanto negativamente na análise do material coletado. No entanto, como foram utilizadas entrevistas por pautas, a escuta cuidadosa de suas

falas foi tornando a compreensão do comportamento da mulher emergente cada vez mais compreensível, tanto naquilo que mantém quanto naquilo que incorpora como novo.

Ouvir o que elas tinham a dizer sem um prévio direcionamento, sensibilizando-as ao som da música “Ai que saudades da Amélia” apenas aprofundando, quando necessário, os assuntos mais diretamente ligados ao tema, fez emergir informações que, possivelmente, tivessem escapado à percepção de um terapeuta familiar. Ao considerar que o uso de entrevistas, que têm uma configuração temática assemelha-se a conversas, isto permitiu, em alguns momentos, tirar dúvidas, e em outros, retomar questões que não haviam ficado claras.

Estas entrevistas foram analisadas segundo categorias, que emergiram a partir da leitura cuidadosa das transcrições, e que clarificaram os pontos que mais se mostraram importantes do cotidiano das mulheres emergentes da nova classe média brasileira.

Quanto à análise de dados, a perspectiva por utilizada para dar conta dos dados foi a Análise do Discurso, indicada por Rocha-Coutinho e Losada (2007), por acreditarem que costumes, modos de ser e de fazer são construídos discursivamente, constituindo identidades e subjetividades. Portanto, foi com este espírito que se propôs analisar os dados obtidos.

Compartilha-se com as reflexões de Rocha-Coutinho e Losada (2007), quando percebem a coexistência de pelo menos dois discursos ideológicos hegemônicos permeando a vida das mulheres brasileiras na atualidade, inclusive, das mulheres emergentes. Um, tradicional, que as situa na posição de donas de casa e as vê como as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos e da família; e o outro, mais contemporâneo, que declara que a elas não só é permitido, mas é também essencial, inclusive para seu bem-estar interior e sua independência, o exercício de uma atividade profissional remunerada.

O interesse neste artigo foi investigar como esses dois discursos foram incorporados, percebidos e ressignificados pelas mulheres participantes e, por abrangência, pela nova classe média brasileira, grupo específico do qual fazem parte. Isto é possível porque, como aponta Rocha-Coutinho (1998a, p.324), A linguagem é constitutiva da própria realidade, pois *“ela reflete, reforça e constitui modos de organizar e interpretar a realidade. Os falantes inscrevem em suas falas,*

suas ideologias e interesses. A cultura, assim, “fala por si mesma”, através da fala individual.

Compreende-se o discurso, então, como produtor e produto da sociedade. Lidar com o discurso como prática social é admitir que ele esteja integrado no contexto sócio-histórico do qual faz parte e que tem um caráter tanto mantenedor quanto transformador das representações sociais e culturais que se têm, das identidades e das relações que se definem em uma determinada sociedade (Pinto, 1999). Um dos aspectos interessantes desta abordagem é justamente permitir que se olhe para o texto produzido não apenas como reprodutor dos discursos hegemônicos, mas também como possuidor de um caráter transformador, produtor de novos discursos.

Foram as seguintes as categorias não apriorísticas que se ofereceram para análise, que por sinal muito lembraram da letra de uma música de Belchior cantada nos idos de 1960/70: “Apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”.

**Categoria 1 - “Ele manda e ele é Deus, ele pode tudo e o mundo obedece”:
mulheres “Amélias” são mais comuns do que se imagina.**

Conforme visto anteriormente, embora a música “Amélia” tenha sido composta em 1942, e já tenham transcorrido algumas gerações, as participantes deste estudo ainda afirmam reconhecer em suas próprias mães esta figura. Isto nos mostra que mudanças sociais não ocorrem de um dia para o outro e se caracterizam por processos que demandam tempo para consolidar.

Se as participantes deste estudo encontram-se na faixa etária compreendida entre os 24 e 31 anos, possivelmente, suas próprias mães estarão transitando entre a casa dos 50 ou dos 60 anos, o que nos mostra que há apenas uma geração ainda predominava o discurso do homem machista, ao qual é cobrado apenas o sustento do lar e à mulher o acato às condições que lhe são impingidas.

Hoje, ao contrário do que se pensa, também o universo profissional está rodeado de “Amélias”, mulheres executivas, que trabalham, ganham seu dinheiro, estudam, e que além do trabalho fora de casa, ainda cuidam de seus filhos, de suas casas e de seus maridos. E o mais alarmante é que se trata de filhas, irmãs, amigas, mães, amantes que acatam tudo isso, com otimismo e bom humor.

Obviamente a tecnologia, hoje, favorece em muito a vida das mulheres. Cada vez mais se automatizam os afazeres, para tornar a vida mais fácil e agradável, porém a essência continua a mesma, as mulheres aprendem a lidar com um número cada vez maior de eletrodomésticos, e fazem mil coisas de uma só vez.

Outro dado impressionante, que mais que um conjunto de comportamentos que dão vida a um perfil, parece também existir o espírito de “Amélia”. As “Amélias” não se reduzem apenas à mulheres casadas que fazem tudo e ainda acham que é seu dever. Existem “Amélias” que não trabalham fora, mas que trabalham duramente para cuidar de seus filhos e marido, das necessidades do lar, das finanças domésticas, existem “Amélias” que ainda não tiveram filhos, mas que se esfolam de trabalhar para dar um bom futuro para quando chegarem, existem ainda aquelas que não têm filhos, não têm marido, contudo estão sempre dispostas a ajudar a pais, irmãos, amigos, e à quem precisar.

Independente de ser ou ter espírito de “Amélia”, as participantes deste estudo referem que reconhecem mulheres “Amélias” em pessoas de sua relação, mostrando-nos que a figura da mulher passiva e submissa ainda faz parte de um ideário que circula em nossa sociedade.

P2: *Porque, se tiver que passar fome, se tiver que passar calor, frio, sol, chuva, o que tiver, traição, como ela está passando, ela passa do lado do meu pai, independente do que aconteça.*

P2: *Porque é a mentalidade de antigamente, de que, tipo, o homem pode, a mulher não pode se separar do homem porque ela vai ser largada, porque ela vai ser discriminada, porque ela é sozinha no mundo, tem filhos pra criar.*

P2: *[...] se a senhora está aí comendo o arroz, o feijão e o ovo com ele, vem pra cá que pelo menos a senhora não tem dor de cabeça e essa coisa de traição, de preocupação e “encheção de saco” [...] “Ele manda e ele é Deus, ele pode tudo e o mundo obedece”, e aí ela não quis, “Não, deixa eu aqui no meu canto que eu quero ficar com meu marido”.*

P4: *Eu acho que a minha mãe é um tipo de Amélia assim porque ela é mais ou menos assim. Ela não corre muito atrás, né? Ela está sempre esperando pelo meu*

pai, e meu pai que tem que, em questão financeira é ele que sempre põe as coisas dentro de casa e pra ela do jeito que tá, tá bom, então eu acho que ela é um tipo de Amélia, não porque ela queira, mas ela é.

P5: *[...] o meu pai também nunca quis que a minha mãe trabalhasse.*

P5: *[...] ainda mais agora que ela se separou, depois dessa separação ela fala “Viu, seu pai nunca gostou que eu trabalhasse, nunca deixou eu trabalhar, sempre cuidando de vocês, e agora não tenho emprego, não tenho nada, não tenho como viver, fico dependendo dos meus filhos, porque ele não tá nem aí, né?”.*

P5: *Exatamente. E ela era desse jeito porque o meu pai não queria que ela trabalhasse, nunca quis que ela trabalhasse, quando éramos pequenos e tudo, ele viajava, ficava um bom tempo fora, então a gente ficava sem água, as coisas que às vezes faltavam dentro de casa, até arroz, feijão, quem dava era a minha avó, minha tia, que estavam ali por perto, sempre assim, porque ele também nunca estava presente e nunca quis que ela trabalhasse.*

Categoria 2 – “Homem não é pra limpar, [...] então tem toda uma criação”: os tempos mudaram e os comportamentos permaneceram

Historicamente, sabe-se que as mulheres, salvo raras exceções, foram e ainda continuam a ser educadas desde crianças para serem mães. No cotidiano das famílias, por mais que tenha havido transformações, a brincadeira preferida das meninas ainda é ser mamãe de suas bonecas.

Com essa realidade, muitas mulheres se veem na obrigação de dar conta do legado que receberam: elas cozinham, lavam, passam, educam os filhos e acreditam que isso não é nada mais que a obrigação. Ao longo do tempo a mulher acabou por se tornar polivalente, pois ela consegue, concomitantemente, exercer várias tarefas. O preço disto tudo é que o estresse também tem tomado conta de suas vidas.

Na tentativa de dar conta de tudo, e na pouca colaboração dos homens, de acordo com o psicólogo Sócrates Nolasco (1995), outra realidade parece estar aflorando, ou seja, as tarefas domésticas estão, novamente, sendo de exclusividade

de mulheres, mediante a prestação de serviços oferecida por diaristas ou empregadas domésticas.

Com esta nova realidade, em que homens e mulheres passam a maior parte do dia fora de casa trabalhando, as estratégias utilizadas para suprir mão de obra dentro do lar acabam por reforçar certas atitudes machistas no sentido dos homens não se envolverem com trabalhos domésticos, como se pode observar nas falas que seguem:

P1: *eu vou fazer janta, faço a janta e eu vou fazendo as coisas que dá pra fazer durante a semana, e o que não der, passar roupa, essas coisas, eu faço mais no final de semana. Mas eu sempre tenho tempo pra tudo, tem tempo pra brincar com o C., pra estudar pra faculdade que não é fácil também, eu sempre dou um jeitinho.*

P1: *Não, eu faço e de vez em quando ele faz, ele prefere ficar mais com o C. do que fazer coisas dentro de casa.*

P2: *Ó, só que aí assim, ele ajuda só que depois ele cobra “é, porque eu fiz comida a semana inteira” e isso eu não gosto, porque eu não vou falar pra ele que eu fiz comida no final de semana.*

P3: *É muito difícil porque eu praticamente não tenho tempo, né? Então eu fico doidinha durante o dia, e o meu filho ele é muito, ele não sabe ficar sozinho, então tipo, se ele está brincando ele quer que a gente esteja do lado dele brincando, então eu tenho duas horas só pra fazer todas as atividades de casa assim, passar um pano, tirar um pó, fazer o almoço e a janta já. Então eu tenho que ser, tipo, muito rápida, e uma vez a cada quinze dias eu tenho uma faxineira que me ajuda, mas nos outros dias eu faço tudo muito correndo.*

P3: *E assim, toda vez que a gente está sozinho assim, e eu estou fazendo alguma coisa e o P. não está em casa eu sempre falo “me ajuda com isso, faz isso”, aí ele faz, mas você tem que mandar, se você esperar, vai esperar sentada.*

P4: *Sim, ele é aquele homem que..., ele é assim, ele fala que ele tem o dever e obrigação de colocar as coisas dentro de casa, então ele tem a obrigação de me bancar financeiramente. Por outro lado, ele é aquele que fica sentado no sofá, assistindo televisão enquanto eu estou fazendo tudo. Então ele é bem desses antigos mesmo, ele não me ajuda em nada, ele não lava, não passa, não cuida da minha filha, não faz nada, eu faço tudo, e ele, na cabeça dele tem a obrigação de só colocar as coisas dentro de casa.*

P4: É muita coisa, então, na verdade é assim, eu acho que a mulher ela já nasce com esse dom, acredito eu que nasce com esse dom, algumas não tem vontade de desenvolver, ou é genética, não sei, não saberia explicar devidamente como que é, só que eu acredito que a mulher ela já nasce com esse dom de fazer mil e uma coisa, trabalhar fora e trabalhar dentro de casa sim.

P4: [...] porque ele acha que ele não tem essa necessidade, só que aí entra outras coisas, ele foi criado dessa forma, a mãe dele acho que criou ele assim, que homem não é pra limpar, que homem não é pra, que homem é pra colocar dinheiro dentro de casa, então tem toda uma criação, tem tudo, né?

Categoria 3 - “Esse aqui você vai pagar, esse aqui não”: um mito em desconstrução, o homem paga tudo.

É interessante observar que em rodas de conversa entre amigas, os homens que ainda mais as impressionam são os mais bem sucedidos profissionalmente. Até mulheres financeiramente independentes, sexualmente bem resolvidas, mostram-se mais atraídas por homens mais bem situados social e profissionalmente. Neste momento pergunta-se: por que será que as mulheres ainda suspiram pelo homem provedor, ou melhor, por alguém que as mantenha? Por que as mulheres se sentem tão inseguras, depois de tantas conquistas no âmbito comportamental. A resposta que vem à mente é que autonomia, independência passam primeiramente, pela questão financeira, o que infelizmente, às vezes, ainda depende do homem.

Sob outra perspectiva, a mídia, com todos os seus apelos, contribui para a manutenção da imagem do homem poderoso. Assim sem que se perceba, esse tipo de imagem preenche nossa mente com estereótipos ou modelos a serem buscados como uma identidade afetiva e econômica desejável.

Na realidade, uma relação amorosa, saudável não deveria se pautar em estereótipos. Contudo, pensa-se que seja extremamente difícil estabelecer valores individuais numa época de globalização tão grande quanto a nossa. O que um pensa, todos devem pensar. O desfecho disso é que o machismo, que se pensava em franca extinção, parece ressuscitar das cinzas, apesar de não mais ser tão contundente quanto outrora, no que tange ao aspecto financeiro familiar.

P2: Ele paga as contas dele e eu pago as minhas, o máximo que a gente divide é, eu pago a escolinha do A., ele paga a moça que fica com ele depois da escola, e a

condução que pega ele e leva pra casa dessa moça. Ele paga a luz, ele paga a água, aí a prestação da casa é dividida no meio, o IPTU um mês ele paga, outro mês eu pago.

P3: *Eu, eu administro. [...] ele só, ele me dá assim o dinheiro e eu administro, e falo “esse aqui você vai pagar, esse aqui não”. [...] Não, ele aceita porque na casa dele também é assim com a mãe e com o pai dele, né? Então acho que ele já está acostumado com isso, e na casa do meu pai também é assim, é a mulher que administra, então acho que já acostumou com essas coisas.*

P4: *Tá, assim, financeiramente por mais que ele queira ser o homem da casa, o cabeça, que ele, na cabeça dele muitas vezes ele que tem que trabalhar e eu talvez não, ele até fala que tem sonho de ganhar muito bem pra que eu fique em casa, só cuidando da minha filha [...]*

P5: *A maioria das decisões sou eu, mas os que são mais pesados assim eu sempre sento com o V. e a gente sempre conversa, sempre tem aquele diálogo de decidir juntos, agora as coisas do dia-a-dia sempre sou eu.*

P5: *São os dois, os dois, a gente coloca sempre as contas em cima da mesa e fala “esse mês eu tenho isso, tenho isso, você paga isso, e isso, eu pago isso, e se sobrar a gente guarda lá e o outro a gente sai pra tal lugar”, é sempre assim.*

Categoria 4 – “Ela fala que mulher que é mulher tem que andar no salto, tem que andar bem vestida”: vaidade feminina perdura no tempo e independe de classe social

Segundo os estudos de Edmonds (2002), quando ocorrem mudanças estruturais como o aumento do número de pessoas do sexo feminino trabalhando, competição e discriminação no local de trabalho, tudo isto estimula as mulheres a ficarem mais vaidosas levando-as ao consumo de produtos e serviços para aumentar sua competitividade no mercado de trabalho e nas relações sociais.

É um fato as pessoas, especialmente as mulheres, avaliarem sua aparência baseando-se no que a sociedade considera atraente, significativo e valioso. Neste sentido, a autoestima de uma mulher pode ser profundamente afetada a depender do modo como ela acredita que a sociedade valoriza seu corpo (RICCIARDELLI; CLOW, 2009).

As reflexões de Abdala (2004) sobre vaidade ajudam-nos a compreender que os inúmeros produtos e serviços que trazem a promessa de tornar as pessoas mais

belas são utilizados para justificar os efeitos que uma bela aparência causa nos outros, haja vista que são buscados os benefícios associados com a beleza tais como elogios e até mesmo conquistas amorosas. As recompensas sociais obtidas com base na beleza servem como motivadores para a exacerbação da vaidade física no mundo contemporâneo.

A consequência do consumismo de produtos estéticos, associado à vaidade física, pode ser extremada ou equilibrada, dependendo do nível de envolvimento das pessoas com os produtos, demandas e recompensas sociais relativas a esse processo. Pode-se tomar como exemplo, o caso de algumas das participantes deste estudo que, ora apontam que se arrumam para sentirem-se melhor, ora apontam que fazem isto por demandas do próprio trabalho.

P3: *No dia-a-dia, pra ir trabalhar eu não me enfeito muito não porque ficar dentro daquele carro ... derrete qualquer maquiagem, qualquer cabelo, qualquer coisa, que aquela perua é um forno lá dentro, mas no final de semana eu gosto, não saio sem uma maquiagem, arrumo o cabelo, dia de final de semana, feriado assim, eu gosto de me arrumar.*

P4: *Não, então, como eu havia dito anteriormente eu sou vaidosa, porém, não ligo pra luxo, né, que tem mulheres que, por exemplo, pra passar uma maquiagem tem que ser a mais cara. Eu gosto de passar maquiagem, mas independente de qual... [...]*

P4: *[...] já estou ensinando pra ela que o importante é você andar bem vestida, independente do preço, não tem que ser caro pra ser bonito, entendeu?*

P2: *“Ah! Eu preciso estar sempre com a unha feita, tenho que ir no cabeleireiro toda a semana, e não sei o que”, não sei o que, pra me mostrar para os outros, eu quero ficar assim porque eu me sinto bem. Aí tem uma festa, alguma coisa, realmente vou e faço unha, faço cabelo e nanana nanana...*

P5: *Ela fala pra mim “Vai ficar usando esse camisã, esses shorts de homem aí em casa”[...] e ela fala “Vai ficar que nem eu, quando separar, o seu marido cansa”, agora ela começa a falar as coisas.*

P5: *[...] a mãe dele é uma pessoa muito difícil, e ela é extremamente vaidosa... [...] Ela fala que mulher que é mulher tem que andar no salto, tem que andar bem vestida.*

Categoria 5 – “Uma Amélia com muito mais coisas, muito mais melhorada”: um discurso que se consolida

É a partir do século XX, que a relação de poder homem x mulher passa a ser descaracterizada, ou seja, a mulher não aceita mais estar na posição de um ser submisso. Neste século, o discurso da mulher torna-se mais heterogêneo, ela não aceita mais a condição de ser apenas a rainha do lar. A mulher deseja fazer parte do meio social em que habita, de expor suas ideias, suas opiniões e ter uma profissão, que torne seu discurso legitimado. Entretanto, apesar da predominância de um discurso de maior independência e autonomia, as mulheres emergentes em alguns aspectos ainda continuam a se comportar como sua mãe e sua avó o faziam em sua época.

***P1:** No meu pensamento eu acho que a mulher de verdade é aquela que é companheira, que sempre está ali lado a lado, se precisar está junto, não só ele fazer, mas ela também, tipo, os dois ceder, eu acho que essa é a mulher de verdade.*

***P2:** [...] independente do que a mulher faça, por mais do que ela faça, que ela seja uma *baita* de uma profissional, que ela tenha tudo aquilo que um homem pode conseguir numa carreira, ela vai continuar sendo cobrada para ser mãe, para ser dona de casa, para ser a boa profissional, para ser a boa esposa, para ser amiga e a companheira, então assim, as coisas que a Amélia fazia, as de hoje ainda são cobradas pelo comportamento machista que a gente tem hoje em dia, só que, além disso, ela tem que dar conta do profissional. [...] Uma “Amélia” com muito mais coisas, muito mais melhorada, muito melhorada.*

***P3:** Eu acho que a mulher de verdade tem que trabalhar, tem que conquistar suas coisas próprias, e também tem que ser mãe e mulher ao mesmo tempo, né?*

***P4:** E hoje em dia eu acredito que não existam mais mulheres assim, existem poucas. Mas hoje em dia não, ela já toma a frente, ela vai em busca dos seus objetivos, ela estuda, ela trabalha, ela cuida do seu filho, e se o marido, muitas vezes ela toma decisões que se está bem com o marido tá, e se não tá ela toma decisão de ir embora, entendeu? Ela não permite hoje, por exemplo, que o marido atrapalhe a vida dela de alguma forma...*

P5: Ah, a mulher de verdade eu acho que é aquela que cuida da casa, cuida das crianças, que trabalha, que vai em busca de tudo, que faz tudo na verdade, o homem sempre a acompanha, pra mim a mulher de verdade o homem acompanha porque a mulher é a que leva ali, que tem aquele samba de cuidar da casa, cuidar dos filhos, trabalhar, de se preparar pra um evento, então eu acho que é essa a “mulher de verdade”. Sempre está na ativa, não pára nunca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é exagero afirmar que a representação de estereótipos femininos em músicas populares tende a refletir o que circula na sociedade, uma vez que é usual abordarem-se problemáticas da sociedade em suas letras. Neste sentido, a música é uma das representações artísticas cuja repercussão se transforma em um mecanismo reprodutor das ideologias que estão circunscritas nas letras.

Creio que seja com esta percepção que se deva olhar para a cultura das mulheres emergentes, e como algo enraizado em seu passado, haja vista as letras de antigas músicas populares. Ao se considerar que as músicas populares reproduzem o que vai pela sociedade, no caso brasileiro contribui para a proliferação das desigualdades entre homens e mulheres.

Contemporaneamente, não é mais hegemônica a ideia da superioridade masculina, pois a mulher já se encontra integrada no sistema produtivo. Este ingresso no sistema produtivo fez com que houvesse mudanças tanto na família quanto no comportamento, particularmente, no da mulher emergente.

Concorda-se com Confortin (2003) quando aponta que não há dúvidas que a mulher ainda enfrenta muitos obstáculos, entretanto, conseguiu, com o decorrer dos tempos, desempenhar diversos papéis na sociedade e assumir, com competência, grandes áreas do conhecimento e da profissionalização.

Entretanto, no que tange à música, pensa-se que a figura feminina, apesar de suas evidentes conquistas, não conseguiu apagar a velha imagem dos discursos machistas. De modo geral, nos dias atuais é possível considerar algumas marcas já diferenciadas da imagem feminina nos mais variados gêneros musicais, como: “poderosa”, “cheia de charme”, o que tem gerado certa perplexidade tanto no homem, quanto na sociedade e, muitas vezes, com essa inovação imagética, no

discurso de senso comum, às vezes, a mulher tem sido motivo de exaltação e às vezes motivo de zombarias.

Confrontando a imagem da mulher moderna nos gêneros musicais com a da década de 1940 até início de 1960, verifica-se que a mulher evoluiu, pois deixou de ser subordinada para se tornar a dominante. Todavia, sem generalizações, pois nos dias atuais ainda existem muitas mulheres com essa imagem de submissão.

A mulher atual é ativa, pois está sempre indo atrás do que quer e ela sabe o que quer. Além de não ser mais submissa e passiva, ela também não quer mais revestir-se com a imagem de delicadeza, pureza, doçura. Ela também quer ser vista como batalhadora, forte, capaz.

Ao voltar no tempo, observa-se que no período em que foi composta “Ai, que saudades da Amélia” (metade do século XX), ainda existiam fortes traços do pensamento patriarcal no Brasil. As mulheres não possuíam voz, e mesmo que tivessem não tinham repercussão suficiente para uma maior penetração social. Assim, mulheres como Amélia tornaram-se modelos a serem seguidos.

Independente das mudanças ocorridas é preciso considerar que ainda é possível observar diferenças existentes entre as atividades diárias de homens e mulheres, visto que ambos apresentam comportamentos muito distintos quando se trata de compatibilizar atividades profissionais com domésticas.

Entretanto, é indiscutível que a sociedade brasileira esteja se modificando na medida em que a mulher vem assumindo maiores responsabilidades em função de sua maior inserção no mercado de trabalho e sua crescente participação no orçamento e decisões domésticas. Por conseguinte, as novas características da mulher emergente colocam sua identidade de gênero sob um novo foco, ou seja, a ela agregam-se atributos relacionados a um necessário “jogo de cintura”, exigido para alguém que precisa conciliar várias esferas do cotidiano.

Embora seja observável o quanto de espaço as mulheres já conquistaram no cenário brasileiro, em quase todos os setores, ao incorporar determinados aspectos em seu comportamento, que vão além daqueles da mulher “tanque e fogão”, acaba por recriá-lo, fortalecendo a mulher que busca por valorização e definição de sua identidade, ainda que suas metas não sejam única e exclusivamente o cuidado do lar e filhos.

De acordo com Rocha-Coutinho e Losada (2007), quando uma pessoa fala, ela está representando sua classe social, seu momento histórico, sua etnia, seu

sexo, entre outras coisas. Não há como fazer uma separação entre esses níveis. Desse modo, a fala pessoal pode nos revelar muito do contexto histórico-social no qual se está inserido. Assim, pode-se, de certa forma, a partir dos discursos das participantes deste estudo “construir” uma definição do que é ser uma mulher emergente, com filhos.

Neste sentido, apesar desta pesquisa pautar-se apenas na vivência de seis mulheres emergentes, tem como pano de fundo a história de muitas outras mulheres brasileiras de classe média, com a qual muitas vezes suas histórias se entrelaçam.

Fechando este raciocínio, retomam-se as reflexões de Rocha-Coutinho e Losada (2007) quando acreditam que é importante evidenciar falas femininas, como nesta pesquisa, que é uma forma de não esquecer do que se conquistou, do que há para ser conquistado, e de chamar a atenção para antigos costumes e ideologias que, mesmo com nova roupagem e configuração distinta, ainda permanecem.

REFERÊNCIAS

- Abdala, P. R. Z. (2008). *Vaidade e consumo: como a vaidade física influencia o comportamento do consumidor*. 139 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS.
- Berthoud, C.M.E. (2003) *Workshop Metodológico – “A arte e a técnica de produzir conhecimento”*, 2003 (p. 19).
- Confortin, H. (2003). *Discurso e gênero: a mulher em foco*. In: M. I. Ghilardi-Lucena (Org.), *Representações do feminino* (pp.107-123). Campinas: Átomo.
- Edmonds, A. (2002). *No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*. In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record.
- Hall, S (1997) *The work of representation*. In: Hall, S. (Org.) *Representation. Cultural representation and cultural signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University.

- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 10.ed. Rio de Janeiro:DP&A
- iDicionário Aulete. (2014). Recuperado de <http://aulete.uol.com.br/>.
- Lima, C.D; Sanches, NPL. (2009 jan./jul.). *A construção do eu feminino na música popular brasileira*. Caderno Espaço Feminino v. 21 (n. 1).
- Nolasco, S. (1995). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Pinto, M. J. (1999). *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker.
- Ricciardelli, R.; Clow, K. (2009). Men, appearance, and cosmetic surgery: the role of self-esteem and comfort with the body. *Canadian Journal of Sociology*, v. 34, (n. 1).
- Rocha-Coutinho, M.L. (1998a). *A análise do discurso em psicologia: Algumas questões, problemas e limites*. In L. Souza, M. F. Quintal de Freitas, M. M. P. Rodrigues (Orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha-Coutinho, M.L. e Losada. (2007) *Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, set./dez.
- Silva, T.T. (Org). (2004b). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Silva, F.F. (2007). *A produção dos corpos generificados no contexto escolar*. In: Ribeiro, P.R.C. (Org.), *Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar – Caderno Anos Iniciais*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

CAPÍTULO 4 – (ARTIGO) AS RELAÇÕES DA MULHER EMERGENTE E O TRABALHO A FAMÍLIA E A ESCOLARIZAÇÃO

Mulheres de Atenas
Chico Buarque de Holanda

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas
Quando amadas, se perfumam
Se banham com leite, se arrumam
Suas melenas
Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem imploram
Mais duras penas; cadenas
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Sofrem pros seus maridos
Poder e força de Atenas
Quando eles embarcam soldados
Elas tecem longos bordados
Mil quarentenas
E quando eles voltam, sedentos
Querem arrancar, violentos
Carícias plenas, obscenas
Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Despem-se pros maridos
Bravos guerreiros de Atenas
Quando eles se entopem de vinho
Costumam buscar um carinho
De outras falenas
Mas no fim da noite, aos pedaços
Quase sempre voltam pros braços
De suas pequenas, Helenas

Mírem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas:
Geram pros seus maridos
Os novos filhos de Atenas
Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
Têm medo apenas
Não tem sonhos, só tem presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Líndas sirenas, morenas
Mírem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Temem por seus maridos
Heróis e amantes de Atenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas, serenas
Mírem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Secam por seus maridos
Orgulho e raça de Atenas

AS RELAÇÕES DA MULHER EMERGENTE E O TRABALHO A FAMÍLIA E A ESCOLARIZAÇÃO

Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo

Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

Mediante o relato de 6 mulheres da nova classe média brasileira entre 22 e 32 anos, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudos de caso múltiplos, com entrevistas por pautas que versaram sobre: trabalho, família e escolarização. Os resultados corroboram achados de estudos anteriores, apontando que o modelo hegemônico de organização familiar (homem provedor/mulher dona de casa) encontra-se em declínio. Embora os relatos apontem para a contribuição igualitária dos parceiros nas tarefas domésticas, observa-se que tal participação apresenta apenas caráter complementar. O trabalho apresenta-se como possibilidade de realização pessoal e afastamento de uma rotina estressante permeada por afazeres intermináveis e pela tarefa de cuidar de filhos. Neste contexto, a escolarização parece transformar-se no meio pela qual estas mulheres lançam mão na busca de maior autonomia e independência financeira. Os resultados apontam que mesmo entre casais mais jovens, as mulheres responsabilizam-se pela maior parte das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos. Por circunstâncias próprias do início da conjugalidade, as mulheres emergentes relativamente jovens são menos críticas em relação à menor contribuição masculina na distribuição de tarefas domésticas. Em busca por autonomia, convivem com valores tradicionais e modernos. Observou-se também que se avoluma a participação das redes familiar ou informal de apoio, transformando-se num diferencial na configuração doméstica de mulheres emergentes desta faixa etária. A atuação destas redes possibilita a execução de seus objetivos sem que se sintam transgressoras ou desnaturadas, e sem que haja, um aumento de conflitos conjugais.

Palavras chave: mulher emergente; trabalho; continuidade e descontinuidade de padrões.

ABSTRACT

The emerging womanrelation withwork,family and education issues

Through the account of 6 women of the new Brazilian middle class between 22 and 32 years old, it was developed a qualitative research in delineation of multiple cases studies, by interviews with subjects about: work, family, and education. The results corroborate findings of previous studies, showing that the hegemonic model of family organization (the male wage earner figure / the woman housewife figure) is declining. Although the reports point to the equal contribution of partners in the household chores, it is observed that such participation has only a complementary manner. The work is presented as a possibility of personal fulfillment and separateness from a stressful routine pervaded by endless chores and the task of taking care of children. In this context, education becomes a means the woman uses in the search for higher autonomy and financial independence. The results indicate that even among young couples, women take responsibility for most of the housework and child care. Due to the circumstances of the beginning of marriage, the relatively young emerging women are less critical of the low male contribution in the division of household chores. Seeking for autonomy, these women live with traditional and modern values. It was also observed that the involvement of family or informal support networks has grown, becoming a differential in the domestic setting of this emerging women of this age group. These networks make the achievement of their goals possible, without the feeling of transgression or indifference, and without an increase of marital conflicts.

Keywords: emerging women; work; continuity and discontinuity patterns.

INTRODUÇÃO

Ao se percorrer alguns trechos da história do trabalho da mulher no Brasil, pode-se perceber que sua situação na sociedade sempre foi considerada de menor importância.

De uma posição relegada aos afazeres domésticos e à criação dos filhos, embora informalmente, a mulher sempre trabalhou fora do lar para ajudar no sustento da casa e, muitas vezes, exerceu o papel de chefe de família ou “pessoa de referência”. Atualmente, com as mudanças ocorridas na família e o decorrente

aumento do número de pessoas que contribuem financeiramente nas despesas da casa, o conceito de chefe de família, foi substituído pelos termos “pessoa de referência” ou “pessoa responsável” para designar a pessoa que mantém a autoridade, ou mesmo, aquela que provém à família economicamente, sendo reconhecida por seus próprios integrantes. (IBGE, 2012, p.86).

Em tempos de pós-modernidade, o papel da mulher passa por transformações, transitando entre a visão essencialista (diferenças biológicas entre homens e mulheres) como uma de suas características anteriores, para a concepção do significado da mulher na construção social do gênero feminino, sendo a realidade construída por meio da linguagem e partilhada pelos indivíduos nas conversações.

Por outro lado, outros aspectos também devem ser considerados como a globalização, a divisão sexual do trabalho, a precarização e flexibilização do trabalho feminino e sobre como tem sido a conciliação entre os afazeres domésticos e o trabalho exercido fora do lar.

Globalização e divisão sexual do trabalho

Sobre a temática da globalização, recorreu-se aos estudos das Ciências Sociais, uma vez que apresentam uma visão mais abrangente sobre o assunto. De acordo com Hirata (2001) reportando-se aos estudos de Petit (2000), globalização trata-se de uma tendência histórica da internacionalização do capital. Entretanto, segundo esta mesma autora o que há de novo neste processo são fatores como: a intensidade dos fluxos, a variedade dos produtos, o número de agentes econômicos implicados nesta nova tendência.

Para melhor compreensão desta tendência, Hirata (2001) afirma que é preciso que ao menos três dimensões sejam consideradas: 1) Sua alavancagem por políticas governamentais que não incentivam a ação do Estado na economia (neoliberais), tendo como consequência a liberalização das trocas comerciais, a desregulamentação, a abertura dos mercados e novas lógicas de desenvolvimento de empresas multinacionais, tendo como culminância as privatizações, o desenvolvimento da subcontratação e da externalização da produção; 2) O desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e de comunicação e a expansão de redes, tornando possível a circulação imediata de informações e de

dados de toda ordem e a financiarização⁴ das economias; 3) A atualização dos papéis desempenhados pelos organismos reguladores internacionais do trabalho, nem sempre em harmonia com a regulação pelos países e pelas firmas internacionais.

Pesquisas do IBGE indicam um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto nas informais da vida econômica, especialmente no setor de serviços. O documento Síntese dos Indicadores Sociais (IBGE, 2012) aponta a evolução dos empregos formais e informais das mulheres brasileiras no período compreendido entre 2001 e 2011.

Ainda para o entendimento da maior inserção da mulher no mercado de trabalho, recorreu-se à contribuição de Posthuma (1998) o qual aponta que processos de exclusão podem ser observados em relação a determinados grupos. Esta exclusão surge e é reproduzida nos comportamentos individuais e coletivos (nas instituições) e constroem barreiras estruturais à inserção dos mesmos. Em contrapartida, esta exclusão permite que se compreendam situações de desemprego também como formas de emprego precárias e discriminatórias.

Posthuma (1998) indica que inserções que embutem exclusões são observadas frequentemente no trabalho feminino. Evidentemente, tendo em vista veladas exclusões, as demais formas de trabalho tendem a assumir condições precárias ou não remuneradas, e ainda desprover as mulheres de oportunidades para desenvolver novas habilidades.

No contexto da reestruturação produtiva que surge em decorrência da globalização, a deterioração das condições de trabalho atinge a todos, sejam homens ou mulheres. No entanto, ela incide de forma mais aguda sobre as mulheres, pois como exposto anteriormente, surgem a cada dia novas formas de exclusão que se sobrepõem aos mecanismos de exclusão de gênero já existentes.

Enfim, para encerrar esta revisão sobre as questões da globalização frente às relações entre gênero e trabalho retomou-se o pensamento de Hirata (2001) que afirma que a intensificação da participação de mulheres, seja no mercado formal

⁴ Financiarização ou crescimento muito mais rápido e acentuado do volume de operações financeiras que o crescimento do produto. Pintado, X. Ética e Globalização. *Gestão e Desenvolvimento*, 11 (2002), 27-38. Disponível em: <http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/gestaodesenv/GD11/gestaodesenvolvimento11_27.pdf>. Acesso em: 29 Set.2013.

quanto informal de trabalho, porém ocupando vulneráveis postos de caráter precário, trata-se de um dos paradoxos da globalização. Sob este particular, pode-se inferir que as desigualdades de salários, de condições de trabalho e de saúde não diminuíram, muito embora tenhamos a ilusão de que tenha acontecido o contrário. Esta e outras questões associadas à menor proteção do trabalho feminino serão discutidas nas reflexões sobre flexibilização e precarização do trabalho feminino que se apresentam a seguir.

A precarização e flexibilização do trabalho feminino

De acordo com Hirata (2001), a reboque do aumento do emprego feminino a partir dos anos de 1990 aparece o emprego vulnerável e precário, uma das características principais da globalização numa perspectiva de gênero, o que certamente também atinge a mulher emergente. Neste sentido, uma retomada sócio-histórica deste aspecto é importante para que se possa compreender em quais condições a mulher que se tornou emergente chegou a este patamar. Desde sua elevação para a nova classe média brasileira, a crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho, tanto no setor formal quanto em atividades informais, fez-se e continua a se fazer notadamente sentir no setor terciário da economia.

Conforme dados dos IBGE (2012), as mulheres são mais numerosas do que os homens tanto no trabalho informal quanto no trabalho em tempo parcial, com um número inferior de horas trabalhadas e também níveis mais baixos na escala de qualificação formal (Hirata; Maruani; Lombardi, 2008).

Ao acrescentar a este quadro contratos por tempo determinado, a inexistência de proteção social, assegurada pelo Instituto de Previdência Social, e os direitos associados ao emprego, configura-se aí a precarização do trabalho.

O trabalho em tempo parcial, excetuando-se aqueles tradicionalmente exercidos em regime de meia jornada como os educacionais ou os da área de saúde, configura-se numa modalidade de contratação que provoca insegurança no emprego, na carreira, na renda e nas perspectivas de formação e de representação sindical. Acumula-se ainda a esta questão, o fato de que a maioria dos empregos precários é assumida por uma população constituída majoritariamente por mulheres jovens, menos qualificadas e com menos titulação do que a média da população assalariada. Neste quadro encaixa-se perfeitamente a mulher emergente.

Outro fenômeno bastante peculiar que se observa na esfera do trabalho, constitui-se segundo Hirata (2001) na bipolarização dos empregos femininos, resultantes, em parte, pela busca de maior escolaridade, e em decorrência maior qualificação, por algumas camadas femininas da sociedade. Se de um lado, encontram-se mulheres executivas exercendo profissões intelectuais, de outro, encontram-se mulheres que se mantêm nas ocupações tradicionalmente femininas e que dão suporte às primeiras em suas tarefas domésticas.

Hirata (2001) aponta ainda que uma das consequências desse duplo processo é a exacerbação das desigualdades sociais e dos antagonismos, constatadas agora não mais somente entre homens e mulheres, como também entre as próprias mulheres.

Ao retomar o foco da precarização do trabalho feminino, recorreu-se ainda a Hirata (2009) que menciona que quanto a este aspecto observam-se consequências diferenciadas para ambos os gêneros. No que se refere a trabalho, as mulheres são mais atingidas pela precariedade do que os homens.

Dados estatísticos da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), 2012 comprovam que a precarização do trabalho que atinge a categoria dos trabalhadores está correlacionada à sua composição sexuada. Conforme tais indicadores há uma nítida divisão sexual não só ao que se refere à ocupação de postos de trabalho como também em relação à sua precariedade, submetendo em particular a mulher à possibilidade de bruscas variações na renda e em seu padrão de vida.

Dessa maneira, a precariedade do trabalho que irremediavelmente acarreta na precarização familiar traz também em decorrência uma intensificação e uma flexibilização do trabalho, com a possibilidade do trabalho ser executado em regime parcial.

Sob o ponto de vista de Neves (1999), a reestruturação produtiva advinda com a globalização tem desencadeado um conjunto heterogêneo de conteúdos de trabalho e formas de contratação. A tendência que se configura atualmente mostra a constituição de um grupo de trabalhadores qualificados, estáveis e bem pagos e a ampliação de redes de subcontratação com empresas terceirizando parte de sua produção, estabelecendo contratos flexíveis e provisórios, nos quais, em sua grande maioria, é engajada a força de trabalho feminina. Sob esta perspectiva, é bem provável que na medida em que cresce a nova estrutura industrial de cadeias de

subcontratação, amplia-se a precarização das formas de contratação e de condições de trabalho, imprimindo maior feminização aos postos de trabalho.

A mulher emergente: afazeres domésticos e ocupação fora do lar

Dada a marcante atualidade deste fenômeno da maior inserção da mulher no mercado de trabalho, sua compreensão de forma mais científica ainda carece de maiores pesquisas oficiais e publicações.

Observa-se no dia-a-dia que o trabalho das mulheres não depende somente da demanda do mercado e de suas qualificações, e sim decorre também de uma articulação complexa de características pessoais e familiares, como por exemplo: a presença de filhos, sua posição no grupo familiar (como cônjuge, pessoa de referência da família, mãe, entre outras), ou ainda a necessidade de prover ou complementar o sustento do lar que, inevitavelmente, são fatores que estão sempre presentes nas decisões das mulheres de ingressar ou permanecer no mercado de trabalho, independente de qual classe social a que pertençam.

Algo, no entanto, é ponto pacífico, é possível pensar que a atividade produtiva fora de casa tornou-se tão importante quanto a própria maternidade ou o cuidado para com os filhos. Ainda que a presença de crianças pequenas seja um limitador real da atividade feminina, outras variáveis podem vir a estimular sua determinação sobre a busca de uma atividade profissional. A presença de serviços públicos e particulares de atenção à maternidade como creches públicas ou escolas de educação infantil particulares, a necessidade econômica das famílias para fazer frente, seja ao desemprego ou à uma renda domiciliar reduzida, favorecem que a mulher sinta-se atraída para tomar uma decisão positiva em relação à sua adesão ao trabalho fora de casa.

Em 1980 implantou-se no Brasil a Pesquisa Mensal de Emprego. A finalidade primordial desta pesquisa era a de produzir indicadores confiáveis para o acompanhamento conjuntural do mercado de trabalho nas grandes regiões metropolitanas, mediante uma pesquisa domiciliar urbana.

A partir dos dados retrospectivos desta pesquisa, foi possível reunir dados para uma consistente análise sobre a evolução do emprego com carteira assinada no setor privado tendo como referência o período compreendido entre 2003/2012.⁵

Ao analisar o universo da população feminina ocupada, a PME (2012) verifica que o crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho ocorreu de forma bastante expressiva quando se trata da condição de empregada com carteira de trabalho assinada no setor privado. Enquanto na população ocupada a participação feminina aumentou 2,6 pontos percentuais (de 43.% em 2003 para 45,6% 2012), a população ocupada feminina com carteira de trabalho assinada no setor privado cresceu 9.8 pontos percentuais (de 34,7% em 2003 para 44,5% em 2012). A elevação destes percentuais indica de maneira bastante clara a busca da mulher emergente por um trabalho com carteira assinada, que além dos benefícios que lhe são garantidos por lei, assegura-lhe também a facilidade de crédito. Para a nova classe média brasileira o crédito e o nome limpo são vitais para que possa efetivar suas aspirações de consumo.

Um dado bastante interessante refere-se à atividade doméstica. No ano de 2012, a participação dos trabalhadores domésticos, em nossa economia era de 6,6%, ou seja, 1.522.000 pessoas, apresentando uma queda em relação ao ano de 2011, que contava com 1.554.000 pessoas trabalhando neste mesmo setor. Esta queda foi maior ainda quando se compara com os dados de 2003 quando a participação desses trabalhadores era de 7,6% (1.402.000 mil pessoas).

Tais dados comprovam que a mulher da classe emergente já não quer mais se dedicar ao trabalho doméstico, talvez, porque o mesmo reporte à condição de servidão.

Quanto aos setores de atividades, a PME (2012) também indica que o comércio foi o setor que mais registrou crescimento de empregados com carteira assinada, e não é de se estranhar dado o grande volume de trabalhadores que ao ascenderem de classe social, engajaram-se no setor terciário da economia. Em 2003, este setor abrigava 39,7% dos trabalhadores, em 2011 subiu para 53%.

⁵ IBGE (2012) – Pesquisa Mensal de Emprego (PME) Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas.

Comércio e serviços são os setores que mais têm gerado postos de trabalho. E postos formalizados, que acabam absorvendo esse contingente de pessoas sem carteira. O comércio desponta como setor de grande absorção de uma mão de obra que antes não tinha essa proteção, respondendo também pela transformação qualitativa do mercado de trabalho.

Após esta breve contextualização da mulher emergente frente ao trabalho, segue a descrição de uma pesquisa feita com mulheres emergentes, as quais oportunizaram que se analisassem ainda outras questões como a família e sua escolarização.

OBJETIVOS

- Compreender, por meio do relato das experiências de mulheres pertencentes à nova classe média brasileira, sua relação com as questões do trabalho, família e escolarização.

METODOLOGIA

Este artigo descreve uma pesquisa qualitativa, para a qual optou-se pela entrevista por pautas como instrumento de coleta de dados, sendo que estas entrevistas são compostas por perguntas abertas com pautas (relação), interrelacionadas entre si e apontadas gradativamente pelo pesquisador (BERTHOUD, 2003).

Nestas entrevistas, as questões versaram sobre a família atual, filhos, profissão, carreira, cursos de faculdade, ou profissionalizantes, ou de pós-graduação, aspirações profissionais, o comportamento da mulher da atualidade, entre outras.

Foram entrevistadas 6 participantes, sendo que inicialmente foram levantados seus dados sócio-demográficos; sua escolaridade, e sua dinâmica familiar levando-se em consideração sua dupla jornada de trabalho, sendo que 04 são casadas e 02 divorciadas, todas possuem filhos pequenos na faixa etária entre 3 e 12 anos. Todas exercem uma atividade fora do lar e todas frequentam alguma curso de formação quer seja acadêmico ou profissional. Foram unânimes em apontar que entre trabalho e estudo ocupam em média 10,5 h diárias.

Os dados foram organizados a partir da Análise de Conteúdo, sendo que as entrevistas foram transformadas em uma estrutura narrativa, obtendo-se um relato-síntese para cada entrevistada, podendo-se, assim, extrair delas algumas unidades de significado.

Optou-se por não desdobrar as unidades de significado em categorias, pois entendeu-se que para uma compreensão inicial de questões que envolvem a mulher emergente, a visão oferecida pelas unidades de significado, num primeiro momento, seria suficiente.

Estas unidades de significado abrangeram temas como família, escolaridade e trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito embora tenha sido econômico o critério para o enquadramento das participantes desta pesquisa na nova classe média brasileira, não serão sobre os efeitos ou as influências de um novo patamar de renda sobre a família a que nos ateremos, e sim, sobre como as mulheres emergentes na faixa etária entre 22 e 32 anos vivem, e como lidam com todas as circunstâncias que envolvem o trabalhar fora, o estudar e o ter filhos, melhor dizendo, como conduzem não só sua vida pessoal como a profissional, considerando-se que também possuem filhos, e que a tarefa de educar exige muito mais do que a simples presença física.

Quanto ao **trabalho**, houve unanimidade em concordar sobre a relevância das mulheres desempenharem alguma ocupação profissional. Muito embora na fala de todas tenha ficado implícita a questão da opção do trabalho por necessidade financeira, nos demais momentos das entrevistas ficou claro que a opção pelo trabalho ocorre muito mais por uma questão de realização pessoal do que propriamente econômica. Este fato fica muito presente na fala de E3 que se expressou da seguinte maneira em relação ao trabalho *“O trabalho para mim é tudo... depois de minha separação, entrei em depressão e o trabalho me ajudou muito”*, ou na expressão de E5 *“O trabalho é uma oportunidade de crescer na vida financeira, e crescer em conhecimentos, o que permite a elevação da autoestima”*

Outro destes depoimentos leva a pensar sobre os significados construídos socialmente quando “E1” nos diz: *“Fui trabalhar porque não queria ficar em casa”*. Quanto desta afirmação não está impregnada das ideias que circulam sobre a

inserção da mulher no mercado de trabalho e sobre sua força produtiva? Ao contrário de nossas antepassadas, que viviam sob a égide do “*lugar de mulher é dentro de casa*” ou “*lugar de mulher é na cozinha*”, o quanto esta jovem já não entrou em contato com ideias exatamente opostas a estas? Em que medida, ao assumir tal posição, buscou inspiração em mulheres trabalhadoras entre as pessoas de sua relação?

Se o trabalho fora do lar tem se tornado o objetivo de muitas destas mulheres emergentes, certamente as características do trabalho doméstico contribuíram para isso. Que o trabalho doméstico é extenuante não seria novidade nem para nossas avós, o inusitado de nossos dias é a quantidade de horas que estas mulheres dispensam às suas atividades. Se anos atrás, a mulher já buscava por uma ocupação fora de casa hoje, além disso, elas buscam também pela ampliação da formação acadêmica ou profissional. O inadmissível trabalho feminino fora de casa, apenas tolerado em décadas passadas, hoje se transformou em algo, outrora impensável: a longa ausência diária da mulher fora do lar. Ao se levantar o perfil das participantes da pesquisa observou-se que em média, a mulher da nova classe média brasileira ocupa-se com suas atividades por um período que se aproxima, em média, das 10 horas e meia diárias.

Sobre a **família**, neste ponto duas indagações importantes convidam à reflexão quando se depara com esta surpreendente constatação: o primeiro relacionado à reação da família a todas estas horas de ausência materna, e o segundo: se a mãe permanece por tanto tempo afastada do lar, quem se incumbiria ou se incumbe de suas funções?

Quanto à reação da família, as participantes apontaram que, na maioria das vezes, ela se consoma de maneira muito positiva. Em unanimidade nos indicaram que a reação tanto da família de origem quanto da nuclear é de apoio, apenas uma das participantes acredita que o apoio de seu marido poderia ser maior, dado que se torna quase inexpressivo diante de uma maioria que oferece todo apoio a estas mulheres, não só material, quanto psicológica.

Quanto ao segundo ponto sobre quem se incumbiria das tarefas domésticas enquanto esta jovem permanece ocupada, depara-se com respostas que fazem refletir sobre redes de apoio que se formam. Quase todas expressaram que contam com a ajuda incondicional do marido, que não se furta em realizar do mais fácil ao mais difícil serviço doméstico. Isso é muito importante quando se pensa no desgaste

que uma pia de louça ou uma máquina de roupa sujas pode gerar nas relações de um casal diante da urgência de realizar tarefas que se acumulam. Outra ajuda com que podem contar é com a dos próprios pais e sogros, que se mostram disponíveis quando o casal necessita de ajuda, sem contar com a ajuda de mão de obra informal, que sempre pode ser contratada para adequação de uma ou outra situação, como no depoimento de E4 *“Antigamente quando eu chegava, liberava a moça que cuidava dele”*.

Neste estudo julgou-se bastante interessante o que se observa em relação à questão do *“dar conta do serviço doméstico”*. Nossas avós e muito provavelmente nossas próprias mães ficariam muito incomodadas diante de uma pilha de roupa que não foi passada, ou de uma casa que não foi varrida ao longo de um dia. Sobre este particular, algumas participantes declararam que se ocupam das tarefas caseiras que demandam mais tempo somente aos finais de semana, e ainda que contam com a ajuda do marido, dos pais ou dos filhos para isso, como aponta E2 *“Olha, eu tenho colaboração total, tanto do meu filho, quanto do meu marido, eles me ajudam muito... meu esposo me ajuda em tudo até porque eu trabalho 12 horas do meu dia, então muitas coisas em casa ele é quem acaba fazendo prá mim...”*

Outra questão interessante é a dos filhos, para quem as mães procuram dedicar parte de seu tempo, independente de tê-lo em tão pouca medida. Todas as participantes foram unânimes em responder que procuram destinar uma parte do tempo para estarem com seus filhos. Para E1 *“Eu deixo de lado as atividades domésticas para ficar com meu filho, meu filho é a prioridade”*, sobrepondo-se às atividades domésticas e até profissionais. “E5” além de todas as atividades que desempenha ao longo do dia, procura reservar diariamente um período de 1,5 horas para estar com sua filha e acompanhar seu crescimento e necessidades.

Também relacionada ao trabalho encontra-se a questão que diz respeito à importância que atribuem à aparência, ou melhor, sobre como se apresentam no trabalho. Em conformidade com as respostas das participantes, elas arrumam-se por imperativos do trabalho como no depoimento de E2 *“Eu acho que a gente precisa estar bem, não que isso queira dizer que a gente esteja bem por dentro, mas eu acho que o cuidado com a aparência é importante”* e E4 *“[...] Como você vem trabalhar de sapatilha? Tem toda uma cobrança das outras pessoas do Banco. Eu não tenho essa preocupação, mas pelo trabalho eu acabo fazendo”*, porém o que se observa é que esta justificativa é apenas fragmento de uma verdade maior que é o

desejo de estar bem consigo mesma, o que nos aponta para um ganho de autoestima quando se trabalha e o poder de autogerenciar a vida é adquirido, o que nos conduz à percepção sobre a estreita relação entre bem-estar psicológico e aumento do poder aquisitivo.

Quanto às relações com **a família**, aspecto a se dar visibilidade neste artigo, acredita-se que “família” sempre foi e, cremos que seja *ad infinitum*, fonte de apoio para todas as pessoas, porém, indagações recaem sobre como se traduz este apoio na contemporaneidade? Com certeza, o mesmo já não se configura mais como antigamente quando as pessoas colocavam-se inteiramente sob a guarda do patriarca da família, que lhes estendia todo tipo de apoio e, no mais das vezes também se rogava o direito de exercer enorme ingerência sobre a vida daqueles que se colocavam sob sua proteção.

Pela fala destas participantes, pode-se observar que muita coisa mudou. Hoje a família de origem, representada normalmente pelos avós, desempenha um papel não de provedora, muito menos de fiscalizadora, e sim de colaboradora. Várias destas mulheres emergentes, na faixa etária entre 22 e 32 anos, declararam que observam por parte de familiares muita receptividade no que diz respeito à aceitação de sua condição e à de seu companheiro como casal que necessita de ajuda, e ainda de incentivo à realização de seus objetivos de estudo e de trabalho. Em decorrência desta mesma postura, podem contar com a ajuda dos próprios pais, especialmente, no que diz respeito aos cuidados para com os netos, o que lhes facilita, sobremaneira, a vida em sua dupla e, às vezes até tripla jornada de atividades diárias, quando se considera o trabalho que também fazem em casa.

O mais interessante de tudo que ao serem arguidas sobre se conseguem conciliar os afazeres domésticos e profissionais respondem que acreditam que sim, mesmo que a casa fique sem cuidados ao longo da semana. Aceitam e convivem em ambientes não tão bem higienizados quanto deveriam, com roupas e louças por lavar, com tal naturalidade que deixariam nossas avós perplexas com as alternativas que recorrem para “*dar conta do recado*” como nos aponta E2 “*Não fazemos nada durante a semana, somente aquilo que é básico. Tudo isso a gente faz no final de semana, juntos. [...] Me acho uma ótima mãe, uma ótima esposa e ótima dona de casa*”

Mas..., como nem tudo é perfeito, estas mulheres emergentes que se ocupam em média mais ou menos 10 horas e meia diárias com trabalho e o estudo ainda se

sentem culpadas por não conseguirem nem sempre dar conta de tudo, como quando E4 expressa seus sentimentos *“A mãe só está presente quando ele precisa comprar alguma coisa, então assim, a mãe era a pagadora das coisas, eu não tinha o carinho e a atenção dele, porque ele convive bem mais com o pai dele, desde sempre. Tanto é que uma vez o pediatra perguntou prá ele: Cadê a mãe, morreu?”*

Seriam estas culpas ainda resquícios de uma representação social em que a mulher é totalmente submissa e detentora absoluta da responsabilidade dos cuidados pela casa? Ao mesmo tempo em que se inclina a responder que sim, também se observa que muito desta culpa tende a se diluir no tempo com o crescente aumento de jovens mulheres que cada vez mais assumem um lar, um trabalho e as responsabilidades que envolvem a educação de filhos. E6 mostra como consegue dar conta de tudo o que está sob sua responsabilidade *“O tempo é corrido, mas se dividir, planejar, dá pra fazer de boa [...], procuro deixar os finais de semana livre para as crianças e para o marido”*.

Quanto à **escolaridade**, observou-se que todas as participantes estão frequentando algum curso, e não querem parar por aí. Em sua maioria, pretendem ter mais escolaridade com o objetivo de ampliar a formação inicial com vistas a uma futura ascensão profissional, conforme nos aponta E4 *“Minha carreira é um parte muito importante da minha vida. Daqui há 5 anos me vejo como uma Gestora de Fundo de Investimentos”*, o que também embute a elevação do patamar salarial e seu reconhecimento tanto na esfera familiar quanto social.

Entre outros objetivos encontrou-se também o da ampliação de conhecimentos em proveito próprio, e a ideia de expansão de horizontes, como se observa na fala de “E5” *“Optei por trabalhar fora por conhecimento, para ter mais conhecimentos para minha vida mesmo e para minha vida familiar”*.

Ainda sobre o investimento em escolaridade, outra das participantes mostrou preocupação com o futuro, apontando que o estudo é uma garantia de acesso a melhores oportunidades tanto no presente quanto no amanhã. Este pensamento pode-se observar na fala de E4 *“Eu não sei o dia de amanhã. Amanhã se o Banco falar: Eu vou mandar todo mundo embora, eu não vou ficar parada, não é esta minha intenção. Faço Inglês que é para agregar conhecimentos, que é voltado para finanças, mas ele é usado também em empresas...”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao levar em consideração que esta pesquisa visou investigar como se desenvolvem as relações da mulher emergente da nova classe média brasileira na faixa etária entre 22 e 32 anos frente ao trabalho e à alguns aspectos associados a ele, como a escolaridade e a família, procuramos esquadrihar atitudes e comportamentos em seu cotidiano.

Antes, porém, é preciso ponderar sobre algumas questões que parecem importantes, ou seja, não se está questionando o desaparecimento de um modelo de estrutura familiar no qual a mulher se responsabiliza pelos cuidados domésticos e o homem pela manutenção econômica da família. Não se está contestando a presença deste modelo que se manteve hegemônico por alguns séculos em nossa história, e que em algumas localidades ainda se mantém sem que tenha sofrido qualquer tipo de mudança.

A intenção foi a de investigar brechas que se abrem dentro desta mesma estrutura via conceitos que se incorporam e hábitos que se enraízam, de forma que uma nova distribuição de responsabilidades seja, de fato, alcançada. Neste contexto, algo é ponto pacífico, a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho, certamente, contribuiu para que a responsabilidade da manutenção da família entrasse em um processo de redimensionamento.

Um dado que não poderia deixar de ser registrado é que os resultados desta pesquisa refletem apenas o perfil de mulheres tecnicamente enquadradas na Classe Social C, em sua maioria com atividades profissionais ligadas à Educação, todas residentes em centros urbanos, que estudam e têm filhos pequenos. Por esta razão não devem ser tomados como representativos de todo o universo de mulheres emergentes, que eventualmente possam compartilhar de algumas destas características.

Cre-se que o aumento da escolaridade esteja contribuindo e muito para que as mulheres de uma maneira geral ampliem sua visão de mundo. Parece que está havendo por parte destas mulheres emergentes o estabelecimento de novos critérios para escolha de futuros parceiros, haja vista sua unanimidade em admitir que convivem com um companheiro que divide igualmente os serviços domésticos.

O acesso à maior escolaridade também contribui para que a busca pelo homem provedor comece a fazer parte de um passado já um tanto distante. Tudo

indica que as solteiras de hoje dão preferência para homens que tenham um perfil mais colaborador, de um verdadeiro parceiro para o “na saúde e na doença”, “na alegria e na tristeza”. O ideal seria que, hoje, isto pudesse ser complementado com “na divisão igualitária de tarefas domésticas e nos cuidados para com os filhos”. Acredita-se, porém que ainda não se chegou a tal ponto.

Para estas mulheres emergentes, o estudo parece se transformar no meio pelo qual podem lançar mão na busca de maior autonomia e independência financeira, sendo que o acesso a novos graus de escolaridade, o desempenho profissional daquilo que se gosta de fazer, ou daquilo para o qual se está preparada são aspectos que favorecem a elevação da autoestima e, de certa forma, garantem o futuro.

Neste contexto, cursos à distância transformaram-se em uma boa opção, possibilitando que estas mulheres emergentes mantenham-se atualizadas cultural ou profissionalmente sem que tenham que se ausentar ainda mais de casa como quando frequentam cursos presenciais.

Quanto às relações com o trabalho, uma análise um pouco mais atenta desnuda um quadro de tons não tão cor-de-rosa no que se refere à outra face da moeda, ou seja, a manutenção do lar e dos filhos. Anos atrás, a inserção da mulher no mercado de trabalho não significava uma distribuição mais equitativa de afazeres domésticos, e sim uma sobrecarga de atividades para aquelas que ousavam exercer uma atividade profissional.

Algo, no entanto, quebra um pouco o ceticismo em relação à manutenção do lar sem grandes desgastes. Muitas mulheres, inclusive as mais jovens, optam por trabalhos que podem ser exercidos em regime de meio período, o que pode contribuir ainda mais para o bem estar psicológico de quem o exerce. Neste sentido pode-se tomar como exemplo algumas das participantes, que trabalham em regime de meio período, ou que têm algumas lacunas no horário de trabalho, criando possibilidade para que se programem para levar filhos ao médico. Isto, de fato, representa uma tranquilidade para quem se incumbem de diversas tarefas.

Ainda sob o ponto de vista da atividade profissional, o que se percebe pelo relato das participantes, é que o trabalho fora de casa ajuda-as a lidar com o desgaste de serem diuturnamente donas de casa. Nesse sentido, o trabalho exerce função psicológica positiva mediante a convivência com outras pessoas com as quais possam compartilhar pressões e angústias, fortalecendo-as, inclusive, no

sentido de excluí-las momentaneamente de um ambiente estressor como em geral se apresentam os lares.

Assim, o trabalho pode apresentar-se como possibilidade de afastamento de uma rotina estressante permeada por afazeres intermináveis e pela tarefa de cuidar e orientar, no caso das participantes deste estudo, filhos pequenos. É sabido que a qualidade do contato com crianças não se mede pela quantidade de horas desfrutadas a seu lado, e sim pela qualidade desse tempo, no qual deverão ser enfatizadas suas necessidades. De certa forma, isso redime estas mães que dispõem de pouco tempo para se dedicar a seus filhos.

Enfim, independente do grau de dificuldade destas mulheres de se manterem no mercado de trabalho, a motivação financeira para a opção do desempenho de alguma atividade profissional, à parte de uma real necessidade de sobrevivência, parece mais pano de fundo para a aspiração de realização pessoal, dado o fato de em quase nenhum momento as participantes referirem-se aos benefícios trazidos pelo acréscimo de renda familiar.

Sob este particular, uma vez consideradas as respostas oferecidas pelas participantes, algumas hipóteses vêm à mente, e talvez possam tornar-se temas para posteriores estudos. O fato desta mulher emergente satisfazer-se apenas com o cumprimento de determinadas obrigações domésticas por parte de seus companheiros, talvez esteja relacionado ainda à visão romântica de casamento que mantém. Portanto, mobilizada pela motivação amorosa de um relacionamento que se encontra em seus primeiros anos de existência, desconsidera comportamentos e atitudes de seus parceiros que, talvez, fossem menos tolerados com o avançar dos anos de conjugalidade.

Também pelo depoimento das participantes pode-se observar que o “apoio total” que o “me ajuda em tudo” resume-se a lavar a louça, varrer a casa, fazer faxina aos sábados, fazer comida... Enfim a contribuição é pequena diante da enormidade de tarefas a serem realizadas numa família. Raramente se ouvem depoimentos no sentido de que o companheiro troque fraldas, vá ao supermercado, faça a lista e guarde as compras, leve a criança ao médico ou frequente reuniões de pais.

Diante do exposto, parece que para trabalhar fora e dar conta do trabalho doméstico é preciso colaboração, pois a maior autonomia da mulher está diretamente relacionada a uma boa rede de apoio. Atribuí-se a estas redes mais do

que uma tendência, e sim uma configuração que tende a se tornar permanente, dadas as novas necessidades familiares e funções desempenhadas por seus membros.

Percebe-se que nos últimos anos avoluma-se a participação da rede familiar ou informal de apoio, o que possibilita a estas mulheres a execução de seus objetivos sem que se sintam transgressoras ou desnaturadas, e sem que haja, um aumento de conflitos na relação do casal. Quando estas redes se apresentam por meio dos serviços oferecidos pela família de origem, podem, inclusive, fortalecer os laços entre pais e filhos, favorecendo a transmissão do legado intergeracional para as gerações mais jovens.

Enfim, entre as principais observações, destaca-se que, apesar da existência de uma dupla ou até mesmo “tripla” jornada de atividades, e das dificuldades enfrentadas pelas mulheres emergentes da nova classe média brasileira, à parte de eventuais ou frequente ajuda por redes de apoio, ainda recaem sobre seus ombros grande parte da responsabilidade da organização doméstica e pelos cuidados com os filhos, apesar de se observar um incipiente compartilhar de atividades domésticas por parte de seus companheiros.

REFERÊNCIAS

- Berthoud, C.M.E. (2003) *Workshop Metodológico – A arte e a técnica de produzir conhecimento*. (p. 19).
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2012). *Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira – 2012*. p .86. Recuperado de http://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2012/SIS_2012.pdf.
- Hirata H. (2009, jan/jun). *A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho*. Sociologias, Porto Alegre, v.11, (n.21).
- Hirata, H Maruani, M Lombardi MR (Dir.) (2008). *Marché du travail et genre. Regards croisés. France Europe-Amérique Latine*. Paris: La Découverte, 2008. 278p.

(Trad. bras. Costa A Bruschini C; Hirata H Sorj, B (Org.) Mercado de trabalho e gênero. Comparações internacionais. Rio de Janeiro: Ed. FGV.

Hirata H. (2001/2:) *Globalização e divisão sexual do trabalho* In: Cadernos Pagu (17/18) (pp.139-156). Recuperado de <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT635911-1666,00.html>.

Macedo, R.M.S. (2004). *Macho, Fêmea Homem, Mulher, Feminilidade, Masculinidade... Questão de gênero*. Silvia Bruno Securato (org.) Nós Mulheres, vol. 3. São Paulo: Oficina do Livro.

Neves MA. (1999d). *Reestruturação da cadeia produtiva relações de gênero*. In: Revista do II Congresso Internacional – Mulher, Trabalho e Saúde. Rio de Janeiro, UNIFESP/ FIOCRUZ

Petit, P. (2000) *Dictionnaire de Sociologie*, Le Robert, Supplément,

Posthuma, A. (1998). *Mercado de trabalho e exclusão social da força de trabalho feminina*. In: Abramo, L. Abreu, A.R.P. Gênero e trabalho na sociologia latino americana. São Paulo: ALAST/SERT.

CAPÍTULO 5 – (ARTIGO) O VALOR DO TRABALHO E ESTUDO PARA A FAMÍLIA DA MULHER EMERGENTE

Janaína

Biquíni Cavado

*Janaína acorda todo dia às quatro e meia
E já na hora de ir pra cama, Janaína pensa
Que o dia não passou
Que nada aconteceu*

*Janaína é passageira
Passa as horas do seu dia em trens lotados
Filas de supermercados, bancos e repartições
Que repartem sua vida*

*Mas ela diz
Que apesar de tudo ela tem sonhos
Ela diz
Que um dia a gente há de ser feliz
Ela diz
Que apesar de tudo ela tem sonhos
Ela diz
Que um dia a gente há de ser feliz
Se Deus quiser.....*

*Janaína é beleza de gestos, abraços,
Mãos, dedos, anéis e lábios
Dentes e sorriso solto
Que escapam do seu rosto*

*Janaina é só lembrança de amores guardados
Hoje é apenas mais uma pessoa
Que tem medo do futuro- que aconteceu ? -
Se alimenta do passado*

*Mas ela diz
Que apesar de tudo ela tem sonhos
Mas ela diz
Que um dia a gente há de ser feliz
Diz
Que apesar de tudo ela tem sonhos
Ela diz
Que um dia a gente há de ser feliz
Se deus quiser.....*

*Já não imagina
Quantos anos tem
Já na iminência
De outro aniversário
Janaina acorda todo dia às quatro e meia
Já na hora de ir pra cama, janaina pensa
Que o dia não passou
Que nada aconteceu*

“O VALOR DO TRABALHO E ESTUDO PARA A FAMÍLIA DA MULHER EMERGENTE”

Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo
Ceneide Maria de Oliveira Cerveny
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

As ideias consensualmente aceitas por um grupo social desempenham papel chave na compreensão do comportamento de seus integrantes. Apoiando-se nessa perspectiva, buscou-se identificar os valores transmitidos pela família para a mulher emergente. A amostra compreendeu 06 mulheres de 22 a 32 anos para as quais foi aplicado o Genograma Profissional. Os resultados endossaram fortemente a percepção dessa influência, ainda que a sociedade brasileira venha sofrendo mudanças. Os valores e crenças sobre o trabalho, assimilados especialmente pelas mais jovens, lhes possibilitam autonomia e independência. Já o legado transmitido sobre o valor do estudo gera condições para que a mulher emergente mantenha-se nos quadros da classe social para a qual ascendeu.

Palavras-chave: mulher emergente, transmissão intergeracional, valores, trabalho, estudo

ABSTRACT

Work and study value for the emerging woman family

The ideas consensually accepted by a social group play a key role in understanding the behavior of its members. Based on this perspective, we sought to identify the values transmitted by the family to the emerging woman. The sample included 06 women from 22 to 32 years old for whom the Professional Genogram were applied. The results strongly endorsed the perception of this influence, even though the Brazilian society has been changing. The values and beliefs about work, assimilated especially by the younger women from the sample, allow them to have

autonomy and independence. On the other hand, the legacy passed on about the value of education generates conditions for the emerging women to hold up in the charts of the ascended social class.

Keywords: Emerging Woman, intergenerational transmission, values, work, study

RESUMEN

Valor de trabajo y estudio de la familia de la mujer emergente

Las ideas cosensualmente aceptadas por un grupo social desempeñan un papel clave en la comprensión de la conducta de sus miembros. A partir de esta perspectiva, hemos tratado de conocer los valores transmitidos por la familia de la mujer que emerge. La muestra incluyó a 06 mujeres de 22 a 32 años de edad para las que se les aplicó el Profesional Genogram. Los resultados respaldaron fuertemente la percepción de esta influencia, aunque la sociedad brasileña ha ido cambiando. Los valores y creencias sobre el trabajo, sobre todo asimilado por las mujeres más jóvenes, posibilitan su autonomía e independencia. Haga que el legado del valor de la educación crea las condiciones para que las mujeres emergentes sostienen en los cuadros de la clase social a la que ascendió.

Palabras clave: Mujer emergente, transmisión intergeneracional, valores, trabajo, estudio.

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

De acordo com Souza (2010), o valor básico da nova classe média brasileira é a transmissão familiar da importância do trabalho duro e continuado, mesmo em condições sociais muito adversas – é a ética do trabalho. De modo geral, a nova classe média advém de família estruturada, com a incorporação de papéis familiares tradicionais.

Estas reflexões de Souza, (2010) suscitam indagações sobre em que acreditam os integrantes desta nova classe. Recentemente (18/02/2014), os institutos de pesquisa Serasa Experian e Data Popular apresentaram um estudo bastante completo sobre a Classe C brasileira: “Fases da Classe Média”, neste

documento há um retrato acurado dos perfis que compõem a classe média do Brasil, incluindo importantes aspectos de seu comportamento.

Para a construção deste retrato, essa população foi avaliada sob 400 variáveis, considerando-se informações geográficas, demográficas, creditícias e comportamentais. O resultado de sofisticadas técnicas estatísticas originou a definição dos grupos que compõem a classe média, que representa 54% da população do país e vem crescendo a cada ano, com previsão de que chegue a 58% em 2023, ou seja, 125 milhões de pessoas.

Os percentuais para cada grupo são: 16% (empreendedores); 19% (promissores); 26% (experientes) e 39% batalhadores

Promissores

Os Promissores totalizam 14,7 milhões de pessoas, 19% da classe média, e formam um grupo composto por jovens, com média de idade de 22,2 anos. Os solteiros são maioria (95%), 59% têm ensino médio completo e 57% têm emprego com carteira assinada. Outras características marcantes são que 72% acessam a Internet e, mesmo jovens, já vivenciaram situações de aperto e a necessidade de endividamento. Ao todo, 51% confidenciaram que se descontrolam financeiramente. Para eles, a vida é feita de oportunidades e o acesso a crédito ajuda a melhorar as condições, mas a falta de prática faz com que acabem se colocando em situação de descontrole nas dívidas.

O grupo dos promissores consome R\$ 230,8 bilhões e seus membros são mais propensos em gastar em beleza, veículos, educação, entretenimento, itens para casa e tecnologia. Os principais produtos e serviços que querem consumir nesse ano são academia de ginástica, faculdade, curso profissionalizante, móveis para casa, notebook, smartphone, carro e moto.

Batalhadores

Os Batalhadores representam 39% da classe média, com 30,3 milhões de pessoas, idade média de 40,4 anos e 48% possuem Ensino Fundamental completo. Nesse segmento, os solteiros somam 72%, 49% possuem registro profissional com carteira assinada e 41% acessam a internet.

Para os Batalhadores, o emprego é considerado o caminho para a estabilidade, que possibilita a realização de sonhos e desejos. A casa própria, o carro, o estudo dos filhos tornam-se palpáveis e, por conseguinte, há a expectativa de um futuro ainda melhor para a geração seguinte. O estudo é visto como uma oportunidade para ascensão social.

Este é o maior grupo, faz largo uso do crédito a que tem acesso, focando nas prioridades, geralmente vinculadas ao bem-estar familiar. O acesso ao crédito é uma alternativa para os momentos de aperto financeiro e foi fundamental para assegurar importantes conquistas, como a compra ou a reforma da casa. Membros desse grupo gastam seu dinheiro em turismo nacional, veículos, eletroeletrônicos, imóveis, móveis, eletrodomésticos e seguros. Os produtos e serviços de desejo para esse ano são viagens de avião para destinos nacionais, móveis para casa, máquina de lavar, TV (Plasma, LCD e LED), imóvel e carro.

Experientes

É o perfil composto por 20,5 milhões de pessoas, 26% da classe média, com consumidores com idade média de 65,8 anos. Entre eles, 41% são viúvos, 36% de autônomos e apenas 7% com acesso regular à Internet. Do total, 59% têm ensino fundamental completo e 31% não têm instrução. Para os Experientes, o momento pós-aposentadoria pode ser sinônimo de depressão e preconceito por parte dos mais jovens. Ainda assim, mantêm-se no mercado de trabalho, em busca de uma vida ativa para preservar o seu padrão de consumo.

Este consumo está relacionado à turismo nacional, eletroeletrônicos, serviços de saúde, móveis e eletrodomésticos. Os produtos e serviços dos sonhos para esse ano são viagem de avião para lugares nacionais, móveis para casa, geladeira, máquina de lavar e TV (Plasma, LCD ou LED).

Empreendedores

Abrange 16% da classe média, com 11,6 milhões de pessoas, formando um grupo mais escolarizado que os demais. 42% estão cursando ou já concluíram o Ensino Médio e, 19%, o Ensino Superior. Além disso, também, 60% acessam a Internet, a idade média é de 43 anos e 43% deles têm carteira assinada. A liberdade

é bastante valorizada pelos Empreendedores e o trabalho reúne a necessidade do sustento com o gosto pela atividade, em busca da realização dos sonhos de vida.

Sendo o grupo que apresenta maior renda *per capita*, seu consumo refere-se a investimentos em educação, eletroeletrônicos, turismo internacional, tecnologia, veículos e entretenimento. Os produtos e serviços desejados para esse ano são curso profissionalizante, viagem de avião ao exterior, móveis para casa, notebook, tablet, TV (Plasma/LCD/LED) e carro.

Esta rápida incursão no perfil dos integrantes da nova classe média brasileira nos instiga a refletir sobre aquilo que os move, em que se pautam para tomar certas atitudes e assumir determinados comportamentos. Penso que muito do que acredita esta nova classe média está muito atrelada ao que recebeu como herança de seus antepassados.

Transmissão de valores na família

De acordo com os estudos de Barros (2013), há atualmente um discurso que procura enfatizar a ideia de mudanças na família e nas relações intergeracionais. A ênfase nas mudanças, entretanto, deve ser relativizada nos estudos sobre família e sobre relações intergeracionais, observando-se os processos de mudança que coexistem com um movimento de permanência de valores e de formas de organização familiar.

A ideia da polarização entre o moderno e o tradicional deve dar lugar a perspectiva da complexidade da vida social, em particular das relações familiares. E desta forma, a ideia de dinâmica familiar permite ver as famílias para além de aspectos como gênero, etnia, posição socioeconômica entre outros.

Deve-se, assim, entender os processos históricos, que levaram a mudanças nas formas de organização e nos valores familiares, como transformações societárias de diversas ordens que se combinam com reorganizações de valores e práticas já presentes na sociedade. A inserção feminina no mercado de trabalho; a consolidação da urbanização; a laicização das relações sociais; a dissociação entre sexualidade e natalidade; a longevidade; a presença das tecnologias reprodutivas e de saúde na redefinição das famílias trazem implicações nas questões relativas a vida reprodutiva, a co-longevidade das gerações familiares, como a perspectiva

recriada das definições biológicas de parentalidade com os testes de DNA. (Fonseca, c. 2010).

Entre outras questões relevantes para se compreender as relações intergeracionais e a ideia de transmissão de valores e de disposições para a ação entre as gerações, está a importância atribuída as mães no processo de transferência dos legados simbólicos (Acosta; Vitale, 2007).

Lins de Barros (1987) apontava que as avós, acompanhando as transformações relativas à mulher de camadas medias, encorajavam as filhas a se profissionalizarem e a conquistarem independência financeira e algum grau de autonomia.

Torres, Mendes e Lapa (2007, p170) mostram que “a atividade profissional das mães tem efeitos indubitáveis na entrada das filhas no mercado de trabalho”. E acentuando a importância do que chamam de “efeitos de transmissão” de uma geração para outra, no plano dos comportamentos, acrescentam que: “São efeitos específicos de socialização, aliás, tanto mais reforçados quanto maior for o nível de ensino atingido pela mãe”.

Tomando-se ainda como referência os estudos de Barros, MML (2013), pode-se entender que as diferenças entre as gerações de mães e filhas, como as participantes deste estudo, são mais sutis. Até certo ponto há para a geração das mães e a das filhas a mesma tensão entre a valorização das ideias de escolha, opção, prazer, autonomia e liberdade com matiz psicologizante e as que evocam um indivíduo relacional, onde a categoria de obrigação e a família como um valor se destacam. Pode-se afirmar com isso que as duas gerações têm muito claramente a ideia de si como indivíduos autônomos e, enquanto tal, explicam seus movimentos de aproximação e afastamento, ao longo da vida, em relação às ideias políticas, a religião, as redes sociais e à família.

A mesma tônica individualista marca a vida profissional das gerações de mães e filhas, entretanto, neste aspecto, as duas gerações tem diferentes formas de enfrentamento. A vida profissional das jovens vem mostrar um dilema para os princípios da geração madura que estão pautados nas ideias de escolha individual, de cuidado de si, do prazer. São estes os princípios que marcaram as bases da educação das filhas. Este dilema aparece na busca incessante de uma carreira que satisfaça projetos individuais, que pretendem associar princípios de prazer com uma garantia de independência financeira.

Para as jovens, entrar no mercado de trabalho mais efetivamente para garantir sua independência financeira, é algo que vem sendo adiado ou muito buscado, dependendo das características da pessoa. A possibilidade de contar com as mães e/ou com os pais é um dado importante na decisão de assumir um trabalho fora do lar.

A reorganização das esferas de sociabilidade e a presença mais constante da grande família no cotidiano são vividas pela geração das mães e das filhas dentro da combinação tensa entre valores, que enfatizam uma subjetividade individualizada e os referenciais de valores relacionais, que definem as relações na família moderna.

Outro aspecto a ser considerado quando se aborda a questão da transmissão de valores, além do legado intergeracional, é a fase do Ciclo Vital Familiar

Ciclo vital da família

Cervený e Berthoud (2002), afirmam que o indivíduo gradativamente vai se desenvolvendo a partir de uma relação bastante dependente nas fases iniciais da vida para formas mais independentes de se relacionar com os membros da família, até que na fase adulta, o padrão das relações se torna mais equilibrado. Segundo estas autoras, ao longo desse processo, os afetos, as percepções dos papéis e funções de cada um, a dinâmica das relações e o investimento emocional também estão em constante mudança e reorganização, fazendo com que cada etapa do sistema adquira um significado diferenciado na vida particular de cada indivíduo.

Desta forma, a subjetividade individual é construída seja a partir da subjetividade do sistema como das subjetividades individuais. Dentro de uma perspectiva sistêmica, o homem é percebido como um ser inserido em sistemas, sendo que o primeiro de todos é a família. É nela que o indivíduo se situa e é legitimado em seu espaço social, constituindo-se na matriz de sua identidade pessoal, sendo que o ciclo de vida individual ocorre dentro e concomitante ao seu ciclo de vida familiar.

Assim, a família constrói sua realidade a partir da história compartilhada por seus membros e como afirma Cervený (1994, p.26) “cada membro do sistema influencia os outros sendo ao mesmo tempo influenciado. Estas influências mútuas formam o cotidiano da vida familiar”. Assim cada família constrói sua história e o

processo de construção da realidade se dá no dia-a-dia, ao longo do Ciclo Vital. Portanto ciclo vital pressupõe movimento, crescimento, ordenação, etapas etc.

As autoras citam ainda Carter e McGoldrik que introduziram uma noção intergeracional de classificação contrapondo-se aos outros autores que focaram mais a questão nuclear. Alertam ainda que os estágios das famílias existem e são úteis para ajudar os especialistas a ter um olhar para a família de forma evolutiva, mas há que se ter flexibilidade, pois uma classificação muito rígida não contemplaria os inúmeros fenômenos que podem ocorrer numa família.

A partir destas pontuações Cerveny propõe, em 1997, uma caracterização diferente da literatura existente, sempre levando em conta o contexto e os aspectos sócio-econômico-cultural, importantes quando a proposta é estudar a família. A classificação proposta foi amplamente estudada e comprovada mediante pesquisa realizada por ela e por colaboradores em 1996/1997. As etapas propostas pela autora são: 1) Família na Fase de Aquisição; 2) Família na Fase Adolescente; 3) Família na Fase Madura; 4) Família na Fase Última.

Neste estudo usaremos o modelo de Cerveny para compreender o tema proposto e para isso aprofundarei a Fase de Aquisição, uma vez que é aquela vivenciada pelas participantes desta pesquisa.

Família em Fase de Aquisição

Esta fase compreende o período que se inicia com a união do casal, englobando diferentes momentos da vida familiar, como a vinda dos filhos e a vida com os filhos pequenos. A palavra de ordem desta fase é adquirir, ou seja, é um processo de construção da vida familiar onde ocorrerá a aquisição de bens materiais, do estabelecimento de um novo estilo de vida e da construção de padrões de interações. Faz-se necessário observar que nesta classificação proposta pela autora existe a flexibilidade de inserir qualquer configuração familiar existente na atualidade, desde recasamentos, famílias monoparentais, homossexuais entre outros, pois para a mesma qualquer constituição de um novo núcleo familiar é um início de um novo período do ciclo vital da família: família em fase de aquisição. (CERVENY, 1997).

Por meio da pesquisa realizada por esta autora pôde-se observar três processos complexos que envolvem aspectos estruturais e dinâmicos do núcleo

familiar dentro desta fase do ciclo vital: *unindo-se, construindo a vida a dois e vivendo a parentalidade*. O início da fase de aquisição se dá quando duas pessoas decidem de unir-se. Este processo tem início na fase da conquista, uma vivência única para cada casal e que pode durar dias ou anos, ainda mais numa sociedade com tantas possibilidades de relacionamentos como a que estamos inseridos. Independente da configuração de relação que se estabeleça, a pesquisa realizada demonstrou que existem alguns elementos comuns que podem ser compreendidos pelo conceito: Apaixonando-se, Apostando na relação, Criando laços, Decidindo, Analisando as diferenças e Sentindo medo da Aproximação. Na verdade o que ocorre nesta fase do desenvolvimento do ciclo vital da família é um processo crescente de um sentimento de atração, aproximação que culmina com a decisão de unirem-se e assumir a conjugalidade, formal ou informalmente.

Uma vez reunidas as condições para que se contextualizasse as participantes deste estudo, entendo como pertinente que os demais componentes deste estudo sejam apresentados.

Objetivos

Objetivo geral

-identificar os valores transmitidos pela família para a mulher emergente da nova classe média brasileira

Objetivo específico:

- investigar o valor intergeracional atribuído ao trabalho;
- investigar o valor intergeracional atribuído ao estudo;
- reconhecer a influência da família na escolha profissional e na construção de uma carreira.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 06 mulheres emergentes, cuja caracterização é apresentada no Quadro 1:

Quadro 1 – Caracterização das participantes do estudo

	Idade	Estado Civil	Idade dos filhos	Cursando	Profissão
E1	25 anos	Solteira (união estável)	4 anos	Pedagogia	Auxiliar de classe
E2	31 anos	Solteira (união estável)	4 anos	MBA em Finanças	Bancária
E3	22 anos	Solteira (união estável)	1.8 meses	Engenharia Mecânica	Autônoma (transporte escolar)
E4	32 anos	Casada	3 anos	Psicopedagogia	Professora
E5	26 anos	Solteira (união estável)	3 anos e 1.2 meses	Psicopedagogia	Professora
E6	27 anos	Solteira (união estável)	5 anos	Pedagogia	Técnico de recreação

Instrumento

Como instrumento de pesquisa utilizou-se o Genograma Profissional, com o intuito de visualizar os padrões intergeracionais transmitidos ao longo do Ciclo Vital Familiar. Consistindo este instrumento no mapa das relações familiares, fez-se o levantamento das profissões exercidas pela família em pelo menos três gerações. Ao pesquisar as profissões dessas gerações, pode-se conhecer a história profissional da família e entender o porquê da escolha de uma determinada profissão, possivelmente relacionada com as pessoas que compõe essa história, em termos de lealdades, laços afetivos e identificações.

Procedimento

A aplicação foi feita de forma individual em local escolhido de comum acordo. Inicialmente, as participantes foram comunicadas dos objetivos da pesquisa. Em seguida, foi feita a aplicação do instrumento, sendo que o tempo de aplicação foi livre.

Foram aplicadas entrevistas por pautas que versaram sobre assuntos como: Qual a procedência de sua família de origem? Quais eram os principais aspectos que a família dava importância? Como escolheram a própria profissão? Quais os planos que têm para o futuro?

Apenas a título de exemplificação, foram inseridos a seguir 3 dos genogramas profissionais aplicados.

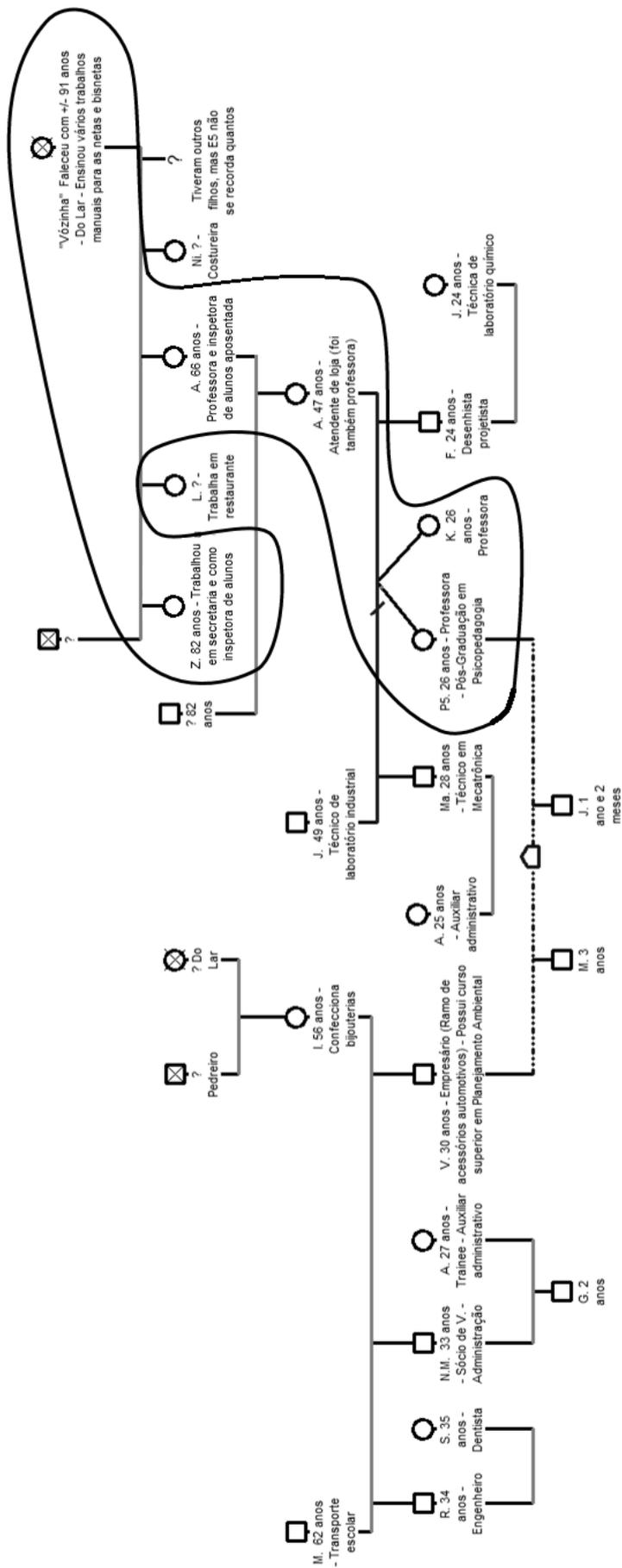


Figura 3 – Genograma Profissional da família de P5

LEGENDA		
□	Homem	
○	Mulher	
⊗	Óbito	
□	Filho	Casamento
○	Filha	Separação
⊗	Gêmeas	Morando Juntos

Histórias das famílias das participantes

P2

Os pais de P2 são migrantes do Estado de Pernambuco, da cidade de Machados e vieram para São Paulo a procura de melhores condições de vida, buscando oportunidades de trabalho. No Nordeste, tanto a família paterna, quanto a materna eram compostas por agricultores de banana. Antes de se casarem, as famílias dos pais de P2 moravam em sítios vizinhos e ambas aprovaram o casamento entre seus filhos. O pai de P2 veio para São Paulo há aproximadamente 35 anos e trabalhou como zelador e motorista. A mãe de P2 sempre foi dona de casa. Na entrevista, P2 diz apreciar uma característica de seu pai que é ser trabalhador, sendo que essa mesma característica foi notada em seu companheiro. Embora P2 tenha estudado e progredido profissionalmente não se esquece de sua origem humilde, representada pela luta dos genitores para proporcionar aos filhos uma vida com mais conforto. Na entrevista, P2 menciona que seu pai valorizava mais o estudo para seus irmãos (homens) do que para ela própria como mulher.

P3

Os avós de P3 são provenientes da cidade de Diadema, Estado de São Paulo. A mãe de P3 trabalhava com transporte escolar. Há aproximadamente 4 anos veio a falecer e deixou o negócio para a filha. Na entrevista P3 explicou que a licença de transporte escolar é passada de pais para filhos por hereditariedade, dessa forma, P3 herdou o negócio da mãe após seu falecimento. O pai de P3 é engenheiro elétrico e tem uma empresa de engenharia juntamente com sua esposa atual que também é engenheira. Ele tem um irmão que também é engenheiro elétrico. Apesar de P3 ter herdado o negócio de transporte escolar de sua mãe, estuda atualmente Engenharia Mecânica, seguindo a profissão do pai. P3 dirige o transporte escolar durante o dia e estuda Engenharia à noite. Pretende ter uma firma com seu pai e o tio, embora desempenhe a atividade da mãe atualmente. No futuro pretende seguir o ramo do pai.

P5

A família de P5 é proveniente de Curitiba, Estado do Paraná. Os avós de P5 vieram para São Paulo à procura de melhores oportunidades de trabalho. P5 atualmente é professora e possui uma irmã gêmea que também exerce a mesma atividade. A mãe delas trabalha atualmente como atendente de loja, mas também já foi professora. A avó de P5 também foi professora e inspetora de alunos, e hoje é aposentada, P5 também possui uma tia que trabalhou como secretária e como inspetora de alunos em escola. Na entrevista P5 relata que a bisavó materna, a quem chamou de “vózinha” ensinou para as netas e bisnetas vários trabalhos manuais. No Genograma profissional de P5 pode-se perceber que existe uma descendência feminina de professoras ou de pessoas que ensinam.

Resultados e discussão

Após a aplicação do Genograma Profissional procedeu-se à sua leitura com foco na transmissão de legados e modelos. Do depoimento das participantes pode-se extrair alguns aspectos relevantes para a identificação dos valores transmitidos pela família para a mulher emergente.

Quatro categorias principais emergiram na análise dos dados obtidos. Estas categorias foram destacadas por sua significância, sendo a primeira:

O LUGAR DE UM HOMEM É ONDE ESTÃO AS OPORTUNIDADES

Todas as participantes referem que houve um deslocamento geográfico de sua família em busca de melhores oportunidades. Este depoimento comprova-se pela veracidade do fenômeno da migração ocorrido no Brasil pelo menos nas últimas décadas do século passado, especialmente do Norte e Nordeste para as Regiões Sul e Sudeste.

Atualmente, no Brasil, os movimentos migratórios estão mais diversificados, no entanto, os habitantes do Nordeste protagonizaram grandes fluxos migratórios com destino às outras regiões do país, sobretudo para o Sudeste, sendo que o fator econômico foi o motivo responsável por desencadeá-los. No caso dos nordestinos,

esses movimentos sempre estiveram relacionados à busca de melhores condições de vida, o que ratifica o depoimento das participantes

Em contrapartida, a rápida industrialização da Região Sudeste, na década de 1950, atraiu pessoas de várias partes do Brasil em busca de emprego. Durante os anos seguintes, cidades do Sudeste passaram a ter imigrantes de praticamente todos os estados nordestinos, todos em busca de melhores condições de vida.

E4: Então, na verdade os meus avós não, nunca vieram pra cá, agora o meu pai veio pra cá em busca de oportunidade. [...] Minha mãe fala que eles trabalhavam na roça, não tinha emprego assim lá. Então, como ele não teve oportunidade na vida, teve que mudar de cidade pra ter uma oportunidade... de conseguir um emprego melhor.

E5: Porque meu avô queria mudar de lá que estava ruim de emprego, aí compraram um sítio pra cá, aí ficaram no sítio, aí mudaram do sítio, vieram pra Diadema...

E6: E depois veio o J. N. que veio depois de mim, veio o J. N., mas procurando uma vida melhor mesmo, um emprego melhor, aí depois dele foi o O. que veio pra cá também, gostou, e montou seu próprio negócio, e por último foi o V. que veio vai fazer um ano e meio, que ele veio pra cá, tem pouco tempo.

Outro aspecto refere-se à visão que a família da nova classe média possui em relação ao trabalho. Se ele é visto como oportunidade, como meio de ascensão social nada mais coerente do que colocá-lo como prioridade em termos de valor, o que nos leva à construção de uma segunda categoria:

ANTES E ACIMA DE TUDO UM TRABALHO

Unanimemente, as participantes comentam sobre a importância que é atribuída ao trabalho por suas famílias, o que se pode observar mediante suas falas.

Pochmann (2012), tanto em seu livro como em uma entrevista recente à revista *Carta Capital*, faz menção a uma suposta despolitização desses trabalhadores em ascensão, os quais seriam individualistas e consumistas. É possível que esta afirmação seja um tanto precipitada, uma vez que ainda não existem comprovações empíricas suficientes para sustentá-la. Porém, a contribuição de Marcio Pochmann neste momento é propor a alteração dos termos do debate, de

uma visão puramente econômica de ascensão de classe, para outra um pouco mais complexa, considerando-se a visão política de sociedade que a própria ascensão os impele a ter. Em princípio, devemos ter em mente a melhora das condições de vida de trabalhadores pobres, fruto do êxito de políticas públicas do governo federal, considerando os valores que carregam para esta nova classe, principalmente o trabalho.

Essa nova classe trabalhadora, em grande medida, trabalha de 10 a 14 horas por dia, tem dois ou mais empregos, trabalha de dia enquanto estuda a noite, e nas grandes cidades enfrenta horas de transporte público enquanto se desloca entre a casa e o trabalho. Também por esses motivos, ao contrário da classe média tradicional que tudo atribui ao mérito individual, a nova classe trabalhadora percebe sua ascensão como fruto do esforço individual e de privações, mas sabe que precisa contar frequentemente com alguma rede de solidariedade e laços fraternos entre os amigos e os vizinhos.

E1: Foi sempre mais a minha mãe, meu avô e minha avó, que é importante a gente trabalhar pra gente ter um futuro melhor, conseguir o que a gente quer, que não adianta ficar parado que a gente não vai conseguir nada na nossa mão, a gente tem que ir sempre atrás do nosso objetivo.

E2: Sim porque eu sempre vi o meu pai trabalhando, por mais que a minha mãe trabalhasse o meu pai estava sempre trabalhando,

E2: E foi uma das coisas que me chamou atenção no R., por ele trabalhar tanto do jeito como ele trabalha, [...] o tio dele me falou foi “esse cara sempre trabalhou, desde os 12, 14 anos ele ia pegar caixa na feira, fazia bico na feira”.

E4: É, eu penso assim que a mulher hoje em dia, é que depende de cada uma, mas eu vejo a mulher que não trabalha como, eu não acho uma coisa legal a mulher que não trabalha, eu não tenho uma boa visão de uma mulher que de repente não saia de casa pra trabalhar ou que trabalhe em casa, mas ganhando uma renda extra, entendeu, eu acho que a mulher tem que trabalhar e não tem que depender do marido, entendeu?

E4: Então eu penso assim, que aí, tem mulher que fala assim “Ah, mas por causa dos filhos”, não importa, mesmo tendo filho é possível fazer tudo, trabalhar fora, cuidar de filho, cuidar de marido, cuidar de casa, porque a mulher ela tem esse dom, ela consegue fazer muitas coisas, mesmo sendo uma só.

E5: Ela sempre falou que não era pra depender se um dia a gente casasse, principalmente pra nós mulheres, pra mim e pra minha irmã, se a gente casasse, tivesse filho que não era pra parar de trabalhar, que eles iam sofrer no comecinho, mas depois a gente que ia sofrer, que conseguir emprego é mais difícil porque está longe do mercado de trabalho, e ela sempre falou isso pra gente, então...

Um terceiro aspecto que muito chamou a atenção foi a busca por maior escolarização por parte das participantes, o que denota a assimilação de valores positivos quanto ao estudo transmitido pela família. Esta percepção pode ser traduzida pela categoria:

O ESTUDO É A CHAVE PARA TODAS AS PORTAS

De acordo com o Programa Vozes da Classe Média (Caderno 4), uma investigação a fundo do fenômeno promovida pela Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), Como seria de se esperar, a formalização cresce à medida que se passa de uma classe para a outra, mas o salto entre a classe baixa e a classe média é muito expressivo: de 26% para 56%. A diferença entre a escolaridade média das classes também é forte, com cinco anos para a baixa, oito anos para a média e 12 anos para a alta. Segundo o estudo, a taxa de ocupação e o grau de formalização são importantes para explicar a diferença de rendimento entre as classes, mas a educação provavelmente é o fator mais importante.

Apesar disso, ainda segundo este mesmo documento, a proporção de pessoas que acham que mais anos de educação levam a uma maior renda é a mesma na classe baixa e na média, de 58%. Na alta ela sobe para 64%. Curiosamente, 62% da classe média acha que a baixa educação atrapalha o desenvolvimento do país, mas só 58% pensa que sua renda aumentaria com mais anos de estudo.

Contemporaneamente, a maior parte desses jovens tem níveis de escolaridade mais elevados do que os dos pais, haja vista a caracterização de formação das participantes desta pesquisa, e estão conquistando uma melhor inserção profissional e seguem atentos para as mudanças tecnológicas, por isso eles são ouvidos com maior atenção dentro das suas famílias e comunidades,

atuando como referências prioritárias para a formação de opinião, de forma mais incisiva do que as propagandas e a própria televisão.

E2: Sim porque meu pai sempre foi de ter isso para os meninos, os meninos precisavam estudar pra ser alguém na vida, as meninas não precisavam, [...] eu fui pra estudar, eu me dediquei pra vida escolar, o meu negócio era o estudo, era de casa pra escola e da escola pra casa.

E4: O meu pai e minha mãe eles não tiveram estudo, só que ele sempre pregou que o estudo era importante, então ele colocou isso, inclusive todos os meus irmãos são super estudados, super inteligentes, totalmente diferentes do meu pai e da minha mãe, não que eles são, eles tem falta de conhecimento por falta de oportunidade [...] Então o meu pai nunca permitiu que nós faltássemos à escola, ele sempre colocou, frisou que era uma coisa bem importante, e partindo disso a gente estudou normal, no colégio normal, e após terminar veio o desejo, de crescer um pouco mais.

E4: Então, como ele não teve oportunidade na vida, teve que mudar de cidade pra ter uma oportunidade, ele falava que era por causa disso, que ele não teve oportunidade porque não teve estudo, então ele achava que o estudo trazia oportunidades, e aí com isso ele pregou em todos os filhos.

E4: De conseguir um emprego melhor, igual a ele, eu falo que ele é mestre de obras, mas ele poderia ter sido um engenheiro porque o mestre de obra é uma pessoa que faz a mesma coisa, que talvez o engenheiro faça, mas não tem estudo, entendeu? [...] Então ele não teve oportunidades porque ele não estudou, então ele achava que se a gente estudasse nós íamos ter. Então...mas a gente partiu disso, que o estudo era bom pra conseguir um emprego melhor.

E4: Então, eu lembro até quando eu estudava, quando eu era nova e o pessoal perguntava pra mim “o que o seu pai faz?” e eu ficava com vergonha, porque assim, ele era mestre de obras, e se ele tivesse um título, alguma coisa, ele seria engenheiro, então eu falava que ele era mestre de obras e todo mundo falava “ah ele é engenheiro”, e eu falava “não, não é”. E pra você ver, ele sabia tudo, mas não tinha uma formação.

E4: Você acaba sendo um pouco mais, não sei se é o termo que eu devo usar, valorizada, ou mais bem vista do que uma pessoa que não estuda, pra uma que estuda, faz uma faculdade, as pessoas visam uma pessoa melhor, nossa, ela faz

faculdade, não fica por aí, ah só teve filho, não estuda, não faz nada, tudo isso mostra que talvez você seja uma pessoa melhor...

E5: E ela sempre falava pra gente que a gente tinha que estudar porque senão a gente ia ficar nessa situação que nem ela, e ela não queria isso pra gente, que tinha que estudar, correr atrás, e tudo, que a gente foi indo, terminou os estudos e...

E6: Ah! pra I., tudo o que eu quero é que ela estuda, por causa que você tendo um estudo você tem tudo em mãos, por causa que o estudo você pode alcançar muitos objetivos importantes, principalmente na área da educação, e o que eu mais peço pra ela é pra se dedicar aos estudos.

E6: [...] você tem que ter um estudo bem, pra você falar bem, pra você agir de uma forma mais comportada, vamos supor quando você tem um estudo, a gente pode desenvolver muito a nossa fala, o nosso diálogo, e conquistar mais coisas, nosso objetivo pra ser alcançado por causa que a gente tem mais criatividade.

E6: Isso, meu pai sempre pediu, só que quando eu casei ele achou que eu ia parar os estudos, ele falou “casou e vai parar”, só que eu sempre falei que não ia parar, eu ia dar continuidade porque o estudo era mais importante pra mim do que o trabalho.

E6: Ah, ele fala assim que está muito orgulhoso por causa que é a única filha que continua --, ele fala desse jeito “Olha, você está de parabéns” por causa que ele não pensava que eu ia chegar onde eu tô chegando, as vezes ele achava que eu ia ser a primeira que ia parar mesmo, e não os outros que já estavam mais adiantados.

Uma quarta e última categoria que se mostrou relevante foi a questão da escolha da profissão. No passado, o ofício era passado de geração a geração. Com mudanças na economia, o mercado de trabalho se ampliou e os filhos passaram a se interessar por outras áreas, diante de tantas alternativas, porém ainda o que se observa é a preferência pela profissão ou pelo ramo de trabalho da família intergeracional, o que sugere que:

TUDO O QUE FAÇO APRENDI COM MINHA FAMÍLIA

Mesmo diante de alternativas, alguns ainda se espelham nos pais para escolher a profissão que seguem, talvez isso ocorra porque, antes mesmo das crianças irem para a escola ou saberem o que é uma profissão, o primeiro contato é com a que os pais exercem, independente de ser com sucesso ou não. São os pais

que ditam as regras quando eles são crianças. Não influenciar na escolha da profissão é difícil já que os valores são colocados à tona diariamente, sobre o que é bom e o que é ruim, o que é bonito, o que faz ganhar dinheiro.

Quando os pais possuem bastante sucesso na profissão que exercem, o peso na escolha da carreira por parte dos filhos é maior, porque eles veem o lado positivo com mais facilidade. Da mesma forma, os pais que não se dão bem na carreira podem influenciar negativamente os filhos. Muito além de influenciar na escolha da carreira por parte dos filhos, os pais ainda podem desenvolver uma pressão, caso a decisão seja por seguir seus passos profissionais.

E1: Porque eu sempre gostei, eu comecei a trabalhar numa escolinha eu tinha 15 anos, que era a escolinha da minha tia, e aí eu fui pegando o gosto, já trabalhei em outros lugares, e eu não gostei, aí eu voltei pra parte de educação.

E3: Ela era dona de transporte escolar também, que eu herdei dela isso daí.

E3: Meu pai, ele é comerciante, porém, ele tem uma firma de engenharia, então eu meio que segui o ramo dele --, e tem um meu tio que é irmão dele, que também é engenheiro, aí...

Elétrica também. Aí eu quis seguir o ramo deles, porque eles têm tudo firma, tudo junto a firma, são quatro firmas que se transformam em uma praticamente, então eu quis seguir com eles o ramo.

E5: Só, dos irmãos da minha vó, só que eu conheço é minha tia que mora no mesmo quintal que a gente lá, e trabalhou a vida inteira na escola como inspetora e na Secretaria, minha avó também trabalhou a vida inteira em escola, e minha outra tia, ela tem um restaurante, um barco flutuante que tem lá no Riacho, tem um restaurante.

E5: Aham, minha avó também na época vida dela que ela deu aula também, ela deu aula, então quando éramos pequenos ela tinha muitas coisas de crianças, livros e apostilas, a gente brincava o tempo inteiro de escolinha com as coisas que ela dava aula quando era jovem. Tinha até uma pasta azul assim que a gente achava o máximo e dava briga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos depoimentos das participantes, aquilo que ficou mais presente foi a questão da autonomia nas decisões em suas vidas e independência para não precisarem se submeter à ninguém, o que diferiu e muito das vidas de suas próprias mães. Sob o ponto de vista das famílias desta nova classe média, observa-se a ênfase no trabalho como um dos poucos caminhos para conquistar estes dois aspectos.

Por este motivo, a música “Janaína” da banda Biquini Cavado foi escolhida como representativa deste artigo. Sua letra conta a história de uma moça melancólica e esperançosa, desgastada com seu cotidiano, porém que não se deixa abater. Com certeza todos nós já devemos ter conhecido alguma Janaína. Ela é aquela mulher que acorda todo dia as quatro e meia e quando vai para cama tem a impressão que o dia não passou e que nada aconteceu. E apesar disso tudo ela tem sonhos. Como ela, que acredita nos sonhos, existem milhões de mulheres em todo o país. Janaina é um retrato de todas as mulheres que vivem no mundo muito real, que têm que batalhar para sobreviver e que, muitas vezes, são obrigadas a “engolir” os reveses da vida. Esta resistência muitas vezes é transmitida de avó para mãe, e de mãe para filha.

Neste sentido, o fator intergeracional contribui em muito para a adoção destes valores, que são apresentados a cada mulher, inclusive à emergente, para colocá-los em prática de acordo com sua maneira de pensar.

A falta de oportunidades é o motivo alegado para a baixa condição social anterior de sua família, agregada a uma baixa escolaridade dos pais. O trabalho, neste sentido, não é só um valor adotado para que elas se sintam valorizadas como pessoa, mas que também lhes garanta, principalmente, independência financeira.

Por sua vez, o estudo é fundamental nesta busca por autonomia, mas não é uma razão necessária para uma condição mais favorável, existe também a crença na questão “das oportunidades”, “do destino”, “da sorte”, muito presentes nas crenças de migrantes.

Embora a ambiguidade desta questão, o interessante é que se observa nelas um sentido de carreira, que corresponde a um projeto de vida e de profissão, que foge aos padrões de suas avós e mães.

Mais do que representar acesso à própria autonomia, o estudo é fundamental para estas mulheres no sentido de garantir sua posição no mercado de trabalho. Muito embora, a expansão e a heterogeneidade do próprio trabalho tenham aberto possibilidades diferenciadas de campos nos quais as mulheres da nova classe média se inserem, ainda optam por profissões tradicionalmente femininas (professoras, por exemplo).

Independente da profissão adotada, a geração mais nova, representada pelas participantes deste estudo, recebeu de suas mães a valorização dos ideais de autonomia e de independência.

Um dos aspectos que também precisa ser considerado é que a busca por maior escolarização pode estar relacionada às dificuldades do próprio mercado, e não a uma real valorização do estudo como projeto de vida.

Embora o legado transmitido às filhas seja no sentido de valorização do projeto de autonomia e independência, a concepção de uma vida autônoma parece estar mais atrelada aos trânsitos entre mundos sociais e menos à profissionalização como parece ter sido as trajetórias de suas mães.

Com perspectivas geracionais distintas e com discursos e práticas que indicam mudanças sociais, as mulheres participantes têm, em comum, vivências de conflito especialmente nas relações intergeracionais de gênero.

Nos depoimentos das participantes encontramos disposições para mudança de perspectiva para a vida futura, com projetos de vida de ascensão social respaldados numa crença de que o estudo e o trabalho sejam os veículos apropriados para isto. Neste sentido, a educação superior e a consequente obtenção de um trabalho mais rentável são garantia de distinção com as gerações anteriores, e transforma-se também numa expectativa para se evitar declínios sociais em função de instabilidades econômicas que possam atingir nosso país.

REFERÊNCIAS

Acosta, A.R.; Vitale, M.A.F (Org.) (2007). *Família, redes, laços e políticas públicas*. (3a edição). Sao Paulo: Cortez Editora/IEE/PUC/SP.

- Barros, M.M.L. (2013) *Transmissão de valores na família e conflitos intergeracionais: experiências femininas*. Cadernos Adenauer XIV nº3. 2013. p. 125-143. Recuperado de <http://www.kas.de/wf/doc/11288-1442-5-30.pdf>.
- Cervený, C.M.O. (2011) *Intergeracionalidade – Heranças na produção do conhecimento*. São Paulo: Roca.
- Cervený, C.M.O.; Berthoud, C.M.E. 2002. Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C.M.O. e cols. (1997). *Família e Ciclo Vital – nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cervený, C. M. O. (1994). *A família como modelo descostruindo a patologia*. São Paulo: Editorial Psy II.
- Fonseca, C. (2010). *Quando tecnologia, lei e família convergem: questões de gênero e geração em conexão com testes de paternidade*. Antropolítica (UFF), vol. 26.
- Lins de Barros, M. M. (1987) *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- McGoldrick, M.; Gerson, R.; Petry, S. (2012). *Genogramas: avaliação e intervenção familiar*. Trad. Sandra Maria Mallman da Rosa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed.
- Penso, M.A.; Costa, L.F.(Orgs.). (2008) *A transmissão geracional em diferentes contextos – da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus.
- Pochmann, M.O. (2012). *Trabalho na Base da Pirâmide Social Brasileira*. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. *A média faz a diferença – Origens e desafios da nova classe média brasileira. 45 curiosidades sobre a nova classe média*. Recuperado de http://www.sae.gov.br/novaclassemedia/?page_id=58.

Serasa Experian. Marketing Services. (2014). *Dados inéditos da Serasa Experian e Data Popular revelam faces da classe média, que movimenta 58% do crédito e injeta R\$ 1 trilhão na economia.* Recuperado de <http://noticias.serasaexperian.com.br/dados-ineditos-da-serasa-experian-e-data-popular-revelam-faces-da-classe-media-que-movimenta-58-do-credito-e-injeta-r-1-trilhao-na-economia/>>.

Souza, J. (2010) *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Torres, A, Mendes R e Lapa, T. (2007) *Família e trabalho na Europa.* (p.170). In Araujo, C.; Picanco, F.; Scalon, C. (Orgs.) *Novas conciliações e antigas tensões? Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada.* Bauru, SP: EDUSC.

UOL Economia. *Pesquisa divide classe média em promissores e batalhadores; qual você é?* Recuperado de <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/18/pesquisa-divide-classe-media-em-promissores-e-batalhadores-qual-voce-e.htm>.

CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS

María, María

Milton Nascimento

*María, María, é um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta
María, María, é o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta*

*Mas é preciso ter força, é preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
María, María, mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possuí a estranha mania de ter fé na vida*

CONSIDERAÇÕES FINALIZADORAS

Intencionalmente reservei “Maria, Maria” de Milton Nascimento e Fernando Brandt, para retratar as mulheres que compuseram estes estudos. Isto porque esta música evidencia a Maria que representa a mulher comum. Maria é a mãe, é a avó, é a trabalhadora... São mulheres tangíveis que circulam e se cruzam incessantemente em seu dia-a-dia, mediante falas, gestos, projetos, comuns ao cotidiano de seu universo. Estas mulheres que possuem a marca “Maria, Maria” eu as visualizo, particularmente, nas fileiras das mulheres emergentes da nova classe média brasileira.

Trata-se de uma mulher trabalhadora e guerreira, que tem ideais, entretanto tem dificuldades, e mesmo assim sabe conduzir autenticamente sua vida. É uma mulher com gana, com manha, com graça, e especialmente “tem fé na vida” para alcançar seus desejos, sonhos e objetivos.

A meu ver, sendo “Maria, Maria” uma letra atemporal, composta lá pelos idos de 1960, época da Ditadura Militar, pode perfeitamente ser tomada como uma homenagem à mulher emergente da nova classe média brasileira que com força, garra e coragem luta por aquilo que acredita.

Muito embora tenha sido econômico o critério adotado para a ascensão de milhões de brasileiros para a nova classe média brasileira, o sociólogo Jessé Souza (2010) sugere que outros parâmetros também devam ser considerados. Parâmetros estes que vão além daquele que entende o conceito de capital não apenas como uma categoria econômica, mas que também incluía tudo que assegure acesso privilegiado aos bens e recursos na sociedade.

Sob o ponto de vista deste autor, além do capital econômico, há um capital cultural e um capital social. Sob esta perspectiva, ascender socialmente somente seria possível a quem atinja as pré-condições para a incorporação de distintas formas de conhecimento e de capital cultural, sendo que este último seria a porta de entrada para qualquer dos setores do sistema capitalista.

Se nos pautarmos por esta concepção, as mulheres da nova classe média brasileira reúnem, agora, muito mais condições para que possam ascender socialmente. Se lá pelos idos de 2003, esta ascensão deveu-se apenas a razões econômicas, hoje em dia, a realidade já não é mais a mesma. O estudo e a busca

por maior formação fazem parte do mundo da mulher emergente, legitimando sua aquisição de capital cultural, o que vem ocorrendo paulatinamente.

Na medida em que concretizam sua meta de maior escolaridade, estas mulheres têm seus horizontes alargados, em decorrência suas aspirações começam a ir além do consumo de eletrodomésticos e aquisição da casa própria, denotando-se nesta peculiaridade uma ampliação de visão de mundo. Uma vez tendo sido econômicos os critérios para a ascensão para uma nova classe social, previsivelmente os estudos que são feitos para melhor compreender seus integrantes, na maioria das vezes, ainda se reportam a aspectos desta natureza, porém seus achados podem nos oferecer uma leitura diversa daquela a que se propõem.

Recentemente (18.02.2014), o Instituto Data Popular e a Serasa Experian¹ divulgaram um estudo que divide a nova classe média brasileira, em relação ao consumo, em quatro perfis: promissores, batalhadores, experientes e empreendedores.

Os "batalhadores", segundo estes dois institutos, totalizam 30,3 milhões de pessoas. É o maior grupo e o que mais consumiu no ano de 2013: suas despesas chegaram a 388 bilhões e 93 milhões de reais. São pessoas que veem, no emprego, o caminho para a estabilidade e para a realização de sonhos e desejos. Hoje (2014), o alvo de consumo dos Integrantes deste grupo já se ampliou, sendo que gastam seu dinheiro, sobretudo em turismo nacional, veículos, eletroeletrônicos, imóveis, móveis, eletrodomésticos e seguros. Entre esta população há a expectativa de um futuro melhor para seus filhos.

Obviamente a terminologia adotada para os resultados desta pesquisa, associa o nível de consumo aos perfis psicológicos que subjazem ao comportamento destes consumidores. Após as pesquisas e as reflexões que realizei para estes estudos, tudo isso leva-me a pensar que a mulher emergente, merecidamente, pode ser caracterizada como "batalhadora" não pela quantidade, muito menos por aquilo que consome. A meu ver, sua condição de "batalhadora" justifica-se muito mais por acumular como mulher/mãe/profissional dupla e, às vezes, até tripla jornada de trabalho sem, contudo abandonar seus sonhos. Não há dúvidas, que para assumir e

¹ O estudo "Fases da Classe Média" demorou um ano para ser finalizado e tem por objetivo ajudar empresas, agências de publicidade e governos a elaborar ações com foco nesses consumidores. Disponível em: <http://www.folhades.com/noticia/2014/02/22/pesquisa-divide-classe-media-em-promissores-e-batalhadores-qual-voce-e.html> Acesso em 15.03.2014

dar conta de todos estes compromissos necessita de uma boa dose de obstinação. Assim, associa-se à figura da mulher emergente a imagem de alguém que se dedica incondicionalmente ao trabalho, tendo em vista a realização de suas metas: autovalorização mediante os cursos de formação que frequenta e a conquista de postos de trabalho fora do lar.

Com o ingresso da mulher emergente no sistema produtivo, houve uma mudança na dinâmica familiar, porém, aos poucos, ela foi adquirindo novos valores e pontos de vista, abrangendo os variados setores de sua vida. Independente destas mudanças, as distinções entre a mulher e o homem se manifestam, ainda hoje, nos discursos sociais e nos veículos da mídia, e têm um enorme papel em sua divulgação, entre eles a música popular brasileira, como ficou evidenciado nesta pesquisa.

Ao observar o cotidiano das mulheres emergentes, conforme dito nos artigos anteriores, é possível identificar significativas mudanças em sua vida e na de sua família. Porém, em minha opinião, estas mudanças ganham realce quando elas começam a se reconhecer como trabalhadoras, produtoras e cidadãs, sujeitos de direitos, passando a valorizar o trabalho que realizam e as ações em que estão inseridas.

Em meio a seu percurso constante de auto-organização, vão se apropriando do sentimento de serem corajosas e vencedoras, e aos poucos vão superando as dificuldades e resistências encontradas nas relações de gênero, sentidas tanto no âmbito doméstico quanto no público. Em seu dia-a-dia, estas mulheres vão exercitando práticas, saberes, habilidades e potencialidades, aprendendo a conviver com as dificuldades e desafios próprios de sua realidade. Em suma, vão se capacitando a construir estratégias e alternativas de vida para enfrentarem as desigualdades sociais e de gênero, produzidas e sustentadas pelas ultrapassadas estruturas do sistema patriarcal.

Neste momento, retomo uma das questões disparadoras desta tese: Quais as implicações de todas estas mudanças que vêm ocorrendo na vida da mulher emergente? Claro que desconstruir as relações desiguais de gênero, por exemplo, na divisão de tarefas no âmbito doméstico, ainda é uma tarefa a se completar. As mulheres continuam tendo muita dificuldade para conciliar o tempo nas atividades profissionais e domésticas. Outro desafio frente à divisão sexual do trabalho refere-se à participação social das mulheres nos diversos espaços de decisão e de poder.

Desta forma, sem a intenção de assumir afirmações irrefutáveis, creio que tem havido, de fato, um processo de empoderamento das mulheres emergentes, motivado por sua inserção no mercado formal e até mesmo informal de trabalho, por sua busca por maior escolaridade, e por sua necessidade de conciliar atividades dentro e fora de casa. Tudo isto as obriga a criar estratégias que lhes possibilitem conciliar as necessidades dos variados setores de sua vida, inevitavelmente, forçando-a a ter maior poder decisório.

Tal empoderamento é manifesto e revelado num crescimento pessoal que se pode constatar simplesmente presenciando, escutando e observando momentos do cotidiano dessas mulheres. Sob esta perspectiva, há que se considerar a flexibilidade como um critério importante para compreender pessoas que estão nesse processo de crescimento e evolução. Neste sentido, entendo que elas se fortalecem quando suas capacidades, competências, e habilidades para realização de variadas atividades são reconhecidas.

Acredito também que o empoderamento destas mulheres acontece de forma processual, tanto no aspecto individual, quanto social. Como foi evidenciado no quarto artigo desta tese, também o processo de empoderamento ocorre de acordo com o contexto, história de vida, tempo, lugares e espaços a depender de cada integrante desta classe, de forma distinta do que acontece para a classe social como um todo.

Conforme visto nas falas das participantes, umas confrontam as estruturas machistas e domínio patriarcal nos espaços de decisão e de poder domésticos, outras reivindicam o direito de estudar, abrindo mão de uma imagem de boa dona de casa, e ainda há aquelas que provocam mudanças nas relações domésticas, chamando os homens às suas responsabilidades, lembrando-os de sua condição igualitária no relacionamento.

Enfim, focada em seus objetivos e metas, as mulheres emergentes em seu cotidiano consolidam a aprendizagem do exercício de poder, de coragem, de desejo de vencer, já presentes nelas, sempre em processo, sempre se fazendo e refazendo-se, evolutivamente.

REFERÊNCIAS DA TESE

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **ABNT NBR 14724 Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação**. Rio de Janeiro, Terceira edição 17.03.2011. Válida a partir de 17.04.2011.

_____. **ABNT NBR ABNT 6022. Informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2003.

BEZZON, L.C.(Org.). **Guia prático de monografias, dissertações e teses: elaboração e apresentação**. São Paulo: Editora Alínea, 2004.

BERTHOUD, C.M.E. **Workshop Metodológico – “A arte e a técnica de produzir conhecimento”**, 2003, p. 19.

_____. CERVENY, C.M.O. e cols. **Família e Ciclo Vital – nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da Pesquisa Qualitativa - Teorias e abordagens**. 2º ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 17-23.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p.136.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos da Metodologia Científica – Teoria da ciência iniciação à pesquisa**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MACEDO, T.E.C.R. **Avaliação Participativa com grupos de pais: uma contribuição ao campo das práticas avaliativas**. 2008. 216 fls. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SECAF, V. **Artigo científico – do desafio à conquista**. 5 ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Atheneu, 2010.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte II (APA)**. São Paulo: Sistema Integrado de Bibliotecas da USP, 2009. 85 p.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APENDICE



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo, 21 de novembro de 2012

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Titulo da Tese de Doutorado: As relações da mulher emergente da nova classe média brasileira com o trabalho.

Eu, Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macêdo, aluna do Curso de Pós-graduação em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Núcleo de Família e Comunidade, venho desenvolvendo o projeto de Tese intitulado: **As relações da mulher emergente da nova classe média brasileira com o trabalho.**

O presente projeto tem como objetivo: **Compreender quais são as relações da mulher emergente da nova classe média brasileira com o trabalho.**

Como participantes desse estudo serão convidadas mulheres emergentes da chamada nova classe média brasileira.

Analogamente, denominarei a mulher da nova classe média brasileira, como emergente, pois ela também está despontando nos vários setores no mundo profissional, como Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul (BRICS), países emergentes, que estão despontando no cenário mundial por possuírem bom crescimento economico.

Serão realizadas entrevistas com temas referentes ao trabalho, memorial sobre o trabalho da família e o Genograma profissional, que serão analisados

qualitativamente, possibilitando o re(conhecimento) dos padrões familiares transmitidos sobre o valor do trabalho, vividos tanto no passado, como no presente.

Cabe ressaltar que os procedimentos acima descritos são de baixo risco. No entanto, estarei atenta para eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de intervenção e consequente encaminhamento da participante.

As participantes não receberão nenhuma compensação financeira ou benefício direto por participarem do estudo. No entanto benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação.

O sigilo em torno da identidade e da privacidade das participantes ficam garantidos por esse termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas e as fitas inutilizadas após seu uso. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo ao participante (se for cliente de alguma instituição afirmar que a recusa não implicará em prejuízo ao atendimento na entidade).

A pesquisadora coloca-se a disposição para informar os resultados obtidos, que também ficarão disponíveis na Biblioteca Nadir Kfourri da PUC-SP e poderão ser divulgados para fins acadêmicos.

Consentimento Pós-informado

Eu, _____, portador do R.G
_____ declaro:

- Haver compreendido os objetivos da pesquisa: **As relações da “mulher emergente” da nova classe média brasileira com o trabalho**, inclusive os riscos envolvidos;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio (ou vídeo) dos procedimentos, com o compromisso do pesquisador de que as fitas serão inutilizadas ao término do trabalho;
- Haver autorizado a divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Assinatura da participante

Endereço:

Fone:

Pesquisador Responsável:

Teresinha Elisete Coiahy Rocha de Macedo

RG: 11.237.919

Fone: (11) 3423-7065

Assinatura da pesquisadora

São Paulo, ___ de _____ de 2013.